CAHILL VS. VESPER



A TODA PROVA

ROLAND SMITH



LIVRO 4

editora ática

Lembrem-se disto: e então eram seis.
E então eram seis.

As missões de Vesper Um estão cada vez mais impossíveis: agora, Amy e Dan precisam roubar o diamante Jubileu de Ouro, fortemente guardado no Museu Pergamon, em Berlim. Desesperados, eles põem tudo a perder... ou quase!

Enquanto isso, Jonah, Hamilton e Erasmus seguem pistas que podem revelar informações cruciais sobre o inimigo. E, em um cativeiro escondido em algum lugar do globo, os reféns finalmente têm uma chance real de fuga.

Capítulo 1

No ônibus para Berlim, Alemanha

— Fones Bluetooth são uma coisa tão nerd — comentou Dan Cahill.

— Pode ser, mas eles liberam as mãos para navegar na Internet, roubar joias de valor inestimável e comer doces — Atticus emendou, dando uma grande mordida em um *strudel* de maçã.

— E também para tirar meleca do nariz — completou Dan, fazendo Atticus rir e cuspir um pouco de doce no assento da frente, onde a irmã de Dan tentava dormir.

Amy tinha ouvido toda conversa inútil (e sentido os pedaços de *strudel*semimastigado salpicarem sua cabeça), mas resistiu à forte tentação de virar e mandar os meninos calarem a boca. Estava contente com a volta do Dan pateta, que agia como um completo idiota. O irmão tinha amadurecido muito nas últimas semanas, e Amy não gostava de como ele estava ficando. Dan tinha visto coisas demais, rápido demais, e ela vinha notando algo de sombrio nele.

E a pressão sobre os dois só aumentava. Vesper Um não estava apenas um passo adiante deles, e sim quilômetros à frente. Não só sabia o que iam fazer antes que fizessem como parecia descobrir até mesmo o que estavam pensando. *Mas, até agora, nenhum refém morreu,* Amy pensou. *Completamos todas as tarefas ridículas e perigosas que Vesper Um exigiu de nós. Nossos familiares ainda estão vivos.*

Ela se perguntou quanto tempo aquilo ia durar.

Sete membros da família Cahill tinham sido sequestrados, e um homem conhecido somente como Vesper Um ameaçava matá-los um por um, a não ser que Amy e Dan cumprissem uma série de tarefas bizarras. Ele controlava os movimentos dos irmãos como um manipulador de fantoches, brincando com eles, distribuindo ordens, deixando-os sem escolha a não ser obedecer. Era esse o motivo de Amy estar em um ônibus no meio de uma tempestade de neve (seu

voo tinha sido cancelado), avançando persistentemente em direção ao próximo alvo.

— Descobri que Berlim não é o único lugar onde o tempo está esquisito — Atticus disse a Dan.

O longo voo de Samarcanda mal tinha aterrissado em Heidelberg quando o aeroporto foi fechado por causa da queda de neve mais adiantada na história da Alemanha. A companhia aérea pôs os irritados passageiros num ônibus que faria o trajeto enlameado de seis horas até Berlim.

— Attleboro está enfrentando uma onda de calor: mais de 30 graus. O noroeste do Pacífico, onde em alguns pontos costuma chover mais de dois mil mililitros, está sofrendo com uma seca. Os climatologistas estão quebrando a cabeça para entender todas essas estranhas mudanças.

Dan não estava prestando atenção.

— Você cuspiu *strudel* no seu laptop — apontou.

Isso deu início a mais uma rodada de risadinhas histéricas, fazendo vários outros passageiros xingarem em alemão e dizerem "Xiu!", o que os meninos ignoraram por completo.

Amy sacudiu a cabeça. Ouvindo os dois garotos, ninguém imaginaria que poucos dias antes Atticus quase tinha sido assassinado. Ela tirou um pedaço de *strudel* do cabelo. *É como se nada tivesse acontecido. Mas aconteceu. Coisas piores aconteceram...*

Olhou pela janela para a neve que caía sob a fraca luz acinzentada e afastou com firmeza as preocupações da cabeça. Estavam entrando em Berlim para a próxima missão. Vesper Um tinha mandado mais uma mensagem enigmática no telefone que funcionava via satélite e que ele tão gentilmente fornecera. Toda vez que aquele celular apitava, Amy sentia o medo bater fundo na barriga.

Bem, hora de comemorar. E que lugar melhor que a divertida Berlim? Cidade onde mora uma joia de valor inestimável em um museu muito

bem vigiado. Espero que tenham ouvido falar dela. Porque sua próxima missão é justamente roubá-la. E entregá-la para mim.

Obrigada desde já. E um alegre Guten Tag! do tio Alistair.

Vesper Um

O manipulador dos fantoches em ação, pensou Amy com amargura. *Nenhuma menção ao nome do museu ou da joia, ou ao tempo que temos para roubá-la antes que ele mate um dos reféns.*

Jake Rosenbloom, o meio-irmão mais velho de Atticus, estava dormindo profundamente no assento da janela ao lado de Amy. Era um idiota arrogante, mas ela precisava admitir que era realmente bonito, mesmo com os olhos castanhos fechados, os lábio entreabertos e uma pequena gota de baba escorrendo no canto da boca. Olhando para ele, seus próprios lábios deslizaram formando um sorriso, até ela se dar conta disso e abruptamente fechar a cara.

Não há motivo nenhum para sorrir!, lembrou a si mesma.

Os meninos estavam silenciosos demais. Amy olhou para trás para ver que encrenca haviam arrumado. Dan estava no assento da janela e olhava para o smarthphone. Atticus estava encurvado no assento do corredor, os *dreads* balançando sobre a tela do laptop enquanto seus dedos ágeis voavam pelo teclado como um pianista virtuose.

— Algum sucesso na procura pelo museu que temos que... — Amy não queria dizer "roubar" por medo de que outras pessoas ouvissem.

Atticus balançou a cabeça em negativa.

— Há mais de 170 museus e galerias em Berlim. É impossível saber qual deles tem...

— O que estamos procurando — Amy o interrompeu.

Atticus era um gênio, mas tinha só 11 anos. Às vezes esquecia que alguém poderia estar bisbilhotando.

— Ahn... certo — ele disse, dando uma olhada rápida nos outros passageiros.

— Chegamos — anunciou Dan, desembaçando a janela com a mão. Olhou para Amy. — Qual é o plano?

— Não tenho plano... Frederick.

— Frederick?

— Frederick Wimple — respondeu Amy.

Era só a mais recente de uma série de identidades, passaportes e certidões de nascimento falsificados pela equipe Cahill no centro de comando em Attleboro. *De onde Sinead tira esses nomes?,* Amy se perguntou.

— Estou brincando — disse Dan em voz alta, tentando encobrir seu lapso. — Você sabe que detesto quando me chama de Frederick. Me chame de Fred, senão vou começar a chamá-la de Fi em vez de Fiona.

— Desculpe, Fred — Amy revirou os olhos.

O ônibus parou e as luzes internas acenderam.

Os olhos de Jake abriram de repente e ele pulou na poltrona.

— Onde estamos?

— Aeroporto Internacional de Brandenburgo — informou Amy.

Atticus espremeu a cabeça entre as poltronas.

— Berlim, mano. Ainda está nevando.

— Ótimo — disse Jake, enxugando o canto da boca e esticando o pescoço.

Amy sorriu novamente, mas quando Jake viu e sorriu de volta, ela fechou a cara e lançou-lhe um olhar furioso.

Dan franziu os olhos.

— O que foi, Fiona?

— Só estou feliz que vamos descer deste ônibus — retorquiu ela.

— Sei — disse Dan.

* * *

Encontraram a luxuosa van esportiva que haviam alugado no fundo do estacionamento.

— Eu dirijo — disse Dan.

— Vá sonhando, Frederick — comentou Amy. — Você nem tem carteira de habilitação.

— Eu vou na frente! — Atticus gritou, pulando no assento do passageiro.

— Eu não queria sentar aí mesmo — alegou Dan, subindo no banco de trás ao lado de Amy.

Jake se acomodou no banco do motorista e ligou o motor, mas, antes que pudesse ajustar os espelhos, luzes azuis surgiram piscando atrás deles. Um carro de polícia tinha bloqueado o caminho.

O estômago de Amy deu um nó. *Interpol?* Já tinham sido pegos. Olhou nos olhos de Jake pelo retrovisor.

— Talvez só estejam checando os carros alugados que estão saindo do estacionamento — ele sugeriu.

— E talvez seja mais que isso — retrucou Amy. — Se formos presos, um refém vai morrer!

Dois policiais gigantes saíram do carro.

— Saiam do veículo! — um deles gritou. — *Schnell!*

— Lembre: seu nome é Fred Wimple — sussurrou Amy para o irmão enquanto desciam do carro para esperar ao lado.

— Passaportes! — o maior deles disse secamente.

— Estão na mala — explicou Jake, mantendo a voz calma e firme.

— Então pegue!

— Claro. Sem problemas. Não precisa gritar.

Jake abriu o porta-malas, mas, quando esticou o braço para alcançar a mochila, o segundo policial empurrou-o com força para o lado.

— Ei! — Jake cerrou os punhos.

Amy fez um sinal discreto para ele com a cabeça. Alguma coisa estava errada com aqueles policiais. *Se eles sabem, por que não nos prendem simplesmente? Por que toda essa confusão?*

Jake respirou fundo.

O segundo policial pegou a mochila, virando-a de ponta-cabeça e a sacudiu, deixando tudo cair.

Jake deu um passo à frente, mas Amy segurou seu braço.

— Deixe pra lá — sussurrou ela.

O policial encontrou o passaporte falso de Amy, depois mexeu nas outras mochilas até juntar todos os quatro em uma mão.

— O que estão fazendo em Berlim?

— Viemos passear — Amy gaguejou, os joelhos fraquejando.

— Qual o nome do seu hotel?

— Nós... estávamos indo procurar um.

Os policiais olharam para Dan.

— Frederick Wimple?

— Certo — respondeu Dan.

— Errado — devolveu o policial. — Seu passaporte é falsificado. Seu nome é Dan Cahill. — Ele tirou a pistola do coldre. — E vocês estão todos presos!

Amy deixou escapar um suspiro de horror. A cabeça de Dan virou em direção à saída mais próxima. Ela seguiu seu olhar. Estava a trinta metros. Nunca conseguiriam chegar lá.

O segundo policial tirou do cinto quatro algemas flexíveis.

— Virem-se e pinhas as mãos na cabeça.

Jake colocou-se na frente da pistola, protegendo os outros.

— Deve haver algum engano — disse, tentando ganhar tempo.

— Não é engano. Virem-se. Todos vocês!

Houve uma pausa agonizante durante a qual avaliaram as opções disponíveis e perceberam que não tinham nenhuma.

— É melhor obedecermos — disse Amy, derrotada.

Relutante, Jake virou-se com os outros. Amy se apoiou no irmão, esperando as algemas de plástico apertarem seus pulsos. Mal deram dois passos em Berlim e já tinham falhado.

Qual refém vai morrer? Qual refém acabamos de matar?

— Tem algo errado — sussurrou Jake.

— Eu sei o que é — respondeu Dan, cochichando. — Estamos num estacionamento com dois gigantes com distintivos, armas e nenhuma testemunha. Precisamos...

Eles ouviram duas portas bater, seguidas do chiado de borracha no asfalto. Amy virou a cabeça e avistou o carro de polícia saindo do estacionamento a toda velocidade. Por um segundo, os quatro ficaram atordoados demais para se mexer.

— Rápido! Vamos sair daqui! — alertou Amy.

Bem nessa hora, o telefone Vesper tocou.

Ha, ha, ha. Assustei vocês! Uma bolsa dentro da sua bolsa. Substituam a cópia pelo verdadeiro no Museu Pergamon. Como se atrasaram, vocês têm só duas horas antes de fechar. Se falharem, a morte chegou para o tio Alistair (a pedido de Dan), e talvez eu inclua o mais novo como bônus... o primo Phoenix. Ah, e falando em coisas mortas, inutilizei o telefone que vocês roubaram de Luna. Não podem mais entrar em contato comigo. Estou muito zangado com vocês. Informarei qual será o castigo. Tenham um bom dia. :)

Vesper Um

Dan deu um soco no carro.

— Ele vai nos punir usando Alistair!

Amy passou a mão de leve no ombro do irmão.

— Não sabemos.

— Amy está certa — disse Jake. — Ele só está provocando a gente. O único jeito de manter a cabeça no lugar é ignorá-lo e dar conta da missão.

Amy não gostou do olhar com que Dan se virou para Jake.

— Pra você é fácil falar. Você nem conhece o Alistair!

— Parem! — Amy ordenou. — O tanto de testosterona que vi nos últimos cinco minutos dá para uma vida inteira. Precisamos manter o foco.

Ela pegou o celular rosa de Luna e jogou-o para Dan.

— Cheque o telefone — olhou para Jake e Atticus. — Me ajudem a colocar essas coisas de volta na mochila.

— O telefone já era — avisou Dan após um segundo.

Arremessou-o contra um pilar de cimento e o aparelho se partiu em cem pedaços cor-de-rosa.

— Isso era necessário? — perguntou Amy.

— Provavelmente não — respondeu Dan. — Mas valeu a pena.

Amy balançou a cabeça, e então percebeu um objeto na pilha que não estava em sua mochila antes. Era uma pequena bolsa de veludo preto. Apanhou-a.

— O que é isso? — Dan quis saber.

— “Uma bolsa dentro de sua bolsa” — Atticus lembrou.

Amy desamarrou o cordão e despejou sobre a palma da mão um diamante do tamanho de um marshmallow.

Capítulo 2

Pompeia, Itália

V-1: Contato estabelecido com os Cahill. Exatamente como esperávamos. Vou rastreá-los. Posso matar. Espero instruções.

– V-4

V-4: A armadilha está pronta. V-5 está a postos. Prossiga.

– V-1

Erasmus Yilmaz sentou-se na beirada de uma estrutura de pedra em Pompeia, desejando não saber que, na Antiguidade, escravos usavam aquele local para lavar as roupas de seus mestres. Com urina.

A antiga lavanderia ficava em um lugar fechado, mas tinha uma boa vista para a praça em frente. Diante de Erasmus havia uma grande abertura. Tinha escolhido aquele lugar para que pudesse observar a multidão sem ser visto.

Pompeia é uma morta, pensou. *Ter vindo aqui não ajudou em nada. Mas para onde iremos em seguida?*

Erasmus percebeu um raro sorriso no rosto.

Nós.

Ele não se sentia parte de uma equipe desde menino.

Fugindo com mamãe... O sorriso desapareceu.

Quando Erasmus tinha apenas 3 anos, seu pai foi assassinado pelos Vesper. Japão, Rússia, Índia, Canadá. Erasmus e sua mãe nunca passavam mais do que alguns meses no mesmo lugar. Ele não ia à escola, mas aprendeu nove línguas e leu mil livros durante o período de fuga.

Nós.

Quase começaram a acreditar que a ameaça tinha desaparecido, mas os Vesper finalmente atacaram. Ele estava na aula de artes

marciais quando começou o incêndio no prédio onde moravam. Várias pessoas morreram, incluindo a mãe de Erasmus. Os Vesper eram reais demais.

Erasmus voltou a prestar atenção na praça onde havia pelo menos cem pessoas. O Vesúvio soltava fumaça lá no alto, mas ninguém olhava para o vulcão. A atenção de todos estava voltada para a van do programada de televisão *De olho nos desastres!* e seu famoso meteorologista, Sandy “Brisa” Bancroft.

Eramus não teve dificuldade em encontrar seus companheiros na multidão. Hamilton Holt era 30 centímetros mais alto e mais largo que qualquer outra pessoa. Jonah Wizard estava usando um moletom preto com capuz, embora o tempo estivesse ótimo. Ele devia estar com calor com aquele capuz e a barba falsa que tinha sido obrigado a usar para disfarçar seu rosto famoso.

Erasmus não ficou contente quando Amy colocou adolescentes para trabalhar com ele, mas, para sua surpresa, tinha começado a gostar dos dois. Eles eram dedicados à causa e estavam dispostos a fazer qualquer coisa – até mesmo viajar juntos. Os garotos eram completamente diferentes um do outro. Erasmus sorriu mais uma vez. *Jonah tem a batida da música na cabeça, Hamilton quer bater na cabeça das pessoas.*

Erasmus tinha mandado que se juntassem à multidão e não falassem com ninguém. A tarefa era se misturar e ouvir. Ele sabia que não escutariam nada que valesse a pena, mas não era essa a questão. Estava treinando os dois, com a esperança de que um dia um deles ocupasse seu lugar.

Quando estava prestes a chamar os garotos de volta, chegou uma mensagem de texto de Jonah.

Luna Amato está aqui.

O que ela está fazendo?, Erasmus escreveu de volta, sentindo uma onda de raiva no peito.

Olhando o cara da TV.

Ela reconheceu você?, Erasmus perguntou.

A resposta veio imediatamente: *Não. E estou a 1,5 metro de distância.*

E Hamilton?

Está bem do meu lado. Ele chama a atenção, mas ela nem olhou pra ele.

Outra mensagem surgiu na tela: *Espere! Ela está indo pra algum lugar*.

Apenas cinco dias antes, William McIntyre, um importante conselheiro Cahill e um dos poucos amigos de Erasmus, tinha sido assassinado em Roma. Ou Luna tinha cometido o assassinato ou sabia quem tinha feito isso. E Erasmus estava determinado a arrancar toda informação possível dela.

Siga-a. Como ensinei.

Erasmus tirou um binóculo do bolso da jaqueta de couro e observou. Com certeza era Luna Amato. Ele apertou os dentes ao aumentar o zoom. A espiã Vesper aparentava ser inofensiva: parecia uma professora aposentada viajando. Mas era isso que a tornava tão mortal. Era isso que lhe possibilitava derrubar pessoas como William.

Erasmus abaixou o binóculo e apertou os olhos. Tudo aquilo estava prestes a mudar.

Ele não deixaria os Vesper escaparem novamente.

Capítulo 3

Alistair Oh daria qualquer coisa por uma mordida em um dos seus burritos de carne e um gole de alguma bebida refrescante. Em vez disso, tinha nas mãos uma batata assada frita e um copo descartável com um pouco de água barrenta. Os Vesper tinham cortado a água dos reféns e reduzido a quantidade de comida como retaliação pela recente tentativa de fuga. Uma vez por dia, jogavam um saco com sete batatas assadas e um único litro de água pelo poço do elevador de comida quebrado.

— Os irlandeses sobreviveram durante séculos alimentando-se quase exclusivamente de batatas — comentou Fiske Cahill, olhando com tristeza para a que tinha na mão.

— É verdade — concordou Alistair. — Fiz muita pesquisa para criar meu burrito congelado de manteiga de amendoim com bolinho de batata.

— E vendeu bem? — perguntou Ted Starling.

Ele estava sentado perto do elevador quebrado, na esperança de ouvir alguma coisa da conversa dos raptores lá em cima.

— Não muito — respondeu Alistair — mas aprendi que o cidadão irlandês médio consumia de dois a três quilos e meio de batata por dia, e eles eram saudáveis.

— Estão dando pouco mais de meio quilo por dia para nós sete — observou Natalie Kabra. Ela cutucou a batata murcha no prato, depois olhou para as mãos com desalento. — Ah, meu Deus! Minhas mãos parecem patas de macaco! Daria qualquer coisa por um creme e uma lixa de unha.

— Minhas mãos estão ótimas — disse Ted.

— Sem querer ofender, Theodore — ela retrucou — mas você é cego.

Alistair entrou na conversa antes que os dois começassem a brigar.

— O maior problema é água potável — lembrou Alistair. — Estamos ficando desidratados. Morremos de sede muito antes de morrer de fome.

— Vamos tentar pensar positivo — sugeriu Fiske.

— Boa ideia — Natalie respondeu. — Por que você não começa?

— Bem... — Fiske desconversou.

— Cale a boca, Natalie — disse Nellie. — Se gastarmos nossa energia brigando entre a gente, não sobrará nenhuma para lutar contra eles.

— Para lutar contra eles, precisamos ir até eles — Reagan disse, sem fôlego por causa dos abdominais que tinha feito. Ela começou a fazer flexões com a mão boa, mas depois de seis não tinha forças.

Phoenix fez sinal para Alistair, chamando-o para ir aonde ele e Nellie estavam sentados.

— Está tudo bem? — Alistair perguntou baixinho.

Phoenix inclinou-se e cochichou em sua orelha:

— Acho que Reagan vai morrer.

Capítulo 4

Enquanto Jake dirigia pelas ruas escuras e geladas, os dedos de Atticus deslizavam pelo teclado do laptop tentando identificar o diamante falso que tinham recebido.

— Achei! — exclamou. — O diamante Jubileu de Ouro. O rei da Tailândia emprestou-o para o Museu Pergamon.

— Onde fica isso? — Dan quis saber, irrequieto.

— Estamos a três quarteirões de lá — respondeu Jake, apontando para a tela do GPS.

Estacionaram a um quarteirão do Pergamon. Tinham chegado ao alvo, mas ainda não fazia a menor ideia de como roubariam o diamante.

— É um dos museus mais vigiados de Berlim — informou Atticus enquanto olhava o site. — É dividido entre a coleção de antiguidades, o museu do Oriente Médio e o museu de arte islâmica. A chanceler Angela Merkel esteve lá na semana passada para a inauguração da exposição do Jubileu de Ouro. Mais de um milhão de pessoas visitam o museu todo ano, o que faz dele o mais popular...

— Não precisamos de uma visita guiada! — interrompeu Dan. — Só temos que entrar lá e trocar os diamantes.

Atticus se retraiu com a resposta brusca, mas Dan não se importou. Esticou a mão para abrir a porta.

— Só temos mais duas horas!

— Espere — ordenou Amy.

Dan deu um suspiro exasperado:

— O que foi?

— Não tem como simplesmente entrar ali e sair com um dos mais valiosos tesouros da Terra — respondeu ela, o pânico se insinuando na voz. — Precisamos de um plano.

— Tudo bem. Mas temos que pensar rápido — Dan olhou para o relógio.

— Vamos entrar cada um com um intervalo de dez minutos — começou Amy. — A Interpol deve ter mandado fotos nossas para

todos os museus da Europa. Vai se mais seguro se não entrarmos juntos.

Ela tirou uma peruca vermelha da mochila.

— Não vou usar isso! — Dan protestou.

Quando pegaram o avião até Samarcanda, os Cahill do centro de comando em Attleboro fizeram Dan se vestir como uma menina ruiva chamada Shirley Cliphorn.

— *Eu* é que vou usar — respondeu Amy, olhando irritada para o irmão enquanto colocava a peruca.

— Vou usar um boné de beisebol — afirmou Dan.

— Dan, você entra primeiro e descobre onde está o Jubileu de Ouro. Atticus entra em seguida e tenta descobrir que dispositivos de segurança eles têm no museu. Eu vou por último com o diamante falso. Vamos nos falar por Bluetooth e nos encontramos depois que estivermos familiarizados com o lugar.

— E eu? — perguntou Jake.

Para o desgosto de Dan, sua irmã corou antes de responder.

— Fique no carro, mantendo o motor ligado e venha nos buscar se por acaso tivermos sucesso.

— Então eu sou o motorista — Jake concluiu sem entusiasmo.

Dan olhou para o relógio.

— Já passou um minuto. Estou de saída. Vejo vocês lá dentro.

Ele abriu a porta e saiu no fim de tarde frio, feliz por estar *fazendo* alguma coisa em vez de ficar *falando* sobre fazer alguma coisa. Ainda caíam grandes flocos brancos e havia ao menos sessenta centímetros de neve acumulada na calçada. Ele não ficaria surpreso se descobrisse que o Pergamon havia fechado enquanto Amy gastava o pouco tempo que tinham tagarelando, como se Alistair ou Phoenix não estivessem a ponto de serem assassinados.

Se estiver fechado, como pegaremos o diamante?

Ele chegou à enorme praça onde ficava a entrada do museu e seus ombros instantaneamente relaxaram. As pessoas ainda estavam entrando no prédio. Um ônibus estacionou no meio-fio atrás dele e

um grupo de estudantes mais ou menos da sua idade desceu. Nenhum deles usava boné, então Dan tirou o seu e se juntou ao grupo enquanto atravessavam a praça. Alguns dos garotos falavam com ele em alemão. Ele não entendeu, mas sorriu e assentiu com a cabeça, torcendo para que não estivessem perguntando se ele era o notório ladrão de obras de arte Dan Cahill, também conhecido como Fred Wimple e Shirley Cliphorn. Aparentemente estavam só sendo gentis, porque sorriram de volta e formaram uma fila atrás dos professores.

Dan se aproximou do grupo e entrou no museu com eles. Todos os balcões de segurança na entrada tinham berlinenses sacudindo a neve dos casacos, chapéus e guarda-chuvas. Ele acionou o Bluetooth.

— Está lotado — sussurrou.

— E a segurança? — Amy quis saber.

— Rígida — Dan colocou a mochila na esteira rolante. — Raios X e detectores de metal. O lado bom é que eles não parecem prestar muita atenção na aparência das pessoas. Mal olharam para mim. Atticus já está a caminho?

— Acabou de descer do carro.

— Até mais.

* * *

— Dan? — Amy odiava quando Dan desligava na cara.

Jake virou para trás e olhou para ela.

— E aí?

— Ele está lá dentro — anunciou, guardando a frustração com o irmão para si mesma.

— Sente aqui no banco da frente comigo — chamou ele.

Amy ergueu as sobrancelhas.

— Por quê?

— Porque parece suspeito você no banco de trás e eu no da frente — respondeu Jake, impaciente.

Amy saiu do carro, não porque ele queria, mas porque provavelmente estava certo... de novo. Ela não sabia o que pensar de Jake. Era uma idiota 75% do tempo. Nos outros 25%, estava dormindo.

Sentou-se no banco do passageiro e fechou a porta. Podia sentir o calor do corpo dele e um cheiro apimentado misturando-se ao couro do banco – era irritantemente agradável.

— Qual é o problema? — ele perguntou. — Com o que você está preocupada?

— Além de ser procurada pela Interpol e tentar salvar sete reféns e roubar um diamante de valor inestimável?

Jake sorriu.

— Sim, além disso tudo.

Amy vasculhou os olhos de Jake, depois decidiu responder honestamente.

— É o Dan — revelou. — Estou preocupada com ele. Não está certo um garoto de 13 anos saber tanto quanto ele sabe sobre roubar coisas.

— Tem razão — Jake concordou — ele deveria ter no mínimo 16, como você, antes de tomar parte numa rede criminosa internacional. — Ele fez uma pausa. — Mas entendo. Atticus já sabe mais do que eu saberei minha vida inteira. É assustador. Por um lado ele é um garotinho e por outro é um supercomputador com pernas. E daí tem toda essa coisa dos Guardiões.

Em seu leito de morte, Astrid, a mãe de Atticus, madrasta de Jake, tinha contado que era uma Guardiã e que estava passando essa responsabilidade a Atticus. Mas o que isso significava ninguém sabia.

— O que você sabe sobre eles? — perguntou Jake.

— Os Guardiões?

Jake fez que sim.

— Quase nada — respondeu Amy, sem olhar nos olhos dele.

Isso era mais ou menos verdade. O que ela não disse a Jake é que suspeitava que um das coisas protegidas pelos Guardiões era

uma relíquia da família Cahill, um anel dourado que, naquele momento, ficava escondido bem à vista, como parte de seu relógio de pulso suíço. Poucas pessoas sabiam da existência do anel. Os Vesper o desejavam o suficiente para matar Amy tentando pegá-lo.

Hora de mudar de assunto. Ela olhou para o relógio.

— Atticus deve estar dentro do Pergamon a esta altura.

— Vou entrar no museu com você.

— Não.

— Sou irmão de Atticus. Ele é responsabilidade minha.

— A melhor maneira de garantir a segurança dele é ficar aqui e deixar o motor ligado.

Jake abriu a boca para responder, mas Amy desceu do carro antes que ele pudesse continuar.

É assim que se deve lidar com ele, pensou, sorrindo. Então ela percebeu que estava sorrindo. De novo.

Capítulo 5

Atticus não estava pensando em se proteger. Estava na fila da segurança pensando em ser um ladrão internacional de diamantes.

Andar com Dan é tão legal!

Para ser bem-sucedido no roubo, teria de encontrar a chave. Todos os prédios têm uma. *Bem, não as cabanas feitas de barro e esterco, mas, onde existe eletricidade, existe uma chave,* ponderou Atticus. Sem eletricidade não havia luz e, mais importante, não havia câmeras de vigilância, sensores de pressão nem alarmes. Ele esperava que Dan e Amy tivessem lanternas na mochila, ou ao menos um aplicativo de lanterna no smartphone.

Esvaziou os bolsos e colocou a mochila na esteira. Ao passar pelo detector de metal, perguntou ao guarda se podia falar com a pessoa responsável pela segurança.

— O responsável é *Herr* Rommel — o guarda respondeu em alemão. — O homem de terno preto. — E apontou para o balcão circular no centro do saguão.

Atticus assentiu. Reconheceu Rommel de uma foto que vira no site do Pergamon. Juntou suas coisas e sua coragem e foi até o balcão. O chefe de segurança estava vestido de forma impecável: cabelo branco arrumado e unhas bem cuidadas, calças passadas e sapatos pretos engraxados. Mexia numa pilha de papéis quando Atticus se aproximou.

— *Guten Abend, Herr* Rommel — disse Atticus num alemão quase perfeito.

Rommel levantou os olhos cinza penetrantes da pilha de papéis.

— *Guten Abend.* Como posso ajudar?

— Meu nome é Atticus Rosenbloom e eu gostaria de fazer um tour pelos bastidores do museu.

Rommel deu uma risada.

— Não sou guia. Sou o diretor da segurança.

Atticus sorriu.

— Sim, eu sei. E é por isso que resolvi perguntar ao senhor. Estou fazendo um trabalho para a escola sobre segurança em museus. Na verdade, não estou interessado na exibição de obras de arte e tesouros nacionais. Quero saber como são protegidos.

— E qual escola você frequenta?

— Harvard — mentiu Atticus.

Na verdade, ele só fizera alguns cursos de extensão lá, mas Rommel não precisava saber disso.

O diretor largou os papéis e olhou com desconfiança.

— É mesmo?

— Sim — Atticus mostrou sua carteirinha de estudante.

Rommel olhou a carteirinha.

— E quantos anos você tem?

— Onze. Meu pai é o doutor Mark Rosenbloom, o arqueólogo. Acredito que o senhor tenha alguns de seus artefatos na coleção. — Atticus não sabia se era verdade, mas não seria nenhuma surpresa. As descobertas de seu pai estavam em museus do mundo todo.

— Não conheço o nome de seu pai nem seus artefatos — Rommel respondeu. — Não sou curador. Só estou interessado na segurança. — Deu uma olhada em Atticus de cima a baixo. — Você é uma criança prodígio?

— É o que dizem — Atticus não gostava dessa expressão. Fazia-o sentir uma espécie de aberração. Olhou para o relógio; o tempo estava acabando. Amy entraria dali a pouco e ele não tinha descoberto nada sobre a segurança do Pergamon. — E o tour?

Rommel fez que não com a cabeça.

— Sinto não poder atendê-lo. Não faço tour, e vamos fechar logo.

— É uma pena — Atticus disse com ar derrotado. — *Frau Bundeskanzlerin* me disse que o senhor fez uma apresentação fantástica para ela na semana passada.

Um olhar de espanto passou pelo rosto de Rommel.

— Você está se referindo à chanceler Merkel?

— Sim. Ela é uma antiga amiga da família. Estou hospedado em sua casa... bem, só até amanhã. Vou embora para os Estados Unidos de manhã. Enfim, eu contei a ela sobre meu trabalho e ela disse que esteve aqui na semana passada e que o senhor tinha sido muito atencioso e...

— Só falei com a chanceler por um instante — Rommel interrompeu, sorrindo com deleite. — Estou surpreso que ela se lembre de mim.

Atticus não reconheceria a chanceler se ela aparecesse na sua frente. Tinha só lido sobre sua visita ao Pergamon na Internet vinte minutos antes, no carro.

— O senhor deve ter passado uma impressão muito positiva — disse Atticus, virando-se para ir embora. — Direi oi a ela pelo senhor.

— Espere, espere! — Rommel saiu apressado de trás do balcão.

Peguei você! Pensou Atticus. Mal conseguiu se segurar. Virou de costas para esconder a alegria que tinha no rosto e quase desmaiou. A folha de cima dos papéis que Rommel estava segurando estava perfeitamente visível: era um pôster de procurados da Interpol.

Nele havia uma foto de Dan e Amy.



Rommel sorriu.

— Não fique tão chateado. Vou mostrar pra você como funciona. Um amigo da chanceler é amigo meu.

— Obrigado — Atticus conseguiu dizer, embora sua boca tivesse ficado seca como pergaminho.

— Deixe-me entregar estes papéis na fila da segurança e vamos começar.

Enquanto Rommel andava em direção à fila, Atticus pressionou o botão de discagem rápida para Amy com o dedo trêmulo. Ela atendeu no primeiro toque.

— Onde você está? — Atticus perguntou.

— Estou dentro, perto da entrada. Quem é o cara com quem você estava falando?

— Senhor Rommel, chefe de segurança — respondeu Atticus. — Você está vendo os papéis que ele acabou de entregar para o guarda?

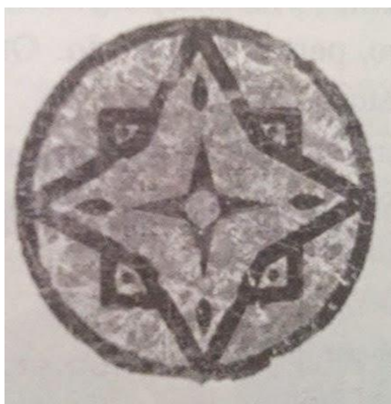
— Sim.

— O de cima é um pôster de procurados com uma foto sua e outra de Dan!

* * *

Dan não tinha ido muito longe quando deu com uma parede de 30 metros por 15: o Portão de Ishtar. Museus não eram sua praia, e o portão não tinha nada a ver com o diamante Jubileu, mas era impressionante o suficiente para fazê-lo parar. Ele passou o olho pela plaquinha informativa.

O Portão de Ishtar era um dos oito portões da Babilônia, construído por volta de 600 a.C. pelo rei Nabucodonosor e dedicado à deusa Ishtar. Tinha sido descoberto por um arqueólogo alemão chamado Robert Koldewey em 1889, transportado até Berlim azulejo por azulejo e reconstruído dentro do Pergamon. Cada peça azul brilhante estava alinhada com fileiras alternadas de auroques (que Dan ficou sabendo serem um tipo de boi extinto) e de dragões. Mas o que realmente chamou sua atenção foi a bússola gravada abaixo de um dos auroques. Dan inclinou-se sobre a corda de veludo para ver de perto.



Sua respiração parou. *Não pode ser coincidência!*

Era o mesmo símbolo que tinham encontrado no mapa-múndi De Virga.

Capítulo 6

Atticus estava na sala de segurança ultramoderna do Pergamon, olhando nervoso para uma fileira de monitores de alta definição.

— Uma única porta serve de entrada e saída para a sala do Jubileu de Ouro. Contamos todo mundo que entra e sai — Rommel explicou, apontando para a tela.

Ele indicou outro monitor, que mostrava três ângulos diferentes do enorme diamante. Dois guardas com uma expressão ameaçadora vigiavam a joia.

— A vitrine é à prova de balas — comentou Rommel — e à prova de bombas de fogo, e a sala também. Essa foi só uma das muitas condições que o rei da Tailândia impôs antes de emprestar o diamante para o Pergamon. O museu não tem nenhum ponto cego para vigilância.

O conjunto de câmeras era impressionante, mas Atticus sabia que Rommel não estava sendo honesto: era ilegal colocar câmeras dentro do banheiro.

— Estamos usando a mesma tecnologia que os cassinos de Las Vegas — Rommel prosseguiu orgulhoso. — Temos até um programa de reconhecimento facial.

Oh-oh.

— Como funciona? — Atticus perguntou, inocente.

— Venha aqui para eu mostrar.

Rommel colocou Atticus diante de um computador atrás dos monitores, depois inclinou-se para digitar uma série de números. Atticus prestou atenção nos dedos dele, tentando memorizar o código de acesso.

— Lá vamos nós — Rommel clicou um ícone.

Imagens de várias câmeras da sala do Jubileu de Ouro apareceram no monitor. Atticus passou os olhos pela tela e tentou não gritar quando viu Dan parado na fila para entrar na sala.

Rommel moveu a seta do mouse em direção à cabeça de Dan.

— Posso fazer? — Atticus perguntou, quase arrancando o mouse da mão de Rommel.

— Claro. É só clicar em alguém na fila.

Atticus afastou o cursor de Dan tanto quanto podia. Clicou em uma mulher no fim da fila, com duas crianças que pareciam estar morrendo de tédio.

— É pouco provável que ela apareça em nossa base de dados — opinou Rommel. — Na verdade, isso é pouco provável com qualquer um que esteja na fila ou dentro da sala. Só usamos esse programa quando percebemos alguém agindo de forma suspeita. E costumamos identificar a pessoa enquanto ela passa pelo controle de segurança.

— E se a pessoa estiver disfarçada? — Atticus perguntou.

Rommel deu um sorrisinho.

— Você pode emagrecer, engordar, mudar o corte ou a cor do cabelo, a cor dos olhos, mas não pode mudar sua estrutura óssea. O programa vê por dentro de todos os disfarces.

Atticus pensou em mandar uma mensagem para Amy dizendo para não agir de forma suspeita, mas se segurou. Se alguém lhe dissesse para não agir de forma suspeita, ele imediatamente pareceria mais culpado.

— Então, se você é procurado pela polícia, seu rosto está no programa? — questionou Atticus.

— Não só se você for *procurado* — Rommel pegou o mouse. Atticus prendeu a respiração, depois soltou quando Rommel foi para as imagens próximas ao Portão de Ishtar. Deu um zoom em um homem de meia-idade. — Veja como ele não está prestando atenção no Portão como os outros cidadãos.

Atticus fez que sim. O homem estava olhando para todo lado, menos para a obra de arte.

— Ele estava agindo do mesmo jeito quando passou pela fila do controle de segurança — continuou Rommel. — Muito suspeito. Clique nele.

Atticus obedeceu. Um símbolo apareceu no canto superior direito da tela seguido do nome do sujeito.



Atticus tentou não desmaiar.

— O nosso programa de reconhecimento facial identifica não apenas criminosos — explicou Rommel — mas também as pessoas que estão perseguindo esses criminosos. Interpol significa Organização Internacional de Polícia Criminal. Não sabemos quem o agente Vanek está procurando, nem mesmo se ele está procurando alguém. Só sabemos que ele está no prédio. Não vamos perguntar o que está fazendo aqui. Só ficaremos de olho. Se ele precisar de assistência, é claro que estaremos à disposição.

Atticus sabia exatamente quem o agente Vanek estava procurando. Ele era o agente da Interpol que estava caçando Amy e Dan Cahill desde que tinham cometido o primeiro crime para Vesper Um. Mas como Vanek sabia onde Dan e Amy estavam? Atticus tinha de alertá-los, mas Rommel estava bem na sua frente.

— Por que não trocamos de lugar? — sugeriu Atticus, pegando seu smarthphone. — Preciso registrar tudo para o meu relatório. O senhor pode demonstrar enquanto faço anotações.

— Muito bem — eles trocaram de lugar. — Vou mostrar como podemos rastrear...

Atticus parou de prestar atenção enquanto transmitia as más notícias para Amy.

* * *

Dan estava surpreso em ver que havia somente uma porta para entrar e sair da sala do Jubileu de Ouro. As pessoas entravam pelo lado direito e saíam pelo esquerdo. Um guarda ficava parado no meio da porta, orientando o tráfego e vasculhando todo mundo com seus olhos azuis. Dan sorriu para ele ao passar. O guarda não devolveu o sorriso.

O cintilante diamante do Jubileu estava cercado de cordas de veludo vermelhas. Um grupo de pessoas andava em volta da vitrine para dar uma olhada rápida, depois seguia para as joias menores em exposição na outra ponta. Havia quatro guardas armados no centro do círculo formado pela corda, cada um voltado para uma direção. Acima deles havia ao menos doze câmeras de segurança que se moviam o tempo todo para cima e para baixo, para a frente e para a trás.

Dan xingou Vesper Um em silêncio. Roubar o Jubileu era impossível.

Alistair Oh ia morrer.

Capítulo 7

Amy estava na fila da segurança. Tinha colocado a mochila na esteira rolante e esvaziado os bolsos, exceto pelo falso diamante. E estava com os nervos em frangalhos.

Logo antes de entrar na fila, dois balcões de segurança tinham fechado e anunciaram que o museu fecharia dali a meia hora. Isso provocou um aumento da fila remanescente, que passou a andar com uma lentidão agonizante.

O telefone de Amy apitou: era uma mensagem de Atticus. Congelou ao ler:

Milos Vanek está aqui.

A pessoa atrás na fila esbarrou em Amy, que soltou um gritinho.

— Desculpe — ela murmurou, com o rosto queimando.

Avançou na fila, vasculhando a entrada em busca de Milos Vanek, imaginando se as pessoas em volta podiam ouvir seu coração martelando no peito. Começou a escrever uma mensagem para Dan, mas não foi muito longe.

— Você tem de colocar o telefone na esteira, *Fräulein* — disse um guarda, dando-lhe uma bandeja.

— Ah... ahã — ela gaguejou. — É claro. Desculpe.

Recomponha-se! Respire.

Amy colocou o celular na esteira e tentou dar um pequeno sorriso, então lembrou-se do relógio e colocou-o em uma bandeja separada.

— Nada de metal nos bolsos?

Amy fez que não com a cabeça.

O guarda fez sinal e ela passou pelo detector. Alarmes começaram a apitar e luzes vermelhas piscaram pelo saguão. Para seu horror, Amy tornou-se o alvo instantâneo de todos os olhares em volta.

* * *

— Pegamos alguma coisa — exclamou uma mulher olhando para os monitores.

Rommel e Atticus viraram de costas para o computador, e Atticus sentiu a bile que subia até sua boca. Amy estava na tela grande, cercada por três guardas.

— Ela estava agindo de forma um pouco suspeita na fila — comentou a mulher. — Mas eu não achei nada de mais até o detector disparar.

Rommel se levantou.

— Provavelmente não é nada, mas vamos rodar o programa de reconhecimento facial para o nosso visitante.

— Não... não precisa fazer isso por mim — gaguejou Atticus. — Estou mais interessado na verdade em como vocês conseguem seguir uma pessoa de uma ponta à outra do...

— Vai levar só um minuto — interrompeu Rommel. — E é só uma adolescente, então não deve aparecer nada. Dê zoom nela e rode o programa.

Os olhos de Rommel se arregalaram, então seus lábios se curvaram formando um sorriso de caçador.

— Como se diz nos Estados Unidos: bingo!

Atticus olhou para a tela, arrasado. Amy estava parada com os braços abertos. Um alerta apareceu no canto direito superior do monitor.

— Encontrem o agente Vanek! — exclamou Rommel.

Uma das telas pequenas mostrou Milos Vanek. Ele estava parado dentro da sala do Jubileu, mas não estava olhando para o diamante.

— O que ele está olhando? — perguntou Rommel.

O guarda começou a procurar nas imagens das câmeras da sala.

Atticus já sabia quem Vanek estava seguindo. Afastou-se silenciosamente de Rommel e dos outros e foi até o computador que

tinham usado logo antes. Digitou a senha de Rommel e encontrou o menu que estava procurando.

Hora de desligar a chave.

As luzes se apagaram, então voltaram depois de um segundo, assim que o gerador reserva começou a funcionar.

Há mais de uma!

Atticus desativou o gerador com cinco dígitos, mas as luzes acenderam de novo e novo, alimentadas por baterias.

Rommel virou-se e olhou espantado para ele.

— O que está fazendo? — gritou, correndo na direção de Atticus.

Atticus continuou digitando. Tinha de mudar a senha antes de desligar a última chave ou eles conseguiriam reativar o sistema em segundos.

— Afaste-se desse teclado! — Rommel berrou a plenos pulmões.

O garoto desligou a última chave enquanto desviava do chefe de segurança enraivecido. A sala de segurança e o museu ficaram na mais completa escuridão. Rommel começou a gritar ordens:

— Código vermelho! Protejam as salas! Precisamos de luz! Encontrem o garoto!

Atticus engatinhou para o mais longe possível dos gritos. Tinha se posicionado de frente para porta, mas agora, na escuridão, não tinha certeza se estava indo na direção certa. Uma lanterna foi acesa, depois outra. Os feixes de luz começaram a esquadrinhas a sala.

— Não consigo reiniciar o sistema! — alguém gritou. — A senha não funciona!

— O garoto! — Rommel explicou. — Encontrem-no!

Atticus estava ofegante. Seu coração batia enlouquecido no peito. Iam encontrá-lo a qualquer momento.

A luz de uma lanterna passou pela parede em frente.

A porta!

Ele engatinhou o mais rápido que pôde.

Capítulo 8

Dan também estava engatinhando.

O blecaute repentino causou pandemônio na sala do Jubileu. As pessoas gritavam e corriam para a saída no meio da escuridão. Dan caiu no chão. Quando se apoiou nas mãos e joelhos para levantar, derrubaram-no novamente. Alguém pisou em seu rosto. Outra pessoa passou por cima de suas costas. Ele estava aterrorizado, mas não por causa da escuridão nem pela debandada. Um segundo antes de as luzes apagarem, ele tinha visto o rosto triunfante de Milos Vanek encarando-o.

Dan se arrastou até uma parede e ficou em posição fetal para evitar ao máximo que seu corpo fosse atingido. Cada vez que alguém o chutava ou tropeçava nele, imaginava se era Milos Vanek que o alcançara.

Os guardas gritavam para todo mundo ficar tranquilo e permanecer onde estava, mas as ordens eram abafadas pela histeria geral.

Dan respirou fundo e tentou se acalmar. *Pense! Ainda não acabou. Estou a três metros do diamante em uma sala completamente escura.* Olhou para as lanternas acesas dos guardas, tentando avaliar onde estavam e o que faziam. O que viu não era bom. Todos os feixes de luz estavam apontados para a vitrine do diamante. Um feixe passou pelos guardas, e Dan viu que estavam com as armas em punho.

Ele perdeu o ânimo. *Mesmo se eu conseguir passar por eles, ainda teria de abrir a vitrine.*

Seu Bluetooth apitou.

— Dan? — Era Amy. Ela parecia estar sem fôlego.

— Que foi?

— Milos Vanek está no museu!

— Eu sei. Ele está em algum lugar aqui na sala — Dan respondeu, seus olhos ainda fixos no grupo de guardas em volta do diamante. — Onde você está?

— Estou com Atticus. Ele conseguiu escapar da central de segurança depois de apagar as luzes. Rommel e os guardas estão nos procurando. A polícia acabou de chegar para proteger o prédio. Atticus disse que as luzes podem acender a qualquer momento.

— Então saiam — disse Dan.

— E o diamante? E você?

— Tenho um plano. Vejo vocês no carro — Dan guardou o telefone no bolso e observou a silhueta dos guardas em volta da caixa.

Qual a pior coisa que pode acontecer?, pensou enquanto engatinhava em direção ao diamante.

Uma mão surgiu de repente da escuridão e agarrou seu braço, torcendo-o com força. Dan se soltou e ficou de pé. Os guardas apontaram as lanternas na direção do tumulto e ele conseguiu ver seu agressor de relance.

Era Vanek.

O agente correu em sua direção. Dan desviou e bateu em uma das vitrines. Vanek escorregou e caiu.

— Interpol! — Vanek gritou. — Prendam esse menino!

Dan esperava que os guardas atirassem, ou pelo menos fossem para cima dele, mas eles permaneceram onde estavam, protegendo o Jubileu de Ouro. Ele se abaixou desviando dos feixes de lanternas e tentou encontrar a saída.

Se eu for preso, acabou o jogo. O Jubileu vai ter de esperar.

Olhou rapidamente para trás, onde estavam os guardas. A sombra de um homem estava diante deles, gritando em alemão. Não conseguia entender o que ele estava dizendo, mas tinha de ser Vanek pedindo ajuda. Os guardas não se moveram, porém um feixe de luz começou a passar pela sala, procurando. Vanek tinha pagado uma lanterna emprestada.

Dan ficou de pé e partiu na direção que esperava ser a saída.

— Pare!

Ele empurrou as pessoas na multidão em pânico tentando chegar até a porta.

— Interpol! Parem esse menino!

Os gritos de Vanek ecoavam mais e mais perto enquanto Dan abria caminho entre os turistas que gritavam. O melhor agente da Interpol estava a apenas alguns centímetros de distância.

* * *

— Será que esperamos por Dan? — perguntou Atticus, ofegante.

— Vamos embora juntos ou não vamos a lugar nenhum — afirmou Amy enquanto procurava Dan entre a multidão aos tropeços no escuro.

Algumas pessoas usavam luz de celular para encontrar a saída. As que estavam feridas recebiam ajuda.

— As luzes estão dispersando — observou ela. — Vai ser difícil nos escondermos sem a multidão.

— Tente ligar para ele de novo — sugeriu Atticus.

Amy acionou a discagem rápida. Tocou, tocou, depois deu caixa postal: *"Aqui é o Dan. Não posso atender, provavelmente porque estou comendo alguma coisa deliciosa. Deixe uma mensagem que eu..."*

Alguém segurou Amy por trás. Ela gritou e virou a cabeça na direção de Atticus. Um segundo homem o agarrara no mesmo instante. *Rommel!* Amy tentou pisar no pé do sujeito que a segurava, mas ele desviou e a jogou no chão. Puxou seus braços para trás, e ela sentiu as algemas frias em seus pulsos.

* * *

— Desculpe... com licença... desculpe... ops... desculpe...

Dan parou perto do Portão de Ishtar para recuperar o fôlego. Fazia uns dois minutos que não via a lanterna de Vanek, mas sabia

que o agente estava em algum lugar ali atrás, no escuro. Pensou se devia voltar e tentar roubar o diamante agora, ou encontrar um lugar para se esconder e tentar mais tarde, depois que o museu esvaziasse. Olhou para o relógio e quase vomitou. Não haveria "mais tarde". O tempo tinha acabado.

Alguém vai morrer.

A frase ficou martelando em sua cabeça até ele não conseguir se concentrar em mais nada. O horror escapou por sua boca num grito terrível, ele não ligava se todas as pessoas em Berlim escutassem. Foi nessa hora que alguém puxou suas pernas. Ele caiu com força no chão de mármore e todo o ar escapou de seus pulmões. Enquanto recuperava o fôlego, uma lanterna acendeu, iluminando o rosto de Milos Vanek. Dan tentou escapar, mas viu que estava algemado ao pulso do agente.

— Vou aonde você for — afirmou Vanek. — Vamos esperar aqui até as luzes voltarem. Talvez possamos ter uma boa conversa enquanto assistimos às pessoas tropeçando umas nas outras. — Ele passou por debaixo da corda de proteção e sentou-se com as costas apoiadas na parede do Portão de Ishtar.

Dan não teve escolha a não ser se juntar a ele.

— Por que você estava gritando?

Dan não respondeu. No momento, estava quase com mais raiva de si mesmo que de Vesper Um. Como podia ter deixado Vanek alcançá-lo?

— O gato comeu sua língua? Tudo bem. Vamos mudar de assunto. Imagino que sua irmã também esteja no museu.

— Se você não me soltar, alguém vai morrer — afirmou Dan, surpreso ao sentir lágrimas mornas de frustração escorrerem pelo rosto.

— Não precisa chorar. Posso ajudar. Sou policial.

— Não estou chorando — reagiu Dan, virando o rosto. — E não preciso da sua ajuda. Só preciso que você me solte.

— Isso pode até ser possível — respondeu Vanek. — Depois que você me contar sobre o roubo da *Medusa de Caravaggio,* o manuscrito de Marco Polo e sua fuga da cadeia. Vou levar você e sua irmã para a sede; não devo levar mais de uma semana para resolver isso tudo.

Dan não tinha uma semana, nem um dia, nem um minuto. Passou a mão sobre o rosto para enxugar as lágrimas. Também não tinha tempo para chorar. Em uma semana, Vesper Um podia matar todos os reféns.

— A pintura de Caravaggio que pegamos na Galeria Uffizi era falsa — ele começou a contar. — Encontramos a verdadeira e devolvemos. Ninguém sequer sabia que o manuscrito de Marco Polo existia, então você não pode nos acusar de roubá-lo. E, quanto à fuga, não escapamos: sua colega Luna Amato nos soltou.

— Luna Amato não é minha colega! — Vanek cuspiu as palavras como se tivesse acabado de engolir esterco. Dan sentiu gotas de cuspe caírem em seu rosto. — Ela é uma traidora! Se eu pudesse apanhá-la, eu... — Vanek levantou as mãos como se estivesse estrangulando alguém. — Espere, o quê?!

Dan se levantou, esfregando o pulso.

— Desculpe, Milos, tenho que ir. — Ele se abaixou, pegou a lanterna e a mochila.

Larry Mão-Leve ficaria orgulhoso. Enquanto Vanek falava, Dan tinha roubado as chaves e a carteira do inspetor. Soltara a algema de seu pulso e a prendera em um dos suportes das cordas de proteção.

— Abra essas algemas! — gritou Vanek.

Dan saiu correndo, um tanto satisfeito por ter se livrado do agente da Interpol. Correu pelo saguão tentando segurar mais lágrimas, o pensamento concentrado no diamante. Sua única esperança era que Amy tivesse conseguido roubá-lo. As pessoas estavam saindo aos montes pela porta da frente. A polícia e as equipes de televisão tinham chegado e aprontavam o equipamento. Ele estava procurando seu celular para ligar para Amy quando

alguém o segurou. Mas Dan não seria preso novamente. Ele se preparou para bater na pessoa com a pesada lanterna.

— Sou eu! — gritou Jake enquanto puxava a lanterna.

— Pensei que você estivesse no carro — retrucou Dan, meio sem jeito.

— Cansei de esperar. E ainda bem. Cheguei aqui a tempo de ver dois caras levarem Atticus e Amy para lá. — Ele apontou a lanterna para uma porta.



— "Segurança. Não entre" — traduziu Jake.

— Temos que resgatar Atticus e Amy!

Jake concordou com um aceno de cabeça.

— Onde você estava?

— Na sala do Jubileu com Milos Vanek.

— Ele está aqui?

Dan explicou o que tinha acontecido.

A voz de Jake ficou mais leve:

— Então você está com a carteira dele?

Dan a tirou do bolso.

— E com as chaves do carro também.

— Não precisamos das chaves para o que estou pensando. — Jake levantou uma sobrancelha. — Você sabe *mesmo* dirigir?

Apesar das lágrimas e do aperto no coração, Dan conseguiu esboçar um sorriso fraco quando Jake explicou o que queria fazer.

Parecia um plano bem ao gosto de Dan.

Capítulo 9

Amy e Atticus tinham sido algemados juntos e postos em duas cadeiras duras encostadas na parede. Rommel estava diante deles, apontando uma lanterna para seus rostos enquanto os interrogava. Até aquele momento, nenhum dos dois tinha respondido a pergunta nenhuma, o que aparentemente o deixou muito bravo. Um guarda estava de pé ao lado, alternando o peso em cada perna; Amy supunha que ele estivesse um pouco apreensivo de ver o chefe gritar com duas crianças. Ela tentava encontrar uma maneira de tirar vantagem do nervosismo do guarda quando alguém bateu à porta.

— Diga a quem quer seja para ir embora — gritou Rommel.

O guarda abriu a porta, falou com o visitante por um momento, depois voltou e cochichou alguma coisa para Rommel.

— É mesmo? — espantou-se Rommel. — Certamente, deixe-o entrar. Talvez esses dois falem com a Interpol.

Atticus inclinou-se em direção a Amy e sussurrou:

— Milos Vanek?

— Deve ser — Amy cochichou de volta.

— O que você...

— Nada de conversa! — gritou Rommel, depois virou-se para o homem que entrava na sala. — Agente Vanek. É uma honra recebê-lo.

— Não sou o agente Vanek — respondeu o homem. — Sou Gale Monist. — Mostrou rapidamente um distintivo da Interpol. — Vanek e eu trabalhamos juntos. Estou procurando por ele.

Amy e Atticus tentaram esconder a surpresa: conheciam aquela voz. A lanterna mostrou um homem vestido de sobretudo e chapéu. Ele parecia ter um bigode, embora fosse difícil perceber no escuro.

— O agente Vanek estava no museu logo antes de cair a força — Rommel informou. — Não saberia dizer se ele ainda está aqui dentro ou não. Tentou o celular?

— É claro — respondeu o agente Monist, impaciente. — Ele não está atendendo, por isso bati à sua porta. E você é...?

— Alberich Rommel, diretor de segurança.

O agente Monist virou-se para eles:

— E estes são...? Meu Deus! Amy Cahill! Ela é o motivo de Vanek e eu estarmos aqui. Quem é o garoto?

— Um cúmplice, acredito, mas ambos se recusam a responder a minhas perguntas.

— Vamos ver se uma visita à Interpol solta a língua deles — disse o agente Monist.

— Só depois que eles responderem às *minhas* perguntas — interrompeu Rommel. — Até lá, vão ficar sob minha custódia.

— Sua custódia? — O agente Monist subiu o tom de voz. — Não sabia que o Pergamon tinha uma polícia autorizada.

— É claro que não — respondeu Rommel. — Mas eu os prendi aqui e antes de irem embora preciso determinar que danos podem ter feito à nossa coleção.

— Entendo — concordou o agente Monist. — Como ficou sem eletricidade?

— Foi o garoto.

O agente Monist olhou espantado para Atticus. O menino desviou os olhos, tentando não sorrir.

— Presumo que o controle de sua rede elétrica fique nesta sala.

— Sim.

— Como o garoto entrou aqui?

Rommel hesitou.

— Eu estava fazendo um tour com ele.

— Então você o *deixou* entrar?

Antes que Rommel pudesse responder, o agente Monist recebeu uma ligação. Pegou o celular no bolso do casaco.

— Sim... Onde você está? Estou dentro do museu. Eles detiveram Amy Cahill e um garoto... Não. Um tal de *Herr* Rommel quer falar com eles primeiro... Entendo... Fique onde está. Já vou sair. — Colocou o celular de volta no bolso e olhou para Rommel. — Era Milos Vanek, ele está me esperando lá fora no carro. Disse que os

jornalistas apareceram. Suspeito que vão querer saber como tudo isso aconteceu: como você deixou o menino entrar na sala, como uma criança conseguiu violar seu sistema, etc., etc. Ou eu posso... ah, deixe pra lá. — Ele virou-se para ir embora.

— Espere — chamou Rommel. — O que você pode fazer?

O agente Monist voltou-se para ele:

— Posso discretamente levá-los comigo e, quando falar com a imprensa, você pode dizer que não sabe como a força caiu, mas que a Interpol está investigando. Se ligarem para nós, o que com certeza farão, daremos cobertura à sua história sem nenhum detalhe sobre o seu... — ele fez uma pausa — o seu tour *infeliz.* — Olhou para o relógio. — Tenho de ir. O agente Vanek e eu precisamos voltar para a sede para uma reunião importante.

— Leve-os — disse Rommel com desgosto. — E, se você conseguir fazer o garoto dizer que senha usou para travar nosso sistema, será muito útil.

— Vamos arrancar a senha dele — respondeu o agente Monist. — E tudo mais que ele souber. Vocês dois vêm comigo.

Amy e Atticus se levantaram.

Rommel acompanhou-os até a entrada do museu, mas rapidamente voltou atrás assim que viu as vans das redes de televisão do lado de fora.

O agente Monist, também conhecido como Jake Rosenbloom, jogou o casaco sobre as algemas para que os jornalistas não as notassem enquanto atravessavam a praça correndo.

— Onde está o Dan? — perguntou Amy.

— O agente Vanek está no carro, esperando por nós.

Amy e Atticus pularam no banco de trás do carro esportivo. Jake deu a volta até o assento do motorista e abriu a porta.

— Chega pra lá.

— Deixa comigo — Dan respondeu, as mãos no volante.

— Nem pensar, Dan — retrucou Amy.

— Mas eu dirigi até aqui.

— Por um quarteirão — Amy observou. — Vai, libera o assento. Tem polícia em todo lugar. Temos de sair daqui.

— Sem o diamante — comentou Dan, com uma expressão desolada.

— Falamos disso no caminho.

Dan pulou para o banco do passageiro. Jake saiu com o carro e deixou o desastre do Pergamon para trás.

Capítulo 10

Jake dirigiu vários quarteirões para o norte, então parou num estacionamento.

— O que está fazendo? — perguntou Amy.

Eram as primeiras palavras ditas desde que se afastaram do museu. Em poucos minutos, o telefone Vesper apitaria com a notícia de que um dos reféns tinha morrido.

— Este bigode está me deixando louco — reclamou Jake. — Preciso tirar.

Dan desceu do carro e abriu a porta de trás. Soltou as algemas de Amy e Atticus com a chave do agente Vanek.

— Vou sentar aqui atrás com Atticus — disse Dan.

Amy foi para o banco da frente ao lado de Jake.

— Como Vanek descobriu que vocês estavam no Pergamon? — perguntou Jake enquanto seguiam viagem.

— Não tive a chance de discutir isso com ele — respondeu Dan secamente.

— Talvez ele seja um Vesper — sugeriu Atticus.

— Pouco provável — discordou Dan. — Você precisava ver quando eu mencionei Luna Amato, que a gente tem certeza de que é Vesper. Se ela estivesse ali, Vanek a teria estrangulado.

— É uma boa pergunta, Jake — Amy ponderou. — Como ele sabia? Ele estava dentro do museu antes de chegarmos.

— Tudo o que sei é que vai levar um tempo até ele encontrar nosso rastro de novo — Dan comentou. — Estou com passaporte, dinheiro, cartão de crédito e chaves dele; tudo isso graças ao Larry Mão-Leve.

— Quem? — perguntou Atticus.

— Mais tarde conto sobre ele — respondeu Dan. — O que quero saber é o que fez o detector de metal disparar.

Amy sacudiu a cabeça.

— Não sei. Tudo o que eu tinha no bolso era o diamante. Tinha até tirado meu cinto e meu...

Ela parou no meio da frase e começou a vasculhar freneticamente o interior da mochila.

— Que foi? — perguntou Jake.

— O que você está procurando? — quis saber Dan.

— Meu relógio!

O estômago de Dan deu um nó.

— Tem certeza?

Amy tirou as coisas de dentro da mochila e segurou-a de ponta-cabeça.

— Não está aqui. Precisamos voltar ao Pergamon.

— Você está brincando? — exclamou Atticus. — O lugar está lotado de policiais que sabem quem somos.

— A gente compra outro relógio pra você — sugeriu Jake.

— Não vamos encontrar um igual — Dan disse. Ele e a imã trocaram olhares de pânico. — Tem certeza de que deixou lá?

— Assim que as luzes apagaram, peguei minha mochila e a bandeja com meu celular, mas esqueci completamente da bandeja com o relógio. Como pude ser tão burra?

— Não fica assim — tranquilizou Jake. — Amanhã, quando as coisas se acalmarem no museu, eu vou até os achados e perdidos e pego seu relógio. Aposto que muitas coisas foram esquecidas quando caiu a energia.

— Não vai dar certo! — Amy exclamou. — Sou uma idiota!

Ela bateu os punhos no painel com força; lágrimas escorreram por seu rosto.

Por um instante, todo mundo parou. Dan olhou para Atticus e viu que seus olhos estavam tão arregalados quanto os dele. Amy não surtava daquele jeito. Mas esmurrou o painel de novo e de novo até Jake segurá-la, prendendo seus braços para que ela não se machucasse.

— Amy! Eles não sabem que eu sou — ele argumentou. — Estava escuro demais para Rommel ver minha aparência. Vou dizer que minha irmã esqueceu o relógio lá ou algo do tipo.

Dan achava que ela não tinha escutado, o que provavelmente era melhor para Jake. O plano nunca funcionaria: atrás do relógio estavam gravados nome, número de telefone e e-mail de Amy.

Dan inclinou-se e colocou a mão no ombro de Amy.

— Roubamos um Caravaggio — ele lembrou. — Não acho que teremos muita dificuldade para roubar uma coisa de fato nos pertence.

Amy olhou para ele e piscou várias vezes, como se não soubesse onde estava.

— O relógio. O diamante — disse ela com a voz rouca, e olhou para o relógio do painel.

Todos seguiram seu olhar.

— Talvez Vesper Um nos dê um pouco mais de prazo — comentou Jake.

Ninguém se deu ao trabalho de responder.

— Eu não devia ter apagado as luzes — disse Atticus.

— Se você não tivesse feito isso, eles teriam encontrado o diamante falso — Amy murmurou.

— Deixe-me ver — pediu Dan, para se distrair.

Ele se sentia incomodado e queria pensar em qualquer coisa menos no que estava acontecendo com os reféns.

Quem vai morrer? Tio Alistair? Nellie?

Amy pegou a bolsa de veludo e jogou para ele.

— Vamos recuperar seu relógio — assegurou Jake. — Sei que é importante pra você.

— Já sei o que disparou o detector de metal — anunciou Dan. — Não foi o diamante, foi a bolsa de veludo. O lado de dentro está revestido de uma espécie de tecido metálico.

— Por que alguém...

O telefone Vesper tocou, silenciando todo mundo. Amy precisou remexer suas coisas para encontrar o aparelho. Sua voz tremia quando leu a mensagem:

Obrigado pela ajuda no Pergamon. Não teríamos conseguido sem vocês, mas devo me desculpar pro meus valde delictum. *E agora vocês precisam encontrá-lo. Seus parentes estão todos vivos... por enquanto. Sigam para Tombouctou. Nenhuma margem para erro. Se vocês fracassarem em recuperar o delito em 48 horas, vou escolher na moeda: cara para Phoenix, coroa para Oh.*

Vesper Um.

Todos ficaram boquiabertos. Mais um minuto se passou antes que alguém conseguisse falar.

— Os reféns estão a salvo — Amy disse por fim, com lágrimas escorrendo mais uma vez pelo rosto.

Dan respirou fundo. Não conseguia absorver a informação. Seu estômago parecia estar fora do lugar, como se ele estivesse no alto de uma montanha-russa.

— O que ele quis dizer com *ajuda* nossa no Museu Pergamon?

— Está sendo sarcástico? — sugeriu Atticus.

— Talvez — respondeu Dan — mas por que Vesper Um pediria desculpas por seus vale-delivery?

— Desculpas *pro meus valde delictum* — corrigiu Atticus, pronunciando as palavras corretamente. — É latim. Significa pedir desculpas "por meu grande delito".

— Desculpas não aceitas — exclamou Dan.

Pela primeira vez em um bom tempo, todos riram.

Capítulo 11

Jake ligou para o agente de viagens do pai, que era especializado em roteiros exóticos. A boa notícia era que o aeroporto de Berlim tinha aberto depois da nevasca e que os voos estavam decolando e aterrissando normalmente. A má notícia era que Tombouctou era um dos lugares mais difíceis de chegar no mundo.

— Não podemos ir direto pra lá — disse Jake, depois de desligar o telefone. — Pelo menos não de um jeito rápido. Tem um voo saindo de Berlim amanhã cedo, mas só chega em Bamaco, no Mali, no final da tarde.

— Bamaco? — estranhou Dan — Mali? Pensei que fôssemos para Tombouctou.

— Tombouctou e Bamaco ficam no Mali. Pra chegar a Tombouctou, você precisa ir a Bamaco primeiro. O problema é ir de Bamaco a Tombouctou — continuou Jake. — Há apenas três voos por semana, e o próximo é só daqui a dois dias.

— Podíamos alugar um carro — sugeriu Amy. — Ou contratar um motorista.

— Seriam nove horas atravessando o deserto — respondeu Jake. — Isso se o carro não quebrar, o que acontece na maioria das vezes. O outro jeito de chagar a Tombouctou é de barco. Mas é uma viagem de três dias se os barcos estiverem funcionando, o que não é muito comum.

— Pena que não temos o jatinho de Jonah — lamentou Dan.

— Que ideia brilhante! — exclamou Amy. — Por que não usamos o jatinho enquanto eles estão em Pompeia? Ele chegaria aqui em algumas horas.

— E não teríamos de nos preocupar em passar pela segurança do aeroporto — completou Atticus.

— Vou mandar uma mensagem para Erasmus — disse Amy, digitando com rapidez no celular.

— E o seu relógio? — perguntou Dan.

Amy respirou fundo.

— Temos de recuperá-lo. Se não conseguirmos antes de ir para Tombouctou, voltamos depois de terminar a tarefa lá. Não temos escolha. Enquanto isso, vamos para um hotel dormir um pouco.

— Serviço de quarto! — Dan e Atticus gritaram em uníssono.

* * *

Eles se hospedaram em duas suítes interligadas no Hotel Brandenburger Hof, não muito longe do Pergamon. Cada suíte tinha dois quartos com camas *king size* com dossel. Os quartos tinham enormes banheiros com sauna e televisões de tela plana por toda parte. Havia até mesmo uma que dava para ver da privada.

— É um desing perfeito — comentou Dan enquanto passeava pelos quartos.

— Um pouco exagerado — opinou Amy.

Atticus abriu o frigobar e começou a distribuir salgadinhos, refrigerante, pacotinhos de castanha e balas. Jake pegou o controle remoto e começou a navegar pelos canais em busca de notícias do Pergamon.

— Vou ligar para Evan e depois tomar um banho — anunciou Amy, entregando o telefone Vesper e seu próprio celular para Dan. — Erasmus deve ligar de volta. Conte o que está acontecendo. E carregue os dois telefones. Quando chegarmos a Tombouctou, teremos de sair correndo. Vamos precisar de todas as baterias com carga.

— E seu laptop?

— Vou carregá-lo no quarto.

Dan sorriu.

— Mande um beijo virtual para o Evan por mim.

Amy olhou de relance para Jake e sentiu seu rosto corar. Ele ainda estava zapeando os canais e não parecia prestar atenção na conversa. *Que me importa?* Ela fechou a porta da segunda suíte.

Depois que a porta bateu, Jake se virou para Dan.

— É séria a coisa entre Amy e Evan?

Dan começou a cantarolar a “Marcha nupcial” de Mendelssohn, depois colocou o dedo na garganta como se fosse vomitar.

O serviço de quarto por fim atendeu.

— Preciso de... ãhn... Você só fala alemão? Espere. — Ele fez sinal para Atticus pegar o telefone. — Você pode pedir tudo o que tem no menu?

— Tudo?

— Pode pular qualquer coisa vegetal.

Atticus pegou o telefone e começou a percorrer o menu de cima a baixo.

* * *

Amy abriu um largo sorriso quando Evan apareceu na tela.

— Não sabia ao certo se você estaria aí — disse ela.

— É um pouco difícil ir para casa quando sua namorada está roubando um museu. Você está bem?

Amy conseguiu dar um sorriso vacilante.

— Estou bem, mas não conseguimos roubar o diamante.

E explicou o que tinha acontecido no Pergamon, omitindo o surto que tivera no carro.

Enquanto falava, Evan fazia anotações para a base de dados do centro de comando. Quando terminou, ele releu o que tinha escrito e fez perguntas para ter certeza de que tinha anotado tudo corretamente.

— Desculpe — disse ele — mas o único jeito de identificar Vesper Um e descobrir onde os reféns estão é reunir informações até alguma coisa vir à tona. Erasmus está verificando os dados de novo. Vesper Um vai cometer um erro. Coleta de dados sempre funciona.

— Espero que sim — disse Amy.

— Mande uma foto da bolsa de veludo por e-mail — pediu Evan. — Talvez possamos descobrir quem a fabricou. Não deve ser muito

difícil pesquisar por tecido metálico. Mas por que será que ela era feita de tecido metálico?

— Não faço a menor ideia — respondeu Amy — mas eu devia ter tirado o diamante falso de dentro dela.

— Pelo que você me disse sobre a segurança, além de Vanek ter aparecido, parece que o roubo não teria funcionado de qualquer jeito. Vocês tiveram sorte de conseguir escapar.

Amy deu de ombros.

— Se não fosse por Jake, teriam nos pegado.

Evan franziu a testa.

— Que foi?

— Só estou cansado. Estou tentando descobrir se alguém está passando informações para Vesper Um.

Amy sentiu uma fisgada no estômago.

— Você ainda acha que é Ian? — ela perguntou baixinho, rezando para que Evan dissesse que tinha sido tudo um engano. Não conseguia acreditar que Ian pudesse traí-los. Que pudesse traí-la.

Evan apertou os lábios, depois falou devagar.

— Ian ainda é nosso suspeito número um, mas, além do comportamento estranho, não temos provas de que ele esteja trabalhando para Vesper Um. Seria injusto e talvez até mesmo perigoso acusá-lo abertamente agora. Quando está aqui, Ian ajuda muito. Precisamos dele.

— Você ainda acha que nossos dados estão em perigo?

— É difícil dizer. Estou monitorando 24 horas por dia e não detectei nenhum intruso, mas isso não significa que não haja informante.

— Ligue se tiver mais novidades. Dia ou noite, não importa — Amy afastou o olhar da tela, depois voltou a encará-la com timidez. — Você pode me ligar a qualquer hora... por qualquer motivo. Estou com muitas saudades, Evan.

— Eu também, Ames — Evan respirou fundo. — Você tem certeza de que está tudo bem?

— Acho que sim. Quer dizer...

— Você e Jake parece estar se dando muito bem.

Amy sentiu seu rosto corar novamente, mas desta vez de raiva.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada — Evan respondeu. — Só estava...

— Está ficando tarde — interrompeu Amy, olhando para o relógio (que não estava ali, o que aumentou sua frustração). — Preciso ir.

Ela desligou a videochamada e fechou o laptop. A última coisa de que precisava eram preocupações ridículas de namoro. Suspirou. Por que todo mundo tinha de ser tão confuso?

* * *

Evan olhou para seu reflexo na tela do computador e percebeu que estava boquiaberto. Por que Amy reagia de maneira tão forte a uma simples pergunta? Ele só perguntou porque, da última vez que tinham conversado, ela dissera que Jake estava se comportando como um idiota. Estava pensando em ligar de novo quando foi interrompido por um grito.

Levantou depressa e olhou em volta procurando algum tipo de arma, mas tudo o que conseguiu foi uma raquete de pingue-pongue. Pegou-a e correu para o andar de baixo.

Ian Kabra estava parado na sala com sangue escorrendo pelo rosto.

— Desculpe atrapalhar seu jogo — disse Ian, olhando para a raquete.

Evan apertou os dentes.

— Não estava jogando pingue-pongue — retrucou, pondo a mão para trás para esconder a raquete. — O que aconteceu?

— Saladin, o que mais poderia ser? O gato sarnento de Grace. Quando entrei, ele pulou na minha cabeça como um puma. Quase arrancou minha orelha!

Saladin estava deitado sobre uma poltrona cara, confortável, enquanto lambia o sangue Kabra das patas.

— Não fique aí parado! — Ian exclamou. — Vá buscar kit de primeiros socorros. Acho que está na cozinha.

— Onde você estava? — perguntou Evan.

— Estava fora, obviamente. E o kit de primeiros socorros?

— Vá buscar você mesmo.

— Mas estou machucado — bufou Ian.

— É pior do que você imagina. — Evan apontou para um dos caros sapatos manufaturados de Ian. Na ponta havia uma gosma cinzenta do tamanho de um ovo.

— O que é isso? — gritou Ian, aterrorizado.

— Parece uma bola de pelo.

Evan subiu as escadas, imaginando se o gato conseguia detectar alguma coisa em Ian que ele mesmo não conseguia provar. *Talvez Saladin esteja tentando caçar um rato,* pensou.

* * *

Ian chutou a bola de pelo gosmenta que estava em seu sapato usando o outro pé. A bola bateu na parede acima do sofá nojento e escorreu como uma lesma gigante.

Até que ele tem sangue-frio, pensou Ian enquanto observava Evan desaparecer escada acima. Com certeza, sua habilidade com computadores fazia com que não fosse completamente inútil, mas Evan não era um Cahill e precisava mostrar respeito pela família mais poderosa do mundo.

Amy podia conseguir coisa melhor, refletiu ao tentar chagar à cozinha andando de costas, com medo de perder de vista o gato demoníaco. Fechou a porta e a trancou.

O que aquela fera tem contra mim? Animais sempre iam com a cara dele, dos poodles na propriedade dos Kabra aos pôneis

importados, Sebastian e Quigley. Gatos americanos julgavam muito mal o caráter das pessoas.

Tudo o que Ian queria fazer quando se arrastou até a mansão em Attleboro era deitar no sofá e tirar uma soneca. Agora, tinha que estancar o sangue e encontrar um jeito de tirar o leão da sala. Encontrou o kit de primeiros socorros e fez o melhor curativo que conseguiu na orelha, depois pegou um pano de prato e limpou a gosma do sapato. Sentia muita falta de seus criados.

Hora de lidar com meu inimigo. Ele abriu um armário cheio de salmão enlatado. Assim que ligou o abridor de latas elétrico, ouviu a porta ser arranhada. Abriu-a com muito cuidado. O Mau Egípcio deslizou pela abertura e foi todo empertigado até a tigela de comida, como se fosse Tutancâmon entrando na sala de banquete.

Saladin fez *mrrp* antes de começar a comer.

— Lembre quem foi que alimentou você — advertiu Ian.

Então fechou a porta, voltou para sala, arrumou a almofada e deitou-se sobre a orelha boa, torcendo para que Saladin não soubesse destrancar portas.

* * *

Dan também estava comendo peixe quando o celular de Amy tocou.

— Olô? — tentou engolir todo o *bratfisch mit pommes frites* e começou a engasgar. — Mspere. — Ele pegou um copo de água gelada e tomou um grande gole. — Desculpe. Quem é?

— Erasmus — uma voz grave respondeu.

— Oi. Como está Pompeia? Como estão Hamilton e Jonah? Ouvi dizer que o Vesúvio está prestes a entrar em erupção!

— Não sei — Erasmus retrucou — estou em Mumbai.

— Na Índia? Pensei que vocês estivessem na Itália.

— Encontramos Luna Amato em Pompeia hoje de manhã — explicou Erasmus. — Foi aqui que viemos parar ao segui-la. Onde está Amy?

— Tomando banho.

— Diga a ela que o jatinho de Jonah está a caminho. O piloto vai ligar quando pousar em Berlim.

— Vou dizer, mas...

— Preciso ir — Erasmus desligou.

— Também gostei de falar com você — disse Dan, trocando o telefone por uma *pomme frite* (também conhecida como batata frita), já que Atticus havia devorado o último pedaço de *bratfisch* (também conhecido como peixe empanado) enquanto ele conversava com Erasmus.

— Aí está! — exclamou Jake ao encontrar alguma notícia na televisão sobre o blecaute no Pergamon.

Dan e Attius juntaram-se a ele em frente à TV. Um repórter estava entrevistando Rommel na entrada do museu.

— O repórter está perguntando se alguma coisa foi roubada — traduziu Atticus. — Rommel disse que encontraram toda coleção, exceto um velho manuscrito chamado *O livro dos dispositivos engenhosos.* Ele diz que um dos curadores pode tê-lo mudado de lugar. Ainda não conseguiu falar com todos os funcionários.

— Foi roubado — afirmou Dan. — Ou, mais precisamente, e*stá sendo* roubado.

Apontou para tela.

Cheyenne e Casper Wyoming estavam conversando bem atrás de Rommel. Sorriam para a câmera. Casper tinham um pacote embalado debaixo do braço do tamanho de um livro gigante.

— Vesper usou a gente! — Dan explodiu. — O Jubileu de Ouro era para desviar a atenção! — Pegou a bolsa de veludo. — Ele sabia que isso faria o alarme disparar. Provavelmente também informou Milos Vanek. E depois os Wyoming pegaram o livro, que não tem

nem de longe o valor das outras coisas que estão no museu. Talvez nem houvesse um guarda vigiando o manuscrito!

Dan pegou o telefone Vesper e releu uma parte da mensagem em voz alta:

— *“Obrigado pela ajuda no Pergamon. Não teríamos conseguido sem vocês.”*

Jake se levantou:

— Já chega de Vesper pra mim hoje. Vou dormir. — Entrou em um dos quartos e fechou a porta.

Atticus bocejou.

— Acho que também vou. — Pegou uma terceira sobremesa do carinho e levou-a para o outro quarto.

Dan desligou a televisão e jogou-se em uma cadeira. Não conseguia dormir. Um segredo o incomodava, coçando no fundo na cabeça, e ele achava que enlouquecer.

Pegou o celular e olhou para a última mensagem que tinha trocado com AJT – a pessoa que fingia ser Arthur Trend... ou que de fato era o pai de Dan e Amy.

Se você realmente é meu pai, pode dizer que coisa especial costumava falar para nos fazer sorrir juntos?

A resposta chegou rápida como um raio.

Cara de lua.

Além de Amy, a única pessoa que podia saber desse apelido específico era seu pai.

Dan tinha apagado todas as outras mensagens de ATJ, jurando que não o contataria outra vez. Mas não conseguia se segurar. Olhou de relance para a porta de Amy, depois digitou rapidamente uma mensagem.

Por que você armou contra nós no Museu Pergamon? O que é O livro dos dispositivos engenhosos?

Dan ficou encarando a tela. Passou uma hora, depois outra. Enfim ele adormeceu, esperando uma resposta do além.

Capítulo 12

Os reféns também estavam em vigília. Os guardas Vesper tinham assistido a tudo nos monitores. Reagan Holt morrera, aparentemente de ataque cardíaco, na nona flexão da terceira série de uma mão só.

Primeiro eles acharam que ela só estava descansando, mas o menino chamado Phoenix foi até lá e sacudiu o corpo dela.

— Reagan? — Olhou para os outros horrorizado. — Ela não está se mexendo.

— Ridículo! — disse Alistair Oh. Ele juntou-se a Phoenix e virou-a com cuidado. O rosto de Reagan estava azulado. — Ó, meu Deus! — ele gritou.

Os guardas observaram alguns dos reféns se revezarem para fazer respiração boca a boca e massagem cardíaca, enquanto outros gritavam pedindo um médico até ficarem roucos. Eles choraram. Então cobriram Reagan com um lençol e deixaram-na ao lado da porta.

Os guardas esperaram a partida de pôquer terminar para descer. Antes de abrir a porta, vestiram máscaras e ordenaram que todos se afastassem.

Arrasados pela dor, os reféns olharam apáticos para os guardas. Um dos Vesper apontou uma câmera para eles. Outro, uma pistola.

— Por que não nos pegam agora mesmo? — perguntou Fiske. — Acabem logo com isso.

O homem com a câmera riu.

— Eu *estou* pegando vocês... em alta definição.

— Nojentos! — xingou Nellie.

— Cretinos! — sibilou Natalie.

O Vesper com a pistola prendeu a arma no cinto e puxou com força os braços de Reagan. Mas, antes que pudesse arrastar o corpo dela um único centímetro, as pernas sem vida da menina fizeram uma curva acrobática, prendendo o pescoço do guarda como uma tesoura. Uma fração de segundo depois ele voava pelo ar e caía de costas no concreto. A garota supostamente morta e os outros prisioneiros

saltaram sobre ele como um bando de macacos voadores. O outro Vesper conseguiu dar um chute violento no joelho do homem chamado Alistair, mas não adiantou. Os guardas foram subjugados.

Reagan pegou a pistola e a câmera. Colocou o aparelho a dois centímetros de seu rosto:

— Agora eu é que estou pegando *você* em alta definição! — gritou ela, depois largou a câmera no peito do guarda.

O homem tentou reagir, mas não tinha ar suficiente nos pulmões para falar. Seu parceiro estava inconsciente. Os reféns ajudaram o velho que ele tinha chutado a se levantar. Saíram um a um pela porta de concreto, fechando-a em seguida com uma sonora batida.

Capítulo 13

Cheyenne Wyoming escovava seus longos cabelos loiros em um jatinho que voava para o sul a 35 mil pés de altitude. Seu irmão gêmeo, Casper, estava em frente a ela e segurava um pequeno espelho e uma pinça pontuada, arrancando pelos loiros errantes do nariz.

— Eu disse que se conseguíssemos roubar o Pergamon ficaríamos de novo numa boa com Vesper Um — Casper comentou. — Ai! — Ele levantou a pinça, analisando o que tinha puxado.

— Não estamos numa boa — respondeu Cheyenne. — Só não estamos mortos. Ainda. — Ela pegou o celular e leu a mensagem de Vesper Um em voz alta:

Estão a salvo dos lobos... por enquanto. Mas ainda posso atiçá-los contra vocês pelo menor motivo. Sigam imediatamente para Bamaco. Lá vocês pegarão o navio para Tombouctou. Fiquem de olho nos Cahill, mas de jeito nenhum no caminho deles. A não ser que queiram que minha alcateia de assassinos faça pedacinhos de vocês.

Vesper Um

— Esse cara tem o dom das palavras — ironizou Casper. — Mas ele comete erros.

— Por exemplo?

— Não pega o Danzinho como refém. A menina não tentaria nenhum truque se Vesper Um estivesse com o irmãozinho dela.

— Ele está usando isso como vantagem — opinou Cheyenne. — O garoto é muito inteligente.

— Ele não é inteligente — discordou Casper — é sortudo. — Arrancou o último pelo do nariz. — Ai!

Capítulo 14

Dan estava sonhando que Vesper Um ligava para ele...

— Cadê meu telefone?

Seus olhos abriram de repente. Amy estava para diante dele vestindo um roupão do hotel, com as mãos na cintura.

— Ãhn... — ele olhou para o telefone e percebeu que o barulho não era só em seu sonho.

— Deixe pra lá — Amy continuou — encontrei. Deve ser Evan.

Ela atendeu:

— Alô? Quem é? — perguntou, hesitante.

Sua expressão era de choque.

— Aposto que não é seu namorado — declarou Dan.

Amy sacudiu a cabeça e colocou o celular em modo viva-voz.

— Como você conseguiu esse número? — perguntou.

— A Interpol é a maior organização policial do mundo. Mas não foi assim que consegui seu número. Seu irmão Dan está aí? Acho que ele está com a minha carteira, e com um manuscrito de valor inestimável que pertence ao Museu Pergamon.

— Sim para o primeiro item — responde Dan. — Não para o segundo. Não roubamos *O livro dos dispositivos engenhosos*.

— Então como ele sabe que foi roubado?

— Pela televisão — Dan olhou para Amy. — Espere um instante, Vanek. — Ele colocou o telefone no mudo e se voltou para a irmã. — Você perdeu umas coisas enquanto estava de namorico com Evan pelo Skype.

— Não estava de namorico! — retrucou Amy.

Dan rapidamente contou o que tinham visto na TV, depois tirou o telefone do mudo.

— Desculpe por fazê-lo esperar, Vanek. Estamos no avião e estão nos dizendo para desligar o telefone. Vamos ter que continuar essa conversa mais tarde...

— Mais uma das suas piadinhas — interrompeu Vanek. — Vocês estão nos quartos 313 e 314 do Brandenburger Hof. Estou em frente

à porta do quarto, e todas as saídas do hotel estão sendo vigiadas. Para não incomodar os outros hóspedes, gostaria que vocês saíssem sem alarde.

Dan e Amy se viraram e encararam a porta, incrédulos.

— Precisamos pensar a respeito.

Dan colocou o telefone no mudo de novo e se aproximou da porta. Espiou pelo olho mágico: um agente Vanek distorcido olhava para ele com o celular na orelha.

Amy foi até a porta e abriu-a resoluta.

* * *

Milos Vanek olhou para as duas crianças. Pareciam exaustas, desgrenhadas e nervosas. A garota estava de roupão, com o cabelo embaraçado como se tivesse acabado de acordar. O menino parecia ter dormido de roupa.

— Posso entrar? — Ele não estava exatamente pedindo, mas era sempre melhor ser educado.

O hotel estava cercado de policiais, mas ele queria tirar os Cahill dali com a maior discrição possível.

Amy fez que sim com a cabeça e deu um passo para o lado. Ele passou entre ela e Dan e entrou no luxuoso quarto.

— Muito fino — comentou Vanek. — Deve ser legar ter mais dinheiro do que você consegue gastar.

— Dormimos num cemitério noite passada — respondeu Dan.

Vanek sorriu. A imaginação do menino parecia não ter limites. Olhou para Amy.

— Você precisa se vestir. E, se está pensando em sair pela porta da outra suíte, tenho um policial parado de lado de fora.

O rosto de Dan ficou tenso.

— Você não entende o que está acontecendo aqui.

Vanek olhou para ele.

— Entendo muito bem. O roubo de uma obra-prima valiosíssima, fuga da cadeia, ataque a um policial, disfarce de policial, roubo de carteira. — Ele estendeu a mão. — Gostaria de ter minha carteira e meu passaporte de volta... e minhas chaves.

— Como conseguiu meu número de celular? — perguntou a garota.

— Você o deixou anotado para mim no Pergamon — Vanek respondeu. Ele colocou a mão no bolso e tirou o relógio de Amy. — Talvez sem querer.

As crianças olharam desanimadas para o relógio. A garota estendeu a mão timidamente.

Vanek fez que não com a cabeça e colocou a mão para trás.

— A carteira — disse ele.

— E depois? — perguntou o garoto.

— Depois vou mandar vocês pra cadeia.

— Não levamos nada do Pergamon!

— Isso ainda precisa ser provado. E tem ainda o Caravaggio que roubaram na Itália.

— Que era falso — lembrou Dan. — Devíamos ter recebido uma recompensa por devolver o verdadeiro.

— A carteira — repetiu Vanek.

O garoto cruzou os braços e sacudiu a cabeça.

— Não.

— Dan — disse a garota suavemente, olhando séria, para o irmão. — Você sabe que o relógio tem valor sentimental para mim.

— Eu sei — respondeu o garoto, encarando-a de volta. — Mas a carteira de Vanek tem valor prático para ele. Se ele nos deixar partir, devolvo a carteira.

O garoto estava certo. A carteira tinha valor prático para Vanek, e essa era a razão de ele ter entrado no quarto sozinho, em vez de fazer a equipe que esperava no saguão arrombar a porta. Os guardas do museu sabiam que o garoto tinha algemado Vanek, então não era

possível evitar esse constrangimento. Mas ninguém sabia que Dan também não tinha roubado sua carteira.

Ainda assim, Vanek fez que não.

— Nada feito — recusou.

— Certo — retrucou o garoto — vamos pular tudo isso e ir direto pra prisão. Chame seus colegas aqui e faça uma busca. Nunca vai encontrar a carteira.

— Estava esperando fazer isso discretamente — respondeu Vanek, testando o blefe; tirou o rádio do bolso.

— Espere! — gritou o garoto, seu rosto pálido como a neve.

Vanek olhou com severidade para as crianças. Pareciam tão tristes e exaustos. Não havia nada de súplica ou da bravata que ele via tantas vezes quando criminosos eram pegos.

— Que tal um acordo assim... — começou Dan. — Eu devolvo a carteira em troca do relógio. — Ele hesitou. — E, se você nos deixar ir embora, entrego também Luna Amato.

O simples som do nome fez o rosto de Vanek avermelhar de raiva. Ladrões, assassinos, falsários – todos eram maus. Mas o pior de tudo era um policial corrupto. Quando informou seus superiores sobre Luna, encontrou olhares vazios, arrogância e até mesmo um ar de terror. De algum jeito ela havia afetado todos eles. Vanek tinha decidido ir atrás dela por conta própria, mas seu rastro tinha desaparecido na Turquia. Ele estava caçando Luna Amato quando recebeu de uma fonte anônima a dica de que os Cahill estariam no Pergamon.

— Você sabe onde ela está?

Dan olhou para ele.

— Sei. Mas não vou contar se nos prender.

Vanek pesou suas opções enquanto olhava fixo para o desafiador garoto.

— Como posso ter certeza de que você vai dizer a verdade?

— Como posso ter certeza de que você não vai mandar seus homens entrarem aqui depois que eu contar onde ela está?

— Você tem minha palavra — respondeu o agente.

— E você tem a minha.

Vanek ficou olhando para ele por vários segundos. O garoto não piscou. Poderia encontrar crianças Cahill quando quisesse. O mesmo não podia ser dito de Luna Amato.

— Sei que há mais coisa por trás do que estão fazendo — disse. — Posso ajudá-los se deixarem.

A garota fez que não.

— Não dá.

Vanek conseguia ouvir o esforço que ela fazia para manter a voz firme. Alguma coisa o incomodava naquelas crianças. Alguma coisa nelas não combinava com os crimes que ele sabia que tinham cometido.

O agente pensou por um segundo agonizante, depois estendeu a mão com o relógio. O rosto da garota se contorceu por um curto instante, como se o alívio de ter o relógio de volta fosse mais do que seu corpo esguio pudesse suportar. O garoto assentiu, depois colocou a mão no bolso de trás da calça e tirou a carteira.

Vanek sorriu.

— Escondida bem à vista... — Pegou a carteira. — Onde está Luna Amato?

— Mumbai.

— Trabalhei em Mumbai por muitos anos. É uma cidade muito grande, com vinte milhões de pessoas. Onde posso encontrá-la?

— Encontre Jonah Wizard e encontrará Luna Amato.

Vanek ergueu uma sobrancelha.

— Jonah Wizard, o astro da música e do cinema? O que ele tem a ver com a mentirosa e traidora Luna Amato?

— Ele está de olho nela.

— Por quê?

Amy interrompeu:

— Isso não faz parte do acordo — ela disse. — Você tem policiais guardando as saídas?

Vanek fez que sim e rebateu:

— Tenho sua palavra sobre Luna Amato?

O garoto olhou para ele.

— Como diria Jonah Wizard: *firmeza*.

Capítulo 15

“Firmeza”. Jonah Wizard enfiou o celular no bolso e olhou para Hamilton Holt.

— Era Amy. Eles vão pegar o jatinho emprestado pra ir até Tombouctou. O roubo da joia era treta, mas os reféns ainda estão beleza. Uma cara da Interpol está vindo da Alemanha atrás de Luna.

Hamilton olhou confuso para seu parceiro, um megasuperastro do hip-hop. Apesar de ter passado o tempo todo com Jonah por vários dias, entendia melhor as gírias do camelô de quem estava comprando comida em Mumbai do que as de seu primo famoso.

— Você está dizendo que eles vão usar seu jatinho para ir a Tombouctou e que não conseguiram o diamante Jubileu, mas que Reagan e os outros reféns estão bem?

— Você precisa de legenda, mano?

— É, acho que sim.

Hamilton pegou o sanduíche *pav bhaji* envolto em uma folha de bananeira e abriu uma lata de refrigerante. Do outro lado da rua, um encantador de serpentes tocava flauta, fazendo uma cobra-real sair de dentro de um cesto.

— Cobras são surdas — disse Jonah.

— Total, cara — respondeu Hamilton.

— Não, elas são surdas de verdade — insistiu Jonah. — Aquela cobra não consegue ouvir nem uma nota da flauta. Está vendo como o encantador balança pros lados e ondula o corpo? A cobra está imitando os movimentos do cara, e não dançando ao ritmo da música. — Ele atravessou a rua, colocou alguns trocados no cesto do encantador, depois começou a balançar e ondular o corpo acompanhando-o.

Erasmus insistia que viajassem à Índia completamente incógnitos. Nada de paparazzi. Nada de limusines. Estava se deslocando pela enorme cidade de moto... Bem, Erasmus tinha uma moto, mas arrumara um riquixá motorizado para eles. Um dirigia, outro ia de passageiro, o que era motivo constante de discussão.

Além disso, nada de hotéis cinco estrelas. Estavam hospedados em uma base secreta Madrigal que mais parecia uma cabana.

Nada de restaurantes cinco estrelas, tampouco. Hamilton deu outra mordida no *pav bhaji* enquanto observava o primo.

Nada de Jonah Wizard.

— Não podem ver Jonah Wizard na Índia — Erasmus ordenara. — Não vamos conseguir colar em Luna se estiverem na nossa cola.

Tinham seguido Luna até um aeroporto em Roma onde ela reservou uma passagem de primeira classe para Mumbai. Erasmus reservou três assentos na classe econômica no fundo do avião, perto dos banheiros. Era a primeira vez que Jonah viajava de classe econômica e ele não gostou nada do conceito de assento do meio.

Quando o avião aterrissou, Hamilton e Jonah pegaram a pouca bagagem que tinha e se levantaram, ansiosos para sair do avião e não perder Luna na multidão.

— Sente-se — ordenou Erasmus. — Ela tem de pegar as malas e passar pelo controle de passaporte e pela alfândega. Isso vai levar 1h12. Para nós, vai levar 16 minutos para chegar à saída. Não temos malas, e conheço um cara na imigração.

Dezesseis minutos depois eles saíram do aeroporto de Mumbai. Levou trinta minutos para Erasmus conseguir a moto e o riquixá. Exatamente 26 minutos depois, Luna Amato saiu do terminal e entrou em uma limusine.

O plano deles era vigiar o hotel de Luna em turnos de seis horas. Erasmus tinha insistido que Hamilton e Jonah montassem guarda juntos para que um mantivesse o outro acordado. Quando Jonah perguntou quem ia manter Erasmus acordado, ele respondeu que não dormia. Até onde sabiam, era verdade.

Hamilton mandou para dentro a última mordida e deu um gole no refrigerante enquanto Jonah voltava de sua dança com a cobra.

— Precisamos render o Erasmus — lembrou Ham, olhando para o relógio.

— Também precisamos contar para ele sobre o cara da Interpol — Jonah completou.

— Que cara da Interpol? — perguntou Hamilton, andando com Jonah até o riquixá.

— Você não escutou quando eu falei? Milos Vanek está vindo para cá. Temos de descobrir o que está rolando com essa Luna. Minha vez de dirigir.

Encontraram Erasmus apoiado na parede do outro lado da rua em frente ao hotel de Luna, no mesmo lugar que ocupara várias horas antes. Ele não estava preocupado com o fato de que o hotel tivesse várias outras saídas pela quais Luna pudesse escapulir. Tinha muitos contatos na indústria hoteleira. Uma única ligação colocou dezenas de pessoas de olho em Luna, monitorando cada movimento dela. Se desse um só passo para fora do hotel, Erasmus ficaria sabendo.

— Aê — cumprimentou Jonah.

— Ei, Erasmus — disse Hamilton.

Ele acenou com a cabeça depois subiu na moto.

— Vejo vocês daqui a algumas horas.

Jonah e Hamilton ficaram olhando na direção de Erasmus até muito depois de ele desaparecer no meio do trânsito.

* * *

Erasmus não foi para a base secreta. Na verdade, ele não tinha ido até lá desde que chegara com Hamilton e Jonah. Em vez disso, foi para um cibercafé. Havia centenas deles em Mumbai, e ele nunca ia duas vezes ao mesmo.

Entrou, pagou e instalou-se num computador longe das janelas, no canto mais escuro. Entrou na Internet e abriu uma conta de e-mail protegida. Havia mais de quinhentas mensagens não lidas. Membros da família Cahill do mundo todos estavam mandando informação para Attleboro. Evan, por sua vez, encaminhava tudo para Erasmus,

não importava o quão trivial fosse. Em algum lugar no meio de todos aqueles dados, Vesper Um tinha deixado um rastro, uma única impressão digital virtual que poderiam usar para localizá-lo. Os Vesper operavam às escuras, mas ao fazer reféns e matar McIntyre tinham se exposto brevemente à luz do dia. Era hora de encontrá-los.

Erasmus passou os olhos por todos os e-mails, mas apenas dois itens se sobressaiam. Ladrões tinham encontrado no Laboratório Nacional de Campos Magnéticos Intensos em Tolouse, na França, e roubado todos os ímãs. Todos. Tinham levado o fim de semana inteiro para tirar todo o equipamento do laboratório. A não ser que os ladrões fossem físicos estudando partículas, não teriam uso nenhum para os objetos.

O outro item era uma breve menção ao roubo de uma réplica do mecanismo de Anticítera do Museu Americano da Computação em Bonzeman, Montana. O aparelho original tinha sido descoberto em um naufrágio no Mediterrâneo por um mergulhador grego em 1900, mas acreditava-se que fora construído entre 150 e 100 a.C. considerado a princípio um dos primeiros relógios mecânicos, agora classificado como o mais antigo computador analógico. Ninguém sabia ao certo para que a máquina tinha sido usada, mas os cientistas acreditavam que ela servia para marcar o ciclo metônico, prever eclipses solares e calcular as datas dos antigos Jogos Olímpicos.

A réplica era bonita, porém o que interessava Erasmus era a fotografia do mecanismo de Anticítera original. Parecia familiar, embora ele não conseguisse lembrar exatamente onde o tinha visto antes.



Ele memorizou cada detalhe da fotografia antes de salvá-la no pen-drive em que guardava informações sobre os Vesper. Era só uma de milhares de peças. No fim, todas as peças se encaixariam e aprisionariam os Vesper.

Sua tarefa final era fazer uma busca na Internet por “Jonah Wizard”. O garoto tinha sido muito bom em não ser o famoso Jonah Wizard nos últimos dias, mas Erasmus sabia que isso não ia durar. Os fãs do astro estavam de olho, e havia relatos de que ele tinha sido avistado em Alice Springs, na Austrália, fazendo rap com aborígenes, depois em Churchill, no Canadá, passando tempo com urso-polares. Um rumor particularmente estranho era o de que ele estava em Manaus, no Brasil, procurando o Eldorado. E o seguinte dizia que estava em... Mumbai, na Índia. Erasmus clicou no link, que ia para um vídeo de Jonah dançando com uma cobra-real.

Isso vai complicar as coisas, pensou Erasmus.

Quando o vídeo acabou, ele inseriu um segundo pen-drive, que limpou o disco rígido do computador. Enquanto o pen-drive rodava, Erasmus olhou para o relógio. Tinha tempo contado para comer alguma coisa e assistir a um filme. Talvez dois filmes na sequência. Ele adorava filmes falados em híndi, e qual lugar melhor para assistir a um desses do que a cidade natal de Bollywood?

* * *

O alarme do computador, que indicava novos dados estavam entrando, acordou Vesper Três. Erasmus estava on-line de novo. Tinha sido tão fácil trocar seu pen-drive pelo de Vesper Três. Erasmus achava que estava limpando a memória dos computadores que usava, mas na verdade transferia todos os dados e tudo o que digitava para Vesper Três.

É como tirar doce de uma criança. Os Cahill não têm ideia de com quem eles estão lidando.

Vesper Três avançou até a imagem de Amy em choque ao descobrir que um dos seus a traíra. Os Vesper estavam mais próximos do que Amy pensava, tanto que usavam a sua casinha de comando como base. Aquela que consideravam líder dos Cahill achava que sua mansão era segura. Mas os Vesper tinham olhos (e agentes) em todo lugar.

Vesper Três sorriu. *É hora de Luna Amato se mexer. Os ratos estão todos reunidos e prestes a cair na armadilha.*

Vesper Três mandou por e-mail o sinal para soltar a isca.

Capítulo 16

— Por aqui!

— Não, por aqui!

— Vocês dois estão errados. Por aqui!

— Todo mundo cale a boca! — gritou Ted.

Isso fez todos pararem. Ted Starling raramente falava e jamais gritava. Os reféns tinham corrido por um longo túnel mal iluminado e estavam agora diante de três entradas que partiam em direções diferentes.

— Vocês estão fazendo muito barulho — disse Ted. — Os guardas que trancamos no bunker não são os únicos aqui. Se prendemos dois, isso significa que deve haver pelo menos outros sete. Provavelmente mais.

Ted apoiava-se no braço de Nellie, que o guiava pelo túnel.

— Ted tem razão — concordou ela. — Escapamos do bunker, mais ainda estamos presos.

— Talvez devêssemos nos separar — sugeriu Reagan.

— Não me parece uma boa ideia — discordou Fiske. — A única vantagem que temos é estarmos em grande número.

— Não, não é — responde Reagan. — Temos isto. — E mostrou a pistola que tinha roubado do guarda.

— Espero que não precisemos disso — comentou Fiske.

Ted apalpou as paredes.

— Me digam como é aqui.

— Estamos em um túnel de pedra — respondeu Nellie. — Pode ser uma antiga mina. Há uma luminária enferrujada a cada dez metros; algumas lâmpadas estão queimadas. Passamos por algumas portas de metal, mas pareciam trancadas pela ferrugem. Adiante há três túneis idênticos, um à esquerda, uma à direita e um no meio.

— Tem alguma marca na parede indicando onde estamos ou o que é este lugar? — perguntou Ted.

— Nada.

— Ponham-me na frente dos três túneis e me deixem escutar por um minuto sem ninguém falar.

Nellie posicionou Ted. Ele franziu a testa, concentrando-se.

— Tem pessoas andando no túnel da direita. Acho que estão a alguns minutos de nós, o que significa que esta passagem subterrânea é enorme. Elas não estão correndo, o que quer dizer que não devem saber que escapamos. Não ouço nada no túnel do meio. Definitivamente tem ar fresco vindo do túnel da esquerda.

— Então, para a esquerda — declarou Alistair.

— Vamos dar o fora daqui! — exclamou Reagan, pulando na frente.

Natalie seguiu com Fiske e Nellie guiou Ted; Phoenix e Alistair, manco, vinham na retaguarda. O chute do guarda tinha machucado bastante o joelho de Alistair e o ombro de Phoenix tinha a altura quase perfeita para ele se apoiar.

Avançaram apressados, Alistair mancando o mais rápido que podia. O túnel parecia não acabar nunca, e cada barulho fazia o grupo virar para trás, assustado. Pelos cálculos de Nellie, faltavam quase oitocentos metros para o fim. Reagan ultrapassara todo mundo e esperava por eles com uma expressão de dúvida quando chegaram.

— Não tem saída — anunciou ela.

— Você está brincando — reagiu Nellie.

— Quem dera. — Reagan virou-se e bateu na parede. — É rocha.

— Xiu! — Ted pôs a orelha na parede. — Eles estão vindo!

— Fique atrás de mim — Alistair disse para Phoenix.

— Ar fresco! — Ted estava com o rosto voltado para o teto. — Posso sentir! De onde está vindo?

Estavam tão ocupados procurando brechas na parede que ninguém tinha se preocupado em verificar o teto. Acima deles havia uma estreita passagem vertical com uma escada de ferro acoplada, por onde entrava uma luz fraca.

— Seu eu der um pulo, consigo alcançar a escada! — Reagan correu em direção à abertura e saltou, conseguindo por pouco segurar com a mão boa a barra mais próxima. Ela subiu pela abertura como uma ginasta, depois desceu no túnel. — Tem uma grade. São seis metros de altura, no máximo. Vamos!

Eles ajudaram Phoenix a subir primeiro, depois Alistair, Ted, Natalie e Fiske.

Reagan fez uma escadinha com as mãos para ajudar Nellie a alcançar a escada.

— E você? — perguntou a *au pair*.

— Já vou — respondeu Reagan. — Mas primeiro vou segurar nossos amigos.

Nellie sacudiu a cabeça em negativa.

— Não é seguro. Saia daqui e me deixe fazer as honras. Sou muito boa com armas.

— Não quero acertar ninguém — explicou Reagan. — Vou atirar algumas vezes no túnel e deixar o barulho e o ricochete das balas cuidarem do resto. Além do mais, você não consegue pular alto o suficiente para alcançar a escada.

Relutante, Nellie subiu nas mãos de Reagan e agarrou a primeira barra. O machucado em seu ombro reabriu, e foi como se alguém tivesse derramado gasolina e posto fogo nele. Nellie apertou os dentes e ignorou a dor e o sangue morno que escorria pelo braço.

Sete tiros ensurdecedores reverberaram pela passagem, seguidos por uma saraivada de represália, que quase fez Nellie perder o equilíbrio.

— Você está bem? — Nellie gritou para Reagan.

— Tudo bem — respondeu a gêmea Holt. — Continue subindo.

A *au pair* tentou subir mais, no entanto a fila tinha parado completamente.

— Rápido! — gritou ela.

— A grade está trancada! — Phoenix gritou em resposta.

Reagan escalou como um macaco até onde Nellie estava e entregou-lhe a pistola.

— Sobrou uma bala. Passe para cima e diga a Phoenix para usá-la direto e rápido. Os Vesper vão chegar a qualquer momento!

— Você já atirou antes? — Alistair perguntou para Phoenix ao entregar a arma com as mãos trêmulas.

Phoenix deu um sorriso sem graça.

— Mais ou menos — respondeu. — Foi no set de *As crônicas do gangsta,* com Jonah. Me deixaram atirar, mas eram balas de mentira.

— Depressa! — gritou Reagan. — Estão quase aqui!

Phoenix apontou a pistola para a fechadura, virou a cabeça e puxou o gatilho.

Clique.

— É o mecanismo de segurança! — gritou Reagan. — É no lado esquerdo, na altura do polegar! Gire a trava para cima!

Phoenix soltou a trava e mais uma vez puxou o gatilho.

Bum!

Um estilhaço abriu um corte na mão direita do garoto. Ele instintivamente soltou a escada, perdeu o equilíbrio e caiu. A mão firme de Alistair o segurou pelas costas.

— Você tem de abrir a grade!

Mas a grade era pesada, e Phoenix não conseguia empurrá-la. Todos conseguiam ouvir os passos dos guardas. Natalie olhou nervosa para baixo, depois passou por cima de Ted para ajudar Phoenix e Alistair. Levou vários preciosos segundos até a pesada grade de aço abrir. Os reféns saíram rápido. Assim que Reagan pulou para fora, balas dispararam pela abertura. Ela se jogou no chão e se afastou rolando.

— Foi por pouco — disse ela, olhando para um corte em sua roupa onde uma bala tinha passado raspando.

Estavam em uma pequena clareira cercada de enormes abetos, árvores coníferas parecidas com pinheiros. O calor estava escaldante,

mas eles não ligaram. Pela primeira vez em semanas, encheram o pulmão de ar fresco.

— Pra onde? — perguntou Natalie.

— Pra lá — Reagan apontou. — Morro abaixo. Com certeza vocês vão encontrar uma estrada ou um rio.

— O que você quer dizer com *vocês?* — perguntou Nellie, olhando desconfiada para Reagan.

— Não quero ofender ninguém, mas vocês não vão conseguir ir muito rápido — observou Reagan. — Alguém tem que ficar aqui e segurar essas toupeiras no buraco. Não se preocupe, depois alcanço vocês.

— Você não tem mais balas — lembrou Alistair.

Reagan pegou uma pedra grande.

— Munição! — Ela jogou a pedra no buraco e eles ouviram um gemido de dor.

— Vou ficar também — declarou Nellie. Depois, virou-se para os outros: — Vão, depressa!

Fiske pegou o braço de Ted.

— Encontramos vocês em algum lugar lá embaixo — disse ele, e o grupo correu para as árvores, com Alistair mancando atrás.

Capítulo 17

Reagan e Nellie estavam empurrando duas grandes pedras para o buraco quando os cães atacaram.

Reagan foi a primeira a ver os dois pit bulls correndo pela clareira.

— Não se mexa! — gritou para Nellie.

Mas Nellie já tinha jogado um graveto para o cachorro que corria em sua direção. Infelizmente, a única coisa que o pit bull estava interessado em pegar era Nellie. Ele a derrubou e mordeu sua perna com força.

Vários guardas bem armados e mascarados saíram correndo da floresta. Um deles chamou o cachorro antes de se voltar na direção de Reagan.

— Não se mexa! — Reagan apontou a pistola.

Eles simplesmente riram.

— Estou falando sério! — gritou Reagan.

— Sei contar — respondeu o guarda. — Você não tem mais balas. — Ele apontou o rifle para Reagan.

Ela largou a pistola e correu para Nellie.

— Está muito feio o machucado? — perguntou à *au pair*, abalada.

O cachorro tinha mordido o rosto dela, além da perna.

— Precisamos de um médico! — gritou Reagan.

— Não vai ter médico nenhum — respondeu o Vesper. — Onde estão os outros?

— Voltaram para dentro do túnel — mentiu Reagan.

O guarda sacudiu a cabeça em reprovação antes de virar-se para os colegas:

— Soltem os cachorros. Eles vão encontrá-los.

* * *

Os outros reféns só tinham avançado dois quilômetros e meio, a maior parte morro abaixo, e Alistair já estava exausto.

— Estou ouvindo água — Ted anunciou.

— Onde? — perguntou Fiske.

— Perto.

— É bem aqui! — Natalie exclamou.

Eles se juntaram a ela na beira de um precipício. Sessenta metros abaixo havia um rio correndo ruidosamente.

— Parece que tem uma trilha até lá embaixo — disse Natalie. — Mas é estreita e escorregadia. Devíamos esperar Reagan e Nellie antes de descer.

Fiske ponderou a ideia, mas só por um segundo.

— Não, é melhor irmos agora.

Ele deu um passo à frente e começou a descer o penhasco.

* * *

Reagan e Nellie tinham sido algemadas e jogadas na parte de trás de um furgão sem janelas.

A *au pair* engoliu em seco.

— É muito grave? — Seu cabelo preto e branco estava empapado de suor e sangue.

Reagan examinou-a sob a luz fraca.

— Seu rosto está um pouco inchado, mas não parece sério. Estou mais preocupada com sua perna. Precisamos limpar essas feridas para não infeccionar.

— Eu não devia ter jogado o graveto — arrependeu-se Nellie.

— É muito difícil não reagir quando um animal feroz vem em sua direção. Aprendi isso no curso de sobrevivência. Os predadores esperam que a presa fuja ou se defenda. Quando isso não acontece, corta o circuito deles... geralmente.

— Ouça! — Nellie interrompeu.

Um dos guardas estava falando por rádio fora do carro, mas devia estar usando um fone de ouvido, porque elas só conseguiam ouvir um lado da conversa.

— Sim, senhor... Não... Temos duas presas... Nellie e a garota Holt... Sé assim que o senhor prefere... Deixe-me ver o mapa... Sei onde é. Estaremos lá em alguns minutos.

Deram partida no furgão. Estavam em movimento.

* * *

Phoenix não fazia ideia de como tinha se tornado o primeiro da fila, mas era tarde demais para trocar de lugar agora. A trilha íngreme e escorregadia até o rio dava para uma pessoa só. Alistair estava seis metros atrás, segurando em raízes para manter o equilíbrio. Depois vinha Fiske, seguido por Ted e Natalie. De todos, Ted parecia quem estava se saindo melhor na descida traiçoeira. Phoenix só conseguia pensar que era porque ele estava acostumado a se movimentar com cuidado e tateando o caminho. Parou para esperar Alistair.

— Você está bem?

— Tudo bem — respondeu Alistair entre os dentes. Sempre asseado, mesmo no cativeiro, seu macacão estava completamente encharcado de suor e manchado de terra. — Só preciso ir devagar, e não posso olhar para baixo. Sou um pouco acrófobo.

Phoenix arriscou olhar para o rio borbulhando trinta metros abaixo e seu estômago deu um nó. Ele agarrou uma das raízes, pensando se também tinha medo de altura.

Ou talvez seja porque não sei nadar. Não que alguém fosse capaz de nadar nessa correnteza.

— Como está sua mão? — perguntou Alistair, seguindo adiante apesar da dor que obviamente sentia.

— Está bem — respondeu Phoenix.

Mas não era verdade. Estava inchada, dolorida e impossível de mexer. Ele só podia se equilibrar com a mão esquerda e sentia um

aperto no coração cada vez que tinha de soltá-la para dar outro passo.

— Algum sinal de Reagan e Nellie? — Alistair perguntou para o grupo que vinha atrás.

— Não — respondeu Natalie, exausta.

Phoenix estava prestes a se oferecer para procurá-las quando sentiu um solavanco no chão sob seus pés. O trecho de lama sobre o qual estava parado pareceu tremer, depois desgrudou-se da trilha. Phoenix tentou correr, mas suas pernas se mexeram no vazio. Era tarde demais. Seu mundo entrou em uma horrível câmera lenta e ele começou a despencar em direção à corredeira.

— Nããão! — Alistair deu um salto caindo sobre o joelho machucado, mas tudo o que conseguiu segurar foi a mão machucada de Phoenix.

Phoenix podia ouvir os outros gritando, porém não conseguia vê-los. Estava pendurado sobre o rio, e o rosto acinzentado de Alistair Oh pairava acima. Ele procurou desesperadamente um apoio para os pés, ou alguma coisa em que pudesse se segurar com a mão boa. Só que não havia nada abaixo além do espaço vazio. A dor da mão machucada era atroz, e o sangue a deixava escorregadia. Ele percebeu que a mão de Alistair estava começando a escapar.

— Aguente firme! — gritou Alistair. — Estou te segurando!

O peso de Phoenix arrastava Alistair para cada vez mais perto da beirada. Os olhos do menino se embaçaram de lágrimas quando percebeu a terrível verdade. Se não soltasse, morreriam os dois.

Alistair deve ter visto a resolução na expressão de Phoenix.

— Não solte! — implorou.

Nesse momento, Phoenix fez que não com a cabeça e fechou os olhos com força. Visualizou o rosto da mãe, o sorriso de boa-noite que ela dava quando o colocava na cama.

E soltou a mão.

Capítulo 18

— Alguém acabou de cair?

Natalie mal ouviu a pergunta em meio aos soluços. Incrédula, ela virou a cabeça e viu um homem parado ao seu lado.

— Alguém acabou de cair? — ele repetiu, aflito.

Natalie olhou para o homem, confusa. Ele parecia ter vinte e poucos anos e carregava uma mochila.

— Nosso amigo... — ela engasgou. — Ele...

— Fique onde está — disse o homem. — Vou passar na sua frente.

Antes que ela pudesse se opor, ele deslizou com agilidade diante dela e Ted, que estava paralisado de horror.

Fiske olhou incrédulo para o rapaz desconhecido:

— Quem é você? Como conseguiu...

— Não tem importância — interrompeu o homem. — O chão não está firme!

Juntos, ele e Fiske ajudaram um arrasado Alistair a levantar.

— Eu... Eu não consegui segurar...

— É uma grande queda — disse o homem, olhando penhasco abaixo. — Mas pode ser que esteja vivo. Ele sabe nadar?

— Não sei — respondeu Fiske, olhando com alguma esperança para Ted e Natalie.

Natalie fez que não com a cabeça. Ela também não sabia.

— A correnteza é forte por aqui — continuou o homem. — Mas fica fraca a um quilômetro e meio adiante.

— Quem é você? — perguntou Fiske.

— Meu nome é Martin Holds. Estava lá em cima quando ouvi alguém gritar.

— Você chegou aqui bem rápido — observou Fiske.

— É, acho que sim — disse Martin. — Já percorri este caminho antes e faço escalada.

— Onde estamos?

Martin pareceu confuso.

— Vocês não sabem?

Fiske fez que não com a cabeça.

— Baden-Württemberg.

— Na Alemanha? — perguntou Fiske.

Martin fez que sim.

— Na Floresta Negra.

Ele olhou para as roupas dos outros e uma leve desconfiança passou por seu rosto.

— Como podemos chegar lá embaixo?

— Não dá mais para usar a trilha. O único jeito é subir de volta. Tenho um celular no acampamento. Podemos ligar pedindo ajuda. — Ele olhou solidário para Alistair. — Se seu amigo sobreviveu à queda, vamos encontrá-lo.

Fiske balançou a cabeça. Não conseguia acreditar que Phoenix tivesse caído.

Natalie foi a primeira a chegar ao topo, mas ela mal havia pisado em chão firme quando uma mão a agarrou, cobriu sua boca e jogou-a no chão. Ted foi o próximo. Fiske tentou lutar contra os guardas, contudo levou em troca uma coronhada de rifle. Com o joelho ruim, Alistair foi facilmente dominado. Martin Holds foi o último. Conseguiu dar um golpe que fez o nariz do guarda sangrar e socou a barriga de outro antes que o prendessem.

— Nem tivemos que descer para pegá-los — disse o chefe dos guardas, olhando para os prisioneiros algemados. — Legal da parte de vocês terem voltado pela trilha.

Fiske estava exausto e arrasado demais para responder, mas Martin Holds tentou se virar.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

O guarda ignorou-o.

— Onde está o menino?

— Caiu — respondeu Fiske.

— Veremos. — Ele mandou dois guardas descerem a trilha. — Levante-se!

Os prisioneiros não obedeceram, então os guardas os puxaram para que ficassem de pé.

— Tire as mãos de mim! — gritou Martin.

— Ele não tem nada a ver com isso! — insistiu Fiske, colocando-se entre Martine o guarda. — Não sabe de nada. Só estava tentando ajudar!

—Estava no lugar errado na hora errada — declarou o chefe. Ele sacou a pistola e carregou-a.

— O que você está fazendo? — Martin gritou, o choque estampado no rosto.

— Ponham todos no caminhão — ordenou o guarda, apontando para os reféns.

— Você não pode fazer isso! — Fiske gritou enquanto os Vesper empurravam os prisioneiros para a floresta. — Ele não fez nada!

Um tiro estourou atrás deles.

Natalie, Fiske, Ted e Alistair sentiram como se a bala os tivesse acertado.

* * *

Phoenix Wizard estava assustado demais para gritar ao cair. E não teve tempo. A queda de trinta metros levou só dois segundos, mas ele bateu na água gelada mais rápido que o carro da sua mãe em velocidade máxima. O garoto afundou na água e sentiu as pernas baterem nas pedras no fundo. Perdeu o ar por causa do impacto e engoliu água gelada. A corrente começou a carregá-lo imediatamente, arrastando-o por cima das pedras e sugando-o para dentro de redemoinhos. Quando parecia que seus pulmões iam explodir, a corrente o trouxe para cima por tempo suficiente para retomar o fôlego.

Ele sabia que seu corpo não ia aguentar muito mais. Seus músculos estavam adormecidos, e Phoenix mal tinha força para manter as mãos na cabeça para protegê-la das rochas afiadas que

cobriam as margens e despontavam na água. Bem na hora em que seu corpo e mente exaustos estavam a ponto de desistir, ele viu um galho comprido que poderia alcançar. Era sua única chance.

Se eu conseguir segurar, sobrevivo. Senão morro.

Precipitou-se sobre o galho, mas a mão começou a escorregar. Apertando os dentes, agarrou de novo e soltou um berro. Desta vez conseguiu manter a força e, devagar, uma mão depois da outra, a ferida feita pelo estilhaço queimando, conseguiu chegar até a margem. Ficou deitado ali, ofegante.

Quando juntou forças para sentar, avaliou a situação. Imaginou que devia estar no mínimo um quilômetro e meio rio abaixo. Os outros não conseguiriam ir além do trecho que tinha desmoronado. Iam ter que dar meia-volta e encontrar outro jeito de chegar ao rio – isso se achassem que ele tinha sobrevivido. Phoenix lutou contra o impulso de voltar rio acima o mais rápido possível para procurá-los. Sua melhor opção era seguir a correnteza e encontrar ajuda para si e para seus parentes.

Levantou-se tremendo e tentou se localizar. Até onde a vista alcançava, havia árvores gigantes, colinas íngremes e montanhas nevadas por todos os lados.

Quão longe estará a próxima cidade? E se não houver uma estrada descendo o rio?

A imensidão da paisagem sacudiu-o por dentro. Phoenix estava completamente sozinho na natureza selvagem.

Capítulo 19

Durante o voo de Berlim para Tombouctou, Dan e Atticus bateram um recorde: usaram o banheiro do jatinho 27 vezes cada um. A comilança da noite anterior estava surtindo efeito. Quando não estavam correndo para o banheiro, jogavam videogame na tela de sessenta polegadas de alta definição de Jonah.

Amy e Jake estavam sentados o mais longe possível dos meninos. Ambos disseram que queriam dormir a viagem inteira, mas nas 54 vezes que Dan ou Atticus passaram por ali, eles estavam conversando, completamente isolados de tudo o que acontecia em volta.

Atticus voltou do banheiro e sentou ao lado de Dan.

— Acho que Jake... É nojento demais só de pensar, mas acho que ele gosta da Amy.

— Ah, é? — Dan olhava para a tela. Estava prestes a passar de fase. — Aliás, você morreu enquanto estava no banheiro. Eu tentei te salvar, mas é difícil usar dois controles ao mesmo tempo.

— E o que você acha de Jake e Amy? — perguntou Atticus, esticando o pescoço para espiar o irmão.

Dan torceu o nariz como se estivesse na frente de um prato de jiló.

— Se Jake gosta dela, vai se desapontar muito. Ela só tem olhos para o Evan. Quando eles estão juntos, ficam dizendo "Você é demais. Não, *você é demais*". Se você visse, ia querer vomitar. A propósito, estou com fome de novo. E você?

Atticus esticou o braço e apertou o botão para chamar a comissária de bordo.

* * *

— Está engolindo tudo — disse Amy quando desceram na pista fervendo.

— É mesmo — disse Dan, com a mão na barriga. — Não vou mais comer por uma semana.

Atticus suspirou.

— Ela não está falando de você! Esta falando de como o deserto está tomando conta de Tombouctou.

Dan precisava admitir: era difícil distinguir um único prédio do aeroporto da areia em volta. O ar parecia estalar de tanto calor. Aviões velhos estavam espalhados ao acaso pela pista rachada, como se tivessem aterrissado décadas atrás e nunca mais decolado.

— Parece o fim do mundo — observou Amy.

— Bem, está mesmo *deserto* — comentou Dan. — Cadê todo mundo?

A única coisa se movendo na pista era a areia levada pelo vento. A única coisa se movendo dentro do terminal era o velho zelador limpando a areia do carpete com um aspirador de pó antigo.

Atticus chegou mais perto do irmão.

— Isso aqui é meio assustador — disse ele.

— É — Dan concordou. — Me lembra um pouco aquele game de fim do mundo que estávamos jogando no avião.

— Mas sem os zumbis — sublinhou Atticus, olhando desconfiado para a paisagem em volta.

— Estou feliz de saber que vocês usaram tão bem o tempo no avião — interrompeu Amy.

— Ah, é? E o que você e Jake fizeram? — rebateu Dan.

Ela levantou o nariz:

— Aprendemos que Tombouctou já foi porto seguro para estudiosos e polo intelectual da maior parte do Islã.

— Não há referências a *Pedido de desculpas por meu grande delito* em nenhum lugar na Internet — completou Jake. — Mas Tambouctou tem meia dúzia de bibliotecas com milhares de manuscritos antigos, e a maior parte deles não está catalogada. O que quer que Vesper Um esteja procurando, provavelmente está em uma dessas bibliotecas.

— Quantos milhares? — perguntou Atticus, uma faísca de interesse brilhando por trás dos óculos.

— Não acredito! — brincou Jake. — Existe alguma coisa que meu irmão não sabe.

— Setecentos mil — respondeu Amy baixinho.

O número gigantesco silenciou todos por um instante.

— Isso dá só 175 mil para cada um — Atticus inclinou a cabeça pensativo.

Ninguém respondeu.

Dan olhou para o relógio.

— Temos 24 horas, então é melhor começar.

Amy abriu a porta onde estava escrito "saída de passageiros" em francês.

Só havia um táxi ali. O motorista estava cochilando sobre o capô do carro, mas sentou-se ereto e se espreguiçou quando eles se aproximaram. Coçou a barba castanha e meio grisalha, bebeu um gole de água, bochechou, depois cuspiu no asfalto coberto de areia.

— Meu nome é Bart. Às suas ordens.

— Seu nome é mesmo Bart? — perguntou Atticus.

O homem levantou a sobrancelha.

— Se você preferir pode me chamar de Basharat Antarah Rawahah Tajamul.

— Bart está bom para mim. — aceitou Dan.

— Seu inglês é ótimo — comentou Jake. — Elijah me disse que seria mesmo.

Amy olhou para ele interrogativamente.

— Quem?

— Elijah Smith. O agente de viagens do meu pai — explicou Jake. — Mandei uma mensagem para ele e perguntei se conhecia alguém em Tombouctou que pudesse nos mostrar a cidade. Ele disse que podíamos colocar nossas vidas nas mãos do senhor Tajamul.

Amy cerrou os dentes.

— Você podia ter me contado.

Jake sorriu e deu de ombros, o que a irritou ainda mais.

Bart olhou para Amy.

— Meu francês é ainda melhor que o inglês. Meu pai me mandou para uma escola particular em Paris e para a Universidade da Califórnia em Berkeley. Ele queria que eu me aprimorasse. Mas, como vocês podem ver... — Apontou para as suas roupas gastas e o táxi amassado.

— Não sei se vamos precisar de seus serviços, no fim das contas — disse Amy.

Jake franziu a testa.

— Vamos precisar no mínimo de uma carona até a cidade.

— Quanto? — Amy perguntou a Bart.

— Setenta e cinco mil francos.

— E quanto dá isso em dólares?

— Cento e cinquenta.

— Absurdo! — exclamou Amy, censurando Jake com os olhos.

Ele pareceu um pouco surpreso também, o que a deixou um pouquinho satisfeita.

— Por 200 dólares fico à disposição pelas próximas 24 horas. Ou vocês já conhecem Tombouctou?

Amy puxou Dan de lado. Ela confiava nos instintos do irmão.

— O que você acha? — sussurrou.

— Acho que tudo bem — respondeu Dan. — Se ele fosse um Vesper, não estaria pedindo tanto, porque não ia querer perder o serviço. E estamos com pressa.

Amy assentiu e se virou para Bart.

— Tudo bem — ela disse. — Metade agora. Metade quando formos embora.

Bart fez uma pequena reverência. Inclinando-se para a frente.

— Combinado.

Amy contou o dinheiro.

* * *

Milos Vanek estava a 6.400 quilômetros de distância. Ao contrário do aeroporto de Tambouctou, o Aeroporto Internacional de Mumbai fervilhava com milhares de pessoas com roupas coloridas carregando bagagens e pacotes em fardos incrivelmente enormes. O inspetor abria caminho na multidão enquanto conversava com um colega da sede da Interpol em Mumbai.

Parecia que Dan Cahill dissera a verdade. Jonah Wizard tinha sido visto em Mumbai naquele dia. Um vídeo do famoso artista dançando com uma cobra encantada havia se espalhado pela Internet, e agora todos os jovens de Mumbai estavam procurando pelo astro com o celular na mão.

Vanek também ia procurá-lo.

Capítulo 20

Nellie soluçava fazia mais de uma hora. Com a tristeza que sentia por causa de Phoenix, tinha praticamente esquecido seus ferimentos. Ideias do que ela deveria ter feito vinham como socos na cabeça. Não deveria ter ficado para trás com Reagan. Deveria ter mantido todos juntos. Os outros asseguravam que isso não teria feito diferença, mas ela não acreditava. Ele era só uma criança e confiara nela. Nellie enxugou as lágrimas com as mãos e respirou fundo. Havia outras crianças no furgão que precisavam dela tanto quanto Phoenix.

Recomponha-se, Gomez. Concentre-se naqueles que ainda estão aqui.

— Não consigo acreditar que mataram Martin Holds — observou Fiske.

Tinham contado a Nellie e Reagan sobre o homem que encontraram e seu assassinato.

Se os Vesper conseguem matar um completo inocente, o que não faram conosco?

Fazia horas que os reféns estavam no furgão sem água, comida ou remédios. Não adiantava bater, chutar, gritar ou implorar, os guardas não abriam a porta. Reagan sugeriu que fizessem o furgão balançar até que tombasse.

— Por quê? — protestou Nellie. — Para nos arrastarem para fora e nos colocarem em outro?

— Que tal... só para irritá-los? — sugeriu Reagan.

Nellie conseguiu sorrir apesar da tristeza.

— Estamos sendo punidos — observou Fiske. — Assim que amolecermos, vão nos colocar de novo no bunker.

Mas Fiske estava errado. O furgão começou a se mover, e acelerar e frear, sacudindo-se como pedrinhas numa lata. Finalmente, horas depois, parou com um solavanco.

Abriram a porta.

— Saiam! — gritou um homem enorme com uma barba escura e grossa.

Nellie desceu, cobrindo os olhos por causa da luz do sol poente. Achou que ainda estavam na Floresta Negra. Ela esperava que não precisassem caminhar. Alistair mal podia ficar de pé.

— Precisamos de um médico! — implorou Nellie.

— Se você não calar a boca, vai precisar é de um coveiro! — devolveu um dos guardas. — Andem! — Ele apontou o rifle para uma trilha íngreme que levava para dentro da floresta.

Agora havia o dobro de guardas em relação à outra vez. Alguns estavam em quadriciclos motorizados, outros, a pé. Todos estavam fortemente armados. Nellie pegou a mão de Ted.

— Não estão usando máscaras — Reagan cochichou para a *au pair* assim que entraram na trilha.

Nellie também estava preocupada com isso. As máscaras intimidavam, mas a falta de máscaras era um mau sinal: significava que os Vesper não se importavam mais que os reconhecessem.

Ou seja, não têm intenção de nos libertar.

Ela percorreu a área com os olhos em busca de uma rota de fuga. Se um dos reféns escapasse, talvez conseguisse buscar ajuda.

— Vai aparecer uma brecha — sussurrou Reagan, como se estivesse lendo os pensamentos de Nellie. — Neste momento precisamos agir como se tivéssemos sido derrotados. Deixe que pensem que nos derrotaram.

— Estou derrotada — respondeu Nellie.

As mordidas na perna e no rosto latejavam.

— Ferida, não derrotada — corrigiu Ted.

— Talvez — Nellie continuou — mas não sei quanto ao Alistair.

Ele mal podia andar e não tinha dito nada em mais de uma hora. Ao tentar segurar Phoenix, caíra sobre uma pedra pontuda que perfurou profundamente seu joelho machucado. Mas a queda de Phoenix doía bem mais que a perna.

Eles caminharam com dificuldade por oitocentos metros, até que Nellie se encheu daquilo.

— Chega! — ela exclamou, sentando-se no meio da trilha.

— Levante-se — ordenou o guarda de barba preta.

Ela sacudiu a cabeça em negativa.

— Não.

Ele apontou o rifle para Nellie, que o encarou.

— Você acha que eu não vou atirar? — ameaçou.

— Não me importo — ela cruzou os braços e manteve o olhar desafiador.

— Escute — disse o guarda, vacilando — não falta muito.

— Um de nós mal consegue andar. Outro é cego — observou Nellie. — Coloquem os dois nos quadriciclos e eu me levanto.

— Nem pensar.

— Certo — Nellie apontou para a própria testa. — Pode puxar o gatilho.

O guarda levantou o rifle devagar, mas Nellie continuou olhando fixamente para ele. Nem sequer piscou.

O guarda xingou, abaixou o rifle e voltou um pedaço do caminho. Alguns minutos depois, retornou num quadriciclo, e outro vinha roncando atrás. Ele apontou para Ted e Alistair.

— Vocês dois vêm atrás. Se tentarem alguma gracinha, vou *mesmo* atirar nela — ele olhou para Nellie. — Mais alguma coisa?

— Água — responde Nellie de pronto.

— Você está abusando da sorte.

— Se tiver de escolher entre morrer de sede ou de bala, escolho a bala.

O homem de barba preta escancarou os olhos por um instante, depois pegou seis garrafas de água. Desceu do quadriciclo e jogou as garrafas para os reféns um por um, deixando Ted por último. Sorriu e jogou a garrafa de Ted com bastante força.

Ted pegou-a com uma mão só.

— Obrigado.

— Pensei que você fosse cego — respondeu o guarda atônito.

— Sim. Mas meus ouvidos funcionam muito bem. Ouvi a garrafa chegando.

— Seu esquisito — murmurou o guarda.

* * *

Uma hora depois, chegaram ao final da trilha. Estendendo-se entre as árvores até onde a vista alcançava nas duas direções, havia uma cerca elétrica de três metros e meio de altura, com arame farpado por cima.

— Que lugar é este? — perguntou Fiske.

Os guardas conduziram os prisioneiros por um portão de aço sem responder. Do outro lado da cerca havia um gigantesco complexo. No centro, uma cúpula geodésica branca.

— Descreva para mim — pediu Ted.

— Estamos em uma clareira no alto de uma montanha — respondeu Fiske.

— Mais ou menos do tamanho de quatro campos de futebol. — completou Reagan.

— Tem uma cúpula branca no meio — acrescentou Natalie. — Parece uma espécie de iglu sofisticado.

— Seria quase impossível trazer tudo isso aqui pra cima sem uma estrada — observou Alistair.

O grupo se virou para ele, surpreso. Era a primeira frase completa que dizia em horas.

Naquele instante, um dirigível levando uma rede de carga com uma enorme quantidade de caixas apareceu por sobre as árvores.

Nellie apontou para o céu.

— Dirigível — ela disse.

— Continuem andando! — gritou uma guarda.

Eles empurraram os reféns para dentro da cúpula.

Havia dúzias de homens e mulheres do lado de dentro, todos ocupados transportando equipamentos em empilhadeiras,

consultando tablets ou conversando por fones Bluetooth. Alistair olhou em volta impressionado.

— Estão construindo alguma coisa. — Ele parou. — O que é isso?

Mas os guardas não lhe deram tempo para ver os detalhes. Levaram-nos depressa para um elevador.

— Entrem.

O grupo entrou no elevador.

— Preciso gravá-los — um dos guardas disse.

Ele filmou os reféns por alguns segundos, depois fez sinal com a cabeça. A porta fechou e eles subiram vários andares.

Esperavam encontrar outro grupo de guardas do lado de fora. Em vez disso, as portas se abriram em um cômodo de seis metros quadrados. Eles viram o próprio reflexo ao descer do elevador.

— Suponho que seja um espelho falso — opinou Fiske.

Havia oito camas soldadas às paredes da direita e da esquerda, de uma ponta à outra, quatro de cada lado. No canto da direita havia uma pia de aço inoxidável e uma privada.

Nellie aproximou-se do espelho. Um lado de seu rosto tinha inchado tanto que a pele estava esticada como um balão. Ela passou o dedo pela série de mordidas avermelhadas da linha do cabelo até metade da bochecha.

— Tem comida — disse Alistair. — E água mineral.

Ele tirava caixas que estavam debaixo dos beliches. Os outros foram ajudá-los.

— MRE? — Reagan leu a sigla em voz alta.

—*“Meals Ready to Eat”*. São refeições prontas consumidas por militares americanos.

— Martin Holds disse que estávamos na Floresta Negra — estranhou Fiske.

Todos se entreolharam, confusos.

Reagan foi a primeira a abrir sua refeição. Os outros a imitaram, rasgando os pacotes. Ted foi único que não se mexeu.

— Vem cá — chamou Natalie. — Eu abro um pra você.

— Obrigado — disse Ted. — Mas não é isso. Talvez devêssemos... não sei. Talvez devêssemos fazer um minuto de silêncio por Phoenix?

Todos pararam de comer.

— É uma ótima ideia — concordou Fiske.

Eles fecharam os olhos e baixaram a cabeça.

* * *

Phoenix estava comendo sua própria MRE. Ele não tinha certeza da espécie daquele peixe, mas achava que era uma torta. Tinha levado uma hora para conseguir apanhá-la em um trecho raso e levar para a margem. Estava exausto e molhado. Já tinha visto dois ursos e ouvido os que achava ser um leão-da-montanha. Os ursos os ignoraram, mas as pedras, espinhos e galhos não. Phoenix tinha arranhões e machucados da cabeça aos pés.

Mas estou vivo.

Primeiro ele tinha começado a caminhar rio abaixo em ritmo lento, esperando que os outros o alcançassem. Quando não viu sinal deles, apertou o passo, na expectativa de encontrar uma estrada ou uma casa. Até o momento, porém, não vira nada além de mata virgem. Ainda assim, o rio tinha de levar a algum lugar – na pior das hipóteses, até o mar. Se ele chegasse a alguma praia, podia seguir até uma cidade.

Mas, para chegar lá, tenho que sobreviver.

Bateu a cabeça do peixe em uma pedra e esperou que parasse de mexer para então dar uma mordida.

Sushi.

Capítulo 21

Bart parou cantando os pneus em frente ao Instituto Ahmed Baba, criando uma nuvem de poeira vermelha e fumaça azulada que as pessoas paradas diante do instituto ignoraram por completo. A biblioteca tinha dois andares e era relativamente nova. Parecia ter caído do céu sobre a areia entre dois prédios muito velhos.

— Há mais ou menos 1.800 manuscritos antigos aí dentro — declarou Bart.

— Ahmed Baba era o estudioso mais famoso de Tombouctou. Alguns acreditam que ele tenha sido um Mujaddid, um homem muito religioso — completou Jake.

Dan olhou para o celular.

— Mudando de assunto, algum de vocês tem sinal?

Todos olharam seus aparelhos e negaram.

— O sinal é muito inconstante em Tombouctou — explicou Bart. — Mas todos temos celular para o caso de o sinal vir com a areia. Vocês vão saber quando estiver pegando. Todo mundo vai correr para o mesmo lugar na esperança de aproveitar a chance. Um instante depois o sinal vai para mais longe. É como o vento.

Eles tinham decidido se preparar em duas equipes para cobrir mais bibliotecas e museus. Amy e Jake iam começar em uma ponta da cidade e Dan e Atticus na outra, até que as duas equipes se encontrassem.

— Como vamos nos comunicar? — perguntou Jake. — Talvez devêssemos ficar juntos.

— Você e Atticus são os únicos que conseguem ler manuscritos em árabe — observou Dan. — Eu não consigo nem ler o nome deste prédio. Os caracteres parecem um monte de cobras.

— Dan tem razão — concordou Amy. — Não temos tempo para fazer de outro jeito.

— Tenho uma ideia — interveio Bart. — Posso acompanhar os garotos por mais cem dólares.

— Cinquenta — Amy negociou.

— Setenta e cinco.

— Sessenta.

— Fechado.

— Ei! — exclamou Dan. — Não preciso de uma babá!

Atticus concordou acenando vigorosamente a cabeça.

Amy ignorou os dois.

— Como entraremos em contato com vocês?

— Podemos contratar um menino — Bart sugeriu — um corredor. Conheço a pessoa certa. Chamamos o garoto de *La Souris,* ou o Camundongo. Tombouctou é pequena. Dá para andar de uma ponta a outra em menos de duas horas.

Então por que contratamos você?, pensou Dan, olhando para o taxista pelas costas.

Bart desceu do táxi e acenou para uma pessoa que estava em frente ao instituto, que por sua vez foi falar com outra, e assim por diante. Dois minutos depois um garotinho que parecia ter 5 anos veio correndo. Usava shorts esfarrapados e uma camiseta velha de Jonah Wizard que dizia "O que tá pegando?". Seus tênis pareciam caros e eram alguns tamanhos maiores que seus pés. A discussão sobre o pagamento do Camundongo levou duas vezes o tempo que ele demorou para chegar ali. Finalmente acertaram: 25 dólares e um kit de caneta e lápis de Jonah Wizard que Dan pegara no jatinho.

Amy e Jake saíram do táxi e observaram enquanto o carro se afastava.

— Não estou confortável com isso — declarou Jake.

— Foi você quem o contratou — Amy revidou.

— Eu devia ter te contado... desculpe.

Amy olhou de relance para Jake. Perguntou-se como conseguia estar com tanta raiva dele num instante e perdoá-lo logo em seguida.

— Desculpas aceitas — respondeu ela.

— É que estou com um mau pressentimento.

— Bem-vindo à família Cahill — declarou Amy, entrando no instituto. — Você se acostuma.

* * *

Não havia muitos carros nas ruas estreitas cobertas de areia, mas havia muitos camelos, cobras, burros e pessoas, o que obrigava o táxi a seguir devagar e buzinando.

— É como se tivéssemos voltado à época bíblica — exclamou Atticus, o rosto colado no vidro.

Dan não estava nem de longe tão animado. Tombouctou era a cidade mais pobre que já tinha visto. Havia lixo nas ruas estreitas e pedintes em cada canto. Era difícil acreditar que a cidade tinha sido um dia a capital intelectual da África. Era tão deprimente que ele se perguntava por que as pessoas viviam ali, ou se elas não tinham escolha.

— O que as pessoas daqui fazem para viver? — Dan perguntou a Bart.

— Elas vão levando — respondeu ele.

— Por que você continua aqui? — quis saber Atticus.

— Porque é meu lar — ele apontou para uma construção de dois andares. — Este é o Grande Mercado, o maior de Tombouctou. Se tiverem a oportunidade, vão gostar de ver as barracas e comprar alguns souvenirs.

— Não vamos ter muito tempo para isso — informou Dan.

— Vocês deviam no mínimo ir até a cobertura. Tem a melhor vista do Saara em toda a cidade. Eu posso encostar aqui para vocês irem rapidinho.

— Não dá — insistiu Dan.

Bart olhou para ele com curiosidade.

— Só estamos curiosos para ver os manuscritos — respondeu Dan. — Nossos pais só deram 24 horas para darmos uma olhada neles antes de voltar para escola.

— Então seus pais são muito rigorosos — disse Bart, sorrindo. — Só emprestaram o jatinho por um dia.

— Mais ou menos isso.

Bart, a babá, é intrometido demais.

O taxista encostou o carro na frente de um prédio e parou.

— Esta é a Biblioteca Mamma Haidara — ele virou para trás e olhou para os meninos. — Os Haidara são uma família antiga de Tombouctou. A coleção está com eles há centenas de anos. Vão achar muito suspeito dois meninos americanos pedindo para ver os manuscritos.

A biblioteca não era nem de longe tão bonita como o Instituto Ahmed Baba. Estava cercada por um muro de tijolos amarelos de quase dois metros de altura, e a entrada era um portão de metal preto intimidador.

— Você conhece essa mãe Haidara? — perguntou Dan.

Bart riu.

— *Mamma* não quer dizer "mãe". É um nome. Mas, respondendo a sua pergunta: sim, conheço os Haidara.

Atticus se animou.

— Quem sabe você pode entrar com a gente e nos apresentar!

— Não seria sábio. Fui casado com uma menina Haidara e não deu certo. Há mágoa entre nossas famílias. Na verdade, se o assunto vier à tona, seria melhor não dizer quem trouxe vocês aqui. Vou parar virando a esquina.

Atticus e Dan desceram do carro e observaram Bart se afastar.

— Perfeito — disse Dan.

— O que você quer dizer com "perfeito"? — perguntou Atticus. — Teria sido bem melhor pra nós se Bart e os Haidara fossem superamigos.

— Quis dizer que é perfeito que ele vai parar virando a esquina. Vamos ter que nos livrar de nossa babá.

— Por quê?

— Porque ele está fazendo perguntas demais a que não podemos responder. Assim que acabarmos aqui, vamos seguir para a próxima biblioteca... sem Bart.

* * *

Jake e Amy não conseguiam superar o choque da quantidade de manuscritos no Instituto Ahmed Baba. O curador, senhor Bazzi, não poderia ter sido mais prestativo. Mostrou-lhes a enorme coleção com grande orgulho. Mas ver fileira após fileira após fileira de estantes do chão ao teto era desencorajador. E aquela era só a primeira biblioteca. Como eles encontrariam o *Pedido de desculpas* naquele palheiro de textos antigos?

— Estes são só os manuscritos que já catalogamos e digitalizamos, é claro — explicou Bazzi.

— Vocês têm todos eles no computador? — A informação encorajou Amy.

— Parte deles, sim.

— É possível fazer uma busca? — perguntou Jake.

— É claro. Mas, antes de levá-los aos computadores, deixem-me mostrar-lhes um dos nossos achados mais notáveis.

Amy estava desesperada para procurar nos arquivos, mas ela e Jake sorriram educadamente e seguiram Bazzi. Sua cooperação era valiosa demais para arriscarem ofendê-lo.

Ele os levou a uma vitrine com um manuscrito aberto em seu interior.

— O que vocês veem?

Jake inclinou-se para examinar as páginas.

— Um diagrama dos planetas girando em torno do Sol.

— Isso! Exatamente como Copérnico propôs em sua obra *Das revoluções das esferas celestes,* em 1543.

— Interessante — observou Amy, olhando em volta em busca do computador, ansiosa para terminar o tour e começar o trabalho.

Bazzi sorriu.

— Acho que você não está entendendo — ele disse. — Este manuscrito foi feito por um dos estudiosos de Tombouctou duzentos anos antes de Copérnico nascer!

— Uau! — exclamou Jake. — Isso *é mesmo* incrível! — Ele olhou para o manuscrito. — O que são todos aqueles escritos na margem? A letra é tão pequena que fica difícil de ler.

Amy olhou impaciente para o relógio, mas Bazzi e Jake pareceram não perceber.

— Ah, sim — Bazzi disse. — São rabiscos. Na época em que os estudiosos viviam aqui, papel valia mais que ouro. Tinham de usar qualquer papel branco que encontrassem, mesmo se fosse o manuscrito de outro estudioso.

— Que tipo de rabisco?

— Anotações de diário, teorias científicas, listas de tarefas, mapas, poesia...

— Isso tudo é fascinante — interrompeu Amy, certificando-se de que os dois a vissem olhar para o relógio desta vez — mas sinto informar que estamos com pouco tempo.

— Pois não — Bazzi fez um aceno de desculpas — me deixei levar. Não há muitas pessoas de fora que vêm ao instituto falar sobre os manuscritos.

Jake cutucou Amy.

— Só mais uma pergunta — ele pediu.

Amy teve vontade de matá-lo.

— O senhor já encontrou algum manuscrito em latim? — perguntou ela, lembrando a mensagem de Vesper Um. Talvez isso ajudasse a refinar a pesquisa.

— Não. Mas como vocês devem saber, o árabe é considerado o latim da África. E Tombouctou era o centro de aprendizado. Em seu apogeu, havia 25 mil acadêmicos e estudantes na cidade trocando informação praticamente da mesma forma que ela circula hoje pela Internet. Milhões de documentos foram criados naquela época.

— O que aconteceu? — perguntou Amy, curiosa, mesmo a contragosto.

— Invasão — respondeu Bazzi. — Esconderam os manuscritos nas paredes das casas, em poços secos, nos areais do Saara, para que os invasores não os destruíssem. Foram preservados pelo ar seco durante centenas de anos. Só recentemente as pessoas se sentiram seguras o suficiente para começar a recuperá-los. Semana passada, trouxeram quinhentos manuscritos. Na semana anterior, duas vezes isso. Temos aqui uma das maiores coleções de manuscritos antigos no mundo, mas, por estarmos isolados, poucas pessoas sabem disso.

— Quem traz os manuscritos? — perguntou Jake.

— Antigas famílias de Tombouctou, militares, tribos do deserto. Pagamos a eles o que podemos para resgatar nosso patrimônio, mas nossos recursos são limitados.

Amy olhou para as espessas paredes em volta que abrigavam milhares de manuscritos. Era como se rios de conhecimento antigo convergissem para o instituto, seguros por mais um século.

— Faremos uma doação antes de ir embora — disse ela.

— É muita bondade sua. Aceitamos, mas você pode fazer mais uma coisa por nós.

— Claro — respondeu Amy.

— A maioria das pessoas conhece as famosas catedrais da Europa ou as rotas de caravana do leste — começou Bazzi — mas poucas pessoas ouviram falar da antiga rota pela qual se compartilhava conhecimento. Nós a chamamos de Rota da Tinta, e você está bem no epicentro. — Ele apontou para o manuscrito na vitrine. — Quem sabe? Talvez haja algo em um dos manuscritos que ainda não foi descoberto pelo homem moderno. Você contará às pessoas sobre nossos manuscritos? A única maneira de preservá-los é fazer com que as pessoas os conheçam.

— Contaremos para todo mundo — ela prometeu e assinou mentalmente um cheque que garantiria fundos para o instituto por mais cinquenta anos. Nem sempre era horrível ser uma Cahill.

— Obrigado — disse Bazzi. — Agora, se vierem comigo, nosso melhor computador está na sala de catalogação.

Ele os guiou por um labirinto de vitrines até uma pequena porta nos fundos. Quando a abriu, uma lufada de um cheiro estranho saiu.

— Conservantes — explicou Bazzi. — Talvez um pouco de mofo também. Vocês vão se acostumar com o cheiro.

Ele acendeu as luzes e voltou para sua mesa.

Não era uma sala, era um depósito. Manuscritos estavam empilhados em prateleiras de seis metros de altura.

Amy empalideceu.

— Parece um antigo centro de reciclagem. Nunca vamos achar o *Pedido de desculpas*.

— Não é tão ruim quanto você pensa — respondeu Jake. — Lembre-se da margem de erro.

— Do que você está falando?

— A mensagem de Vesper — lembrou Jake. — “Sigam para Tombouctou. Nenhuma margem para erro.”

Amy ainda estava confusa.

Jake pegou um manuscrito em uma das prateleiras e apontou para os rabiscos em volta do texto principal.

— Estou achando que o *Pedido de desculpas* está escrito na margem de um dos manuscritos, em latim.

— Tem de ser isso! — Amy pôs os braços em volta de Jake.

Jake puxou-a mais para perto... até os dois perceberem o que ele estava fazendo. Separaram-se como se tivessem tomado um choque, mas seus olharem se cruzaram. O rosto de Amy estava em brasa e Jake também parecia um pouco vermelho. Aproximaram-se mais e mais, como se uma força magnética os estivesse puxando. Jake se inclinou para frente e Amy também, o espaço entre eles cada vez menor. E então seus lábios se tocaram.

Amy deu um salto para trás como um gato escaldado, afastando-se de Jake Rosenbloom, que estava igualmente nervoso.

— Eu... ahn... — Fazia semanas que Amy não ficava sem saber o que dizer.

Ela respirou fundo, mas engasgou e por isso sua voz saiu como um grunhido:

— Vou sair e chamar o Camundongo do Dan.— suas bochechas estavam fervendo. — Pedir ao Camundongo para chamar Dan! Vou sair.

Ela deu meia-volta e marchou decidida até a porta.

— É... ahn... — A boca de Jake também não estava cooperando. — Boa ideia. Eu... é... vou começar a procurar nas margens.

Mas ele estava falando sozinho. Amy Cahill tinha partido.

Capítulo 22

Como Bart previra, Dan e Atticus não foram bem recebidos no Mamma Haidara. O bibliotecário, chamado senhor Srour, quase os arremessou para fora assim que entraram. Era um homem mais velho com cabelo branco e vestia calça cáqui manchada, camisa branca e uma jaqueta puída. Atticus mostrou sua carteirinha de estudante de Harvard, mas Srour olhou com cara feia por trás das grossas lentes dos óculos, como se fosse falsa. A próxima tática de Atticus era citar um nome.

— Talvez o senhor tenha ouvido falar do meu pai — sugeriu Atticus. — Ele é o doutor Mark Rosenbloom.

— O arqueólogo?

Atticus fez que sim.

— Eu o conheci muitos anos atrás — Srour admitiu de má vontade.

— Isso mesmo! — continuou Atticus. — Tinha me esquecido. Ele veio aqui examinar uma antiga escavação fora da cidade, perto do rio Niger.

Dan interrompeu.

— O doutor Rosenbloom nos mandou aqui para procurar uma coisa chamada*Pedido de desculpas por meu grand*e *delito*.

— Ahhh — disse o bibliotecário.

— O senhor conhece? — preguntou Dan, animado.

— Não — Srour disse, sacudindo a cabeça. — Há centenas de milhares de manuscritos na cidade em bibliotecas como a nossa, em museus e em residências. Fiz as contas. Cem pesquisadores levariam vinte anos para ler todos, e isso se cada um lesse um manuscrito inteiro por dia.

— Não temos todo esse tempo! — comentou Dan.

— Tudo o que posso fazer é procurar a frase em meu computador e ver se está na nossa base de dados. Esperem aqui, por favor.

Ele saiu por uma porta nos fundos da recepção.

— Não somos cem — Dan observou — e não temos vinte anos para checar um milhão de manuscritos embolorados. Temos menos de 24 horas, senão alguém vai morrer.

Os garotos imediatamente se separaram e começaram a procurar nos manuscritos expostos.

Depois de alguns minutos, Srour voltou, sacudindo a cabeça em negativa.

— Pesquisei de várias maneiras. A palavra "desculpas" não aparece nenhuma vez, e nossa coleção está toda digitalizada. Recomendaria que vocês examinassem as outras coleções. Há um mapa delas na parede do meu escritório.

Eles seguiram Srour até o escritório. O mapa ocupava a maior parte da parede atrás da mesa. Estava cheio de alfinetes vermelhos e azuis.

— Os alfinetes azuis são as coleções públicas — explicou Srour. — Os vermelhos são as particulares. Estas ficam nas casas das pessoas. Estamos tentado convencê-las a trazer os manuscritos para cá, mas elas relutam em entregar o que herdaram da família.

Havia muito mais pontos vermelhos que azuis. E havia muito mais lugares que abrigavam manuscritos do que Atticus havia imaginado. Dan olhava para o mapa como se estivesse hipnotizado.

— Acho que é melhor irmos andando. Obrigado pela atenção.

— Desculpe por não poder ajudar mais — respondeu Srour.

Na rua, Atticus perguntou a Dan qual era o plano.

— O plano está em sério perigo — avisou Dan. — De acordo com o mapa de Srour, um prédio a cada dois em Tombouctou tem vários manuscritos. Para encontrar todos teríamos que fazer uma busca casa a casa praticamente. Acho que devíamos começar pelos pontos azuis. Depois vemos os vermelhos.

A cabeça de Dan girava. Os pedidos de resgate de Vesper Um eram sempre difíceis, mas aquele era como procurar uma agulha num palheiro. Em cem palheiros. Sentiu um aperto no peito. Ele conseguia sentir a contagem regressiva em cada batida do coração.

— E o Bart? — perguntou Atticus.

— Não precisamos mais de um táxi — Dan apontou para um prédio menos de meio quarteirão adiante. — Esse é o próximo ponto azul, e tem dois vermelhos no caminho.

O Camundongo chegou correndo e começou a tagarelar num combinação de árabe e francês. Quando parou para respirar, Atticus se virou para Dan e traduziu.

— Ele disse que Jake e Amy acham que o *Pedido de desculpas* está escrito nas margens, não no texto principal.

— É claro — respondeu Dan. — Margem de erro! Conte pra ele sobre os pontos azuis e vermelhos. Mesmo olhando só as margens, ainda vai ser impossível verificar todos os manuscritos. Vamos precisar de sorte.

Atticus contou ao Camundongo sobre os pontos azuis e vermelhos. O garotinho assentiu com a cabeça, depois saiu correndo de novo pela rua empoeirada, desviando de camelos, cabras e...

— Como se chama quem mora em Tombouctou? — perguntou Dan.

Atticus não sabia.

— Tombouctouanos? — chutou ele.

— Vamos lá, hora de conhecer alguns deles.

Capítulo 23

Amy voltou para o depósito da biblioteca depois de receber a mensagem do Camundongo. Jake estava ocupado procurando trechos em latim nos manuscritos. Ela queria conversar sobre... aquilo. Aquilo que tinha mais ou menos acontecido entre eles. Aquilo que nunca aconteceria de novo. Mas os pontos azuis e vermelhos eram mais importantes naquele momento.

— Uau — Jake respondeu, olhando para todo lado, menos para ela. — Tantos assim?

— Dan tem uma ótima memória.

Jake olhou para as prateleiras de manuscritos que ainda não tinham examinado.

— Então estamos com problemas.

Amy concordou.

— Acho que devemos nos separar.

Jake virou a cabeça subitamente em sua direção, o rosto estampado de preocupação.

— Não quis dizer... — Amy se segurou. Ela não sabia o que estava querendo dizer. — Vou pra próxima biblioteca enquanto você termina aqui.

— Fique aqui — Jake disse abruptamente. — Quer dizer, podemos terminar na metade do tempo se trabalharmos juntos. É o mesmo tanto, de um jeito ou de outro.

Amy fez que não com a cabeça e deixou o cabelo cobrir as bochechas que estavam vermelhas.

— Temos de montar uma linha de produção. Posso fazer uma busca no computador da próxima biblioteca enquanto você termina aqui.

— Não acho que seja seguro você sair por aí sozinha.

Nessa hora, Amy não conseguiu evitar sorrir. O único motivo pelo qual ela e Dan não tinham sido sequestrados como os outros era porque ela tinha dominado sozinha os agressores a socos e pontapés.

Bem, precisava admitir que Dan tinha ajudado jogando gasolina sobre os três homens e ameaçando pôr fogo. Mas, ainda assim...

— Agradeço sua preocupação — ela respondeu, era verdade. — Vou levar Camundongo comigo. Ele virá buscar você se houver qualquer sinal de problema.

— Tudo bem — concordou Jake, mas ela percebeu que ele não estava contente. — Vou encontrar você assim que acabar aqui.

* * *

Os primeiros três lugares pelos quais Dan e Atticus passaram foram um completo fracasso. Ninguém tinha ouvido falar de um *Pedido de desculpas por meu grande delito*, e todos os manuscritos estavam digitalizados. Os dois caminhavam em direção à próxima coleção, mas pararam de repente por causa de um cheiro horroroso e um enxame de moscas.

— É um açougue — comentou Atticus.

— São cabeças de camelo — completou Dan.

Havia seis delas empilhadas formando uma pequena pirâmide do lado de fora do lugar.

— A placa diz que as cabeças de camelo custam 8 dólares cada — informou Atticus.

— Que pechincha! — respondeu Dan. Ele pegou o celular para tirar uma foto daquela cena macabra. — Lembre-me de não comer carne vermelha aqui.

Assim que bateu a foto, o celular tocou.

— Tenho sinal!

Não era o único. Um monte de gente saía das lojas e casas, tirando celulares do bolso da túnica. Dan e Atticus foram empurrados, acotovelados e pisoteados enquanto os tombouctouanos competiam por um lugar onde houvesse sinal. Depois de alguns segundos, ouviu-se um suspiro coletivo de decepção quando o sinal se deslocou para outro lugar.

A multidão se dispersou. Alguns voltaram para suas casas e lojas, outros correram pela rua esticando a mão para o alto com o celular, na tentativa de pegar um restinho de sinal.

Alguém gritou. Dan e Atticus deram as costas aos caçadores de sinal e viram o açougueiro com um avental ensanguentado apontando nervoso para a pirâmide de cabeças de camelo. Estava faltando o de cima.

Olhou novamente para a pilha. Aquilo tudo causou mal-estar em Dan. Agora, as cabeças não pareciam tão engraçadas quanto um segundo antes.

Ele olhou para a tela do telefone.

Armei para você ser BEM-SUCEDIDO no Museu Pergamon. E você foi. Contarei tudo sobre O livro dos dispositivos engenhosos *quando nos vermos. Estou ansioso por esse dia. AJT*

— Bem-sucedido para ele — resmungou Dan.

— O quê? — perguntou Atticus.

— Não é da sua conta — Dan saiu arrastando os pés.

Atticus podia ser um gênio, mas havia coisas que nem ele conseguia entender. Não tinha ideia de como era ser um Cahill. De saber que nada era o que parecia. De ter um passado doloroso que se recusava a ficar enterrado.

Tombouctou não era a única coisa sendo engolida pelo deserto.

Dan sentia sua própria alma virar poeira.

Capítulo 24

Erasmus estava no cinema assistindo ao filme *Zindagi Na Milegi Dobara,* ou *Não se vive de novo*. Era a terceira vez que via aquela comédia, e achava tão engraçada quando da primeira.

Pegou um punhado de pipoca do balde apoiado no colo e perguntou-se quantos filmes já tinha visto na vida.

Centenas. Talvez milhares. Eu devia fazer uma lista.

Quando estava fugindo com a mãe, iam ao cinema todos os dias, não importava a cidade ou país onde estivessem se escondendo. O cinema era escuro e seguro, e os filmes afastavam da sua mente o fato de que estavam tentando matá-los. Erasmus tinha afiado seus conhecimentos de línguas diante da telona. Queria ser diretor de cinema quando crescesse. Então, sua mãe foi assassinada.

Ele sentiu lágrimas encherem os olhos. Virava um manteiga-derretida quando assistia a um filme de que sua mãe gostaria.

Seu celular vibrou. Ele enxugou os olhos com um guardanapo engordurado, depois tirou o telefone da capa de couro.

A mulher está se preparando para sair. Ela pediu um táxi.

A mensagem era de um funcionário do restaurante que ficava dentro do Hotel Orchid.

Erasmus se levantou e saiu rapidamente do cinema. Enquanto caminhava até a moto, uma segunda mensagem chegou. Era de Hamilton.

Acho que temos um problema.

Hamilton não era de muitas palavras, o que Erasmus achava bom, mas queria que ele tivesse incluído mais algumas para descrever qual era o problema. Subiu na moto e deu partida. Chegou ao hotel em menos de cinco minutos.

Hamilton estava no mesmo ponto em que Erasmus o deixara algumas horas antes, mas não havia sinal de Jonah.

Do outro lado da rua, no hotel, havia dois carros de polícia e umas vinte pessoas tirando fotos com o celular.

— Onde está Jonah? — perguntou Erasmus, ainda em cima da moto.

— Aê, mano — uma voz sussurrou atrás dele. — Não foi minha culpa!

Erasmus virou a cabeça. Jonah estava escondido atrás de um contêiner de lixo transbordando e bastante nojento. Usava óculos falsos, uma camisa havaiana berrante, uma bermuda larga, meias pretas e sandálias.

Erasmus abriu um sorriso.

— Você poderia ter pendurado logo um neón dizendo “estou tentando não parecer Jonah Wizard”.

— Acho que fiz besteira — Jonah lastimou.

— Você dançou com uma cobra — observou Erasmus.

— Você viu na Internet?

Erasmus fez que sim.

— Desculpe, mano.

— Demorou mais do que eu pensava.

A polícia afastava as pessoas para que um táxi pudesse estacionar na entrada.

— Luna está saindo — disse Erasmus. — Esse táxi é para ela. Quando entrar nele, vamos segui-la. Fiquem a dois carros de distância de mim. Há mais motos que carros, então acho que ela não vai nos ver, mas pode ser uma artimanha. Luna pode dar umas voltas no táxi e retornar aqui só para ver se alguém não a está seguindo.

As portas do hotel se abriram:

— Aí vem ela.

As pessoas não prestaram a menor atenção na senhora que entrou no banco de trás do táxi. Erasmus saiu dirigindo em seguida.

* * *

Hamilton subiu na moto do riquixá e deu partida. Jonah foi agachado até o banco do passageiro para que não o vissem do outro lado da rua.

— Rápido! — Hamilton exclamou.

— Aê, mano, é minha vez de dirigir!

— Sente aí atrás senão deixo você aqui.

A discussão chamou a atenção das pessoas do outro lado da rua.

Uma garota perdeu o fôlego, ficou roxa e começou a dar pulinhos e a apontar para eles.

— Jonah Wizard! — gritou.

* * *

O riquixá não era tão rápido quanto a moto do Erasmus. Hamilton e Jonah não teriam conseguido alcançá-lo não fossem o trânsito na estrada e o jeito louco de dirigir de Hamilton. Jonah era jogado de um lado para o outro no assento, olhando para trás com medo dos fãs e para a frente com medo de morrer. Tirou seu disfarce ridículo e enfiou um dos agasalhos esportivos gigantes de Ham, o que não era fácil de fazer no banco traseiro de um riquixá.

Até aquele momento, tinham se livrado da multidão, mas Jonah sabia por experiência própria que isso podia mudar numa fração de segundo. Os fãs estavam ao telefone, ligando para amigos e divulgando nas redes sociais. *Jonah Wizard está indo em sentido oeste na estrada Nehru, num riquixá motorizado! O cara que está dirigindo parece um soldado e está vestindo agasalho esportivo azul-claro.*

Não levaria muito tempo até que um motorista ou passageiro os visse. Bastava um comentário na Internet e os fãs viriam de todas as direções como gafanhotos famintos.

* * *

Hamilton não prestava atenção em Jonah. Estava concentrado nos movimentos de Erasmus à frente. Não fazia ideia de qual táxi Erasmus seguia – havia pelo menos cinquenta deles na estrada. Depois de meia hora, o trânsito começou a diminuir e Ham percebeu qual era o carro. O táxi de Luna pegou uma saída para o sul, na direção da baía Mahim, serpenteou por várias ruazinhas e finalmente parou na frente de um depósito de três andares. Erasmus estacionou num beco a meio quarteirão. Hamilton foi atrás dele.

— Fique fora de vista — ordenou Erasmus.

Então foi com cuidado até a esquina e espiou a rua.

— Ela entrou no prédio. O táxi foi embora. Vamos esperar até escurecer, daí nos aproximamos.

Erasmus se virou para os dois garotos:

— Acho que Luna nos trouxe até uma base secreta Vesper. É a primeira vez que encontro uma.

Ele se posicionou no final da rua e ficou vigiando o depósito. Jonah e Hamilton sentaram no riquixá e observaram Erasmus. Uma hora passou até ele se mexer. Para um homem grande, era muito ágil.

— O cara se mexe com uma onça — Jonah disse a Ham enquanto o seguiam.

— Falem baixo! — Erasmus sussurrou.

Ele os conduziu até uma pilha de paletes bem em frente ao depósito, de onde podiam observar sem serem vistos. As luzes do terceiro andar estavam acesas, mas não dava para ver ninguém pelas janelas encardidas.

— Pensei que os Vesper fossem ricos — observou Hamilton. — Seria de imaginar que eles conseguiriam coisa melhor que esta espelunca.

— O prédio e a localização são exatamente como eu esperava — explicou Erasmus. — Não parece ser grande coisa, então ninguém repara. Acredito que no térreo deva funcionar um negócio lícito e os

pisos de cima sejam dos Vesper. O prédio é antigo. Eles podem estar esperando aí há centenas de anos. Vocês viram o Forte Mahim quando estávamos vindo?

— Estava ocupado demais seguindo você — respondeu Hamilton.

— Eu estava ocupado demais tentando vestir minha calça — completou Jonah.

— Fica a três quilômetros daqui. Foi construído no século XV. Esse depósito foi feito com a mesma pedra.

— Sabe o que é estranho nesta rua? — perguntou Hamilton.

Erasmus fez que não.

— Não tem ninguém.

— Ele tá certo — concordou Jonah.

Erasmus não disse nada.

A luz do terceiro andar apagou.

— Estão vendo a lanterna? — Erasmus perguntou, apontando para uma das janelas.

— Você acha que o prédio tem mais de uma saída? — perguntou Hamilton.

— Se é uma base secreta Vesper, tem várias saídas.

Eles viram uma luz brilhar no segundo andar, depois no primeiro. Luna Amato saiu pela porta da frente e se pôs a caminhar rapidamente no sentido norte.

— Sigam Luna — ordenou Erasmus. — Descubram para onde ela está indo.

— E você? — perguntou Hamilton.

Erasmus sorriu.

— Vou arrombar o prédio ali rapidinho e já volto.

Capítulo 25

Enquanto Amy ia para a segunda biblioteca, seu celular tocou. Ela não foi a única a ouvir: imediatamente telefones pipocaram em volta dela e as pessoas começaram a conversar. A mensagem que recebera era de Erasmus.

Luna nos trouxe a uma base secreta Vesper. Quer que eu entre e dê uma olhada?

Ela só tinha uma barrinha de sinal e um segundo para decidir.

Sim.

A mensagem foi embora um instante antes de o sinal desaparecer. As pessoas em volta se queixaram e xingaram, frustradas.

Amy entrou na biblioteca. Antes que pudesse dizer “olá”, o homem atrás do balcão comentou:

— Deixe-me adivinhar... *Pedido de desculpas por meu grande delito.*

— Você já ouviu falar?

— Não até uma hora atrás, quando seus amigos vieram aqui e perguntaram sobre isso.

— Amigos? — ela perguntou.

Dan e Atticus estavam do outro lado da cidade.

— Talvez eu esteja tirando conclusões precipitadas. Se esse é o caso, peço desculpas. Não há muitos jovens americanos em Tombouctou, então imaginei que vocês se conheciam — os olhos do homem brilharam. — Eles não eram amigáveis.

— Não parece meu grupo — observou Amy. — Como eles eram?

— Loiros de olhos azuis. Gêmeos: um homem e uma mulher.

O estômago de Amy foi parar nos pés.

— Os Wyoming!

O homem deu de ombros.

— Não disseram de onde vinham.

Ela analisou desesperadamente os possíveis cenários. *Eles chegaram antes ou depois de nós? Quantas bibliotecas visitaram?* Mas era a última pergunta que a torturava: *Se eles encontrarem as* Desculpas *primeiro, o que vai acontecer com os reféns?*

— Eles disseram que o texto está em latim?

— Sim. Nossa coleção não é tão extensa quanto a de Ahmed Baba, mas 95% dela foi digitalizada. Não li todos os manuscritos, mas com certeza já dei uma olhada, e não vi latim na margem de nenhum.

— Não me lembro de ter dito que fui ao Instituto Ahmed Baba — disse Amy desconfiada, endireitando-se para ficar bem ereta. — Nem que eu estava procurando alguma coisa na margem dos manuscritos.

— Você não disse — concordou o homem — mas todo mundo em Tombouctou sabe o que está procurando. Achou mesmo que poderia vir aqui de jatinho e que ninguém ia notar? O senhor Bazzi me ligou. Tenho certeza que ligou para outras pessoas também. Se o manuscrito estiver em Tombouctou, será encontrado.

Ele riu.

— O senhor Bazzi está esperando seu namorado ir embora para poder procurar sozinho.

— Não é meu namorado — Amy rebateu.

Ela perguntou a si mesma se Bazzi tinha visto o beijo, então se retraiu. Tinha um namorado de verdade, que trabalhava noite e dia para ajudar sua família. O que ele diria se soubesse? Sentiu muita vergonha naquele momento.

— O senhor Bazzi pode procurar o manuscrito independentemente de Jake estar lá — ela declarou. — E o senhor também, senhor...?

— Tannous — respondeu o homem, fazendo uma pequena reverência.

— Senhor Tannous, se encontrarmos o manuscrito, poderíamos comprá-lo?

— Pelo preço certo, talvez. Seria um prazer fazer negócio com você.

Ele pegou o telefone e teve uma longa conversa numa língua que Amy imaginava ser *koyra chiini*, o dialeto local. Quando acabou, desligou e sorriu.

— Está tudo acertado.

— Podemos fazer alguma coisa pelo senhor?

— Eu gostaria de fazer uma viagem com minha esposa para o Marrocos, onde temos família.

— Combinado — concordou Amy. — Meu irmão e o amigo dele estão do outro lado da cidade, procurando...

— Sim, eu sei — o senhor Tannous interrompeu. — Os dois meninos.

Ele riu.

— O mais novo diz ser estudante da Universidade Harvard.

— Essa parte é meio que verdade — explicou Amy.

— Impressionante!

— Vou mandar Camundongo atrás deles.

Ela precisava avisá-los sobre os Wyoming e mandá-los voltar. Com os gêmeos ali, queria Dan e Atticus por perto.

Amy saiu correndo para encontrar Camundongo e contar a Jake.

* * *

— Por que estamos aqui mesmo? — perguntou Atticus

— Quero comprar algumas coisas — Dan respondeu enquanto desviava de pessoas e cabras no Grande Mercado lotado.

— Tipo o quê?

— Isso vai depender do que eles tiverem.

Atticus parou na calçada, então Dan foi obrigado a dar meia-volta e olhar para ele. O garoto Rosenbloom olhava sem pestanejar atrás dos óculos.

— Você está estranho desde que aquela cabeça de camelo sumiu. Tem certeza de que está tudo bem?

— Queria que você parasse de perguntar isso! — Dan rebateu.

Atticus recuou como se tivesse levado um tapa, mas Dan não se importou.

Atticus não faz ideia do que realmente está acontecendo. Há quanto tempo está acontecendo. Séculos. Preciso juntar os ingredientes e tomar a fórmula. É o único jeito de igualar as coisas.

Preocupado, Atticus seguiu Dan pelo mercado cheio de gente. O garoto parava em cada barraca, olhava os itens à venda, depois ia para a seguinte.

— Acho que conseguiríamos acelerar o processo se você me dissesse exatamente o que está procurando — comentou Atticus.

— É difícil explicar — respondeu Dan. — Vou saber o que preciso quando vir. O que é isto? — Ele apontava para uma pilha de placas brancas de vários formatos e tamanhos.

— Sal — respondeu Atticus.

Dan arregalou os olhos.

— É assim antes de ser moído?

Atticus fez que sim.

— Esta área é famosa pelas minas de sal antigamente, pessoas de todos os lugares vinham aqui buscar sal. Sem isso, teriam morrido. O Saara costumava ter um oceano em cima dele e é por isso que...

Atticus percebeu que estava falando sozinho; Dan tinha seguido em frente. Encontrou-o três barracas adiante, olhando para dúzias de barris abertos, cheios de ervas coloridas.

— Temperos — Atticus informou, simplificando para que Dan não fosse embora de novo.

— Não consigo ler as letras de cobra — disse Dan. — Alguma coisa aqui é alecrim ou hortelã?

— Você vai fazer macarronada no jantar? — perguntou Atticus. — Quer voltar e pegar um pouco de sal?

— Muito engraçado. E então?

— Quanto você quer?

— Uns sessenta gramas de cada deve dar.

* * *

Enquanto Atticus falava com o vendedor, Dan observava distraidamente as pessoas e reparou em um homem que achou ter visto em frente ao açougue. Ele usava uma túnica branca e um turbante vermelho e estava com o rosto coberto. Dan não tinha certeza se era o mesmo homem, porque metade das pessoas no mercado usava túnicas e turbantes.

Atticus entregou-lhe os temperos. Dan guardou na mochila e olhou para ver se o homem ainda estava ali. Tinha desaparecido.

— Pronto para ir embora? — perguntou Atticus.

— Podíamos aproveitar e olhar aquela vista do telhado que o Bart sugeriu.

— Mas os Vesp...

— Confie em mim, não esqueci — Dan interrompeu. — Só vai levar um minuto. — E subiu as escadas correndo.

As barracas do segundo andar tinham roupas, bijuterias baratas, artesanato local, arte, antiguidades e vendedores muito mais agressivos.

— Compre isso barato!

— Muito raro!

— Para sua mãe!

Dan passou rápido pela multidão, ignorando as propostas. Até chegar a uma barraca com dezenas de belas imagens do deserto penduradas. No canto, um homem velho pintava diante de um cavalete. Diferentemente dos outros vendedores, ele mal olhou quando Dan e Atticus entraram.

— Agora você é colecionador de arte? — perguntou Atticus.

— Até parece — Dan revirou os olhos. — Estou interessado *nisto*.

Ele estava a frente de uma grande pintura do Portão de Ishtar, idêntico ao do Museu Pergamon, inclusive com aquela bússola abaixo dos auroques.

— Está vendo os auroques do lado direito?

— Sim — respondeu Atticus. — Estou surpreso que conheça essa palavra.

Dan entendeu o sarcasmo, mas não ficou com raiva.

— Todo mundo sabe que um auroque é um tipo de extinto boi.

— Na verdade, não é um boi, é um bovino gigante — responde Atticus. — Eles tinham quase 1,80 metro.

Dan ignorou-o.

— Olhe para o, ahn, bovino gigante no canto direito.

Atticus se inclinou para olhar.

— Uau! A rosa dos ventos De Virga!

Eles olharam para o velho, que tinha parado de pintar e os olhava atentamente.

— O senhor fala inglês? — perguntou Atticus.

— E francês e alemão e espanhol e todos os dialetos locais — foi a resposta calma do homem.

Ele saiu de trás do cavalete, limpando as mãos na túnica manchada de tinta.

— Vocês são os dois garotos do avião particular que estão procurando o manuscrito.

— Como o senhor...

O artista interrompeu-o com um sinal.

— Todo mundo em Tombouctou sabe o que estão fazendo aqui. Imagino que não tenham encontrado.

— Ainda não — Dan admitiu. — O senhor pintou isso?

— Pintei todos.

— Deve ser difícil ganhar a vida como artista em Tombouctou — observou Atticus.

— As únicas pessoas que ganham a vida fazendo arte aqui são os vigaristas. Pinto porque amo fazer isso. Vendo alguns quadros aqui e ali, mas não os melhores.

— Faz muito tempo que o senhor mora em Tombouctou? — perguntou Dan.

— Cheguei aqui quando tinha 9 anos. Meu pai era um diplomata persa, aparentemente não muito popular, pois foi mandado para cá. Ele morreu um ano depois. Minha mãe casou depois com um homem de uma família rica local e ficamos. Acho que vocês conheceram meu filho, Basharat.

— Bart? — perguntaram Dan e Atticus em uníssono.

— É seu nome de trabalho. E vocês também conheceram meu neto. É conhecido como Camundongo.

— Eu sou Dan Cahill e este é Atticus Rosenbloom.

— Sou o senhor Tajamul — ele os cumprimentou acenando com a cabeça. — Sabe, meu filho andou procurando vocês.

— Sim, ahn, nós... — Dan não queria dizer que tinham deixado Bart para trás de propósito. Ele apontou para a pintura do Portão de Ishtar. — Então o senhor esteve em Berlim.

O senhor Tajamul balançou a cabeça em negativa.

— Não saio de Tombouctou desde que tinha 10 anos. Pintei a partir de fotografias.

— Devem ser fotos muito detalhadas. Vi o portão ontem mesmo e esta é uma réplica perfeita, incluindo a rosa dos ventos, que eu aposto que a maioria das pessoas não nota quando vê pessoalmente.

— Você quer dizer a marca de Koldewey?

— O arqueólogo? — perguntou Atticus.

— Quando eu era menino, ele se hospedava em nossa casa quando vinha escavar. Ele marcava todas as descobertas com essa rosa dos ventos. Não dava para ver muito bem nas fotografias, mas eu sabia o que era. Já tinha visto antes.

— Onde? — perguntou Dan.

— Na escavação fora da cidade — Atticus disse animado. — Robert Koldeey era um especialista em escavar casas feitas de tijolo de barro, como meu pai!

— Vou mostrar para vocês — o senhor Tajamul foi até uma parede com várias telas apoiadas. — Aqui está. — Ele pegou uma delas e trouxe para verem: era uma pintura de uma cidade semienterrada na areia. — Como podem ver, era uma cidade murada. Foi uma escavação controversa, porque Koldewey estava convencido de que a cidade tinha origem romana, e nunca se ouviu falar de romanos nesta parte da África. Ele acreditava que era uma colônia de exploração de sal do Império Romano.

— Romanos daqueles que falavam latim? — perguntou Dan.

— Sim — respondeu o senhor Tajamul — era essa a língua deles.

Ele passou o dedo manchado de tinta pela parede e parou onde tinha pintado a bússola De Virga, ou a marca de Koldewey.

— Encontraram algum manuscrito soterrado? — continuou Dan, quase pulando de tanta animação.

— Não que eu tenho ouvido falar. A cidade é centenas de anos mais velha que Tombouctou.

— Mas a marca ainda está lá.

— Tenho certeza que sim — garantiu o senhor Tajamul. — Koldewey tomava cuidado para que suas marcas fossem permanentes, pois sabia o estrago que o tempo faz. A marca também está no poço no centro da aldeia. Koldewey morreu antes de terminar a escavação; acho que ele sabia que o poço era o mais longe que ia chegar. Sempre punha a marca nas fronteiras de suas escavações. Ele a chamava de *Fehlerspielräume.*

— O que isso significa? — Dan perguntou.

Chocado, Atticus traduziu:

— Significa “margem de erro”.

Capítulo 26

Amy e Jake estavam procurando nos 5% dos manuscritos que o senhor Tannous não tinha digitalizado quando Bart entrou na biblioteca. Sozinho.

— Onde eles estão? — perguntou Amy.

— Pensei que estivessem com vocês — Bart respondeu.

Jake se levantou num pulo.

— Era para você tomar conta deles!

Bart deu de ombros.

— Difícil tomar conta de meninos que não querem isso. O Camundongo vai encontrá-los.

Amy pegou a mochila e levantou.

— Não, nós vamos encontrá-los. Agora mesmo.

* * *

— É melhor irmos andando — observou Dan. — Obrigado, senhor Tajamul.

O senhor Tajamul fez outro aceno com a cabeça. Voltou para o cavalete e recomeçou a pintar.

Dan e Atticus não foram muito longe. Parado diante da barraca estava o homem de túnica branca e turbante vermelho que Dan vira em frente ao açougue. Só que não era um tombouctuano. Casper Wyoming segurava Camundongo com uma mão enquanto o ameaçava com uma adaga brilhante de lâmina curva.

— Casper! — Atticus gritou.

— Solte o menino! — ordenou Dan, a boca seca como o deserto.

— Tem um fabricante de facas maravilhoso aqui — Casper disse, aumentando a pressão da lâmina no pescoço do Camundongo, fazendo o menino se contorcer. — As lâminas são afiadas como navalha. Mortais. Cheyenne ficou tão impressionada que decidiu comprar uma também. Ela está esperando no final da escada com sua própria faca. Uma gêmea desta aqui, por assim dizer.

— O Camundongo não tem nada a ver com isso — avisou Dan.

Casper respondeu pressionando a faca até a ponta entrar na pele do menino.

— Quiiii! Quiiii! — Casper imitou um rato.

Os olhos do Camundongo estavam arregalados de medo.

— O que você quer? — perguntou Dan.

Seu coração batia tão forte que ele sentia nos tímpanos. O sol da tarde refletiu na faca prateada e entrou em seus olhos até que tudo o que ele conseguiu ver era uma luz brilhante.

— Só peguei pedaços da sua conversa com o velho. Diga o que descobriram ou cortarei esse ratinho em pedaços.

Dan olhou desesperado para os dois lados procurando ajuda, mas todos os vendedores estavam dentro das barracas. Ninguém prestava atenção neles.

— Que diferença faz? — perguntou. — Se encontrarmos o que Vesper Um quer, vamos entregar para vocês de um jeito ou de outro.

— Minha irmã e eu preferimos encontrar nós mesmos — Casper sorriu. — Queremos *cortar* vocês dessa história. — Ele olhou para o garoto aterrorizado. — E quem mais estiver na frente. Vesper Um não confia em você. Acha que está escondendo alguma coisa.

* * *

Dan não tinha escolha. Estava a ponto de contar a Casper sobre a marca de Koldewey quando uma ideia lhe ocorreu. Ele colocou a mão no bolso.

— Pare! — rosnou Casper.

— É meu celular — explicou Dan. — Você quer a informação ou não?

— O que tem a ver com seu celular?

— Eu gravei o que ele disse para passar para a Amy — Dan respondeu, tentando encontrar saliva suficiente para falar. — Não consegui mandar porque nunca tem sinal aqui. Está pronto?

Casper fez que sim.

Dan esperava que funcionasse. Se não, seria responsável por mais uma morte, desta vez de um garotinho. Ele colocou o volume no mais alto possível e tocou num ícone na tela. A campainha do celular ressoou pelo segundo andar do mercado, escadas abaixo e pelas janelas até a rua. O Grande Mercado enlouqueceu. Todos os vendedores saíram correndo das barracas, segurando seus telefones. Uma debandada correu escada acima, atropelando Casper na busca desesperada pelo falso sinal de Dan. O Camundongo se soltou de Casper e disparou entre os braços e pernas da massa em polvorosa.

— Por aqui! — o Camundongo apontou para as escadas que levavam ao telhado.

Dan pôs a cabeça para dentro da barraca do senhor Tajamul. Ele ainda estava debruçado sobre o cavalete, pintando, aparentemente abstraído da confusão do lado de fora.

O pintor olhou para ele.

— Tem sinal?

— Não! — gritou Dan. — Tem um maníaco aqui fora que vai torturar o senhor por informações assim que conseguir levantar.

O senhor Tajamul soltou o pincel e saiu correndo.

Dan estava bem atrás dele. Casper já se apoiava no chão, com o nariz ensanguentado vermelho como o turbante que usava. Parecia um leão enraivecido pronto para atacar.

Dan abriu caminho pelas escadas para o telhado, no contrafluxo. Quando enfim chegou no alto, encontrou Atticus parado na beirada. Sozinho.

— Cadê o Camundongo?

Atticus apontou. O Camundongo estava no telhado da construção ao lado, fazendo sinal energicamente para que o seguissem. Entre os prédios havia um vão de três metros e uma distância de dois andares até o chão.

— Não consigo pular assim! — Atticus exclamou, virando-se, aterrorizado, para Dan.

Dan tampouco tinha certeza se conseguiria. Olhou para trás e, para seu horror, viu que Casper tinha se levantado e estava mancando. Cheyenne, vestida igual ao irmão, não estava mancando. Ela corria loucamente na direção deles com sua adaga gêmea brilhando à luz do sol poente.

Dan segurou Atticus, puxou-o quatro metros e meio para trás e gritou:

— Corra!

Atticus avistou Cheyenne atrás deles e disparou como se estivesse pegando fogo. Conseguiu saltar com vários centímetros de folga. Dan teve um segundo para admirar o que o puro medo era capaz de fazer até chegar a sua vez de pular. Conseguiu por pouco. No último instante a adaga de Cheyenne cortou sua camisa pelas costas.

Dan se levantou tremendo muito, com medo de que seu coração saturado de adrenalina fosse arrebentar o peito.

— Ela vai pular! — Atticus gritou:

Cheyenne tinha se afastado da beirada e depois correu de volta. No momento que chegou à beira do telhado, seu pé prendeu na túnica. Ela caiu no vão como um paraquedista com problema no equipamento.

Dan, Atticus e o Camundongo olharam para baixo. Ficaram só um pouco decepcionados. Cheyenne estava viva, mas tinha caído num monte enorme de esterco de camelo. Segurava o braço e franzia o rosto de dor.

— Até mais tarde — Dan zombou.

As palavras mal tinham saído da sua boca quando a adaga de Casper passou com um assobio pela orelha de Dan. Errou o alvo por centímetros e aterrissou numa viga de madeira com um sonoro *tum.*

Casper olhou para ele e sorriu.

— É melhor correr, garotos. Vocês só tem mais algumas horas.

Capítulo 27

— Luna não parece muito paranoica com a possibilidade de estar sendo seguida — observou Jonah.

Meio quarteirão à frente, ela andava como se estivesse passeando por um shopping todo iluminado.

— Eu sei — comentou Hamilton. — Ela nem olhou para trás para ver se vinha alguém.

— Provavelmente é porque está com um ferro — Jonah olhou para o primo enorme. — Quero dizer que ela está carregando uma arma.

— Eu sei o que quer dizer! — protestou Hamilton. — Como se você soubesse alguma coisa sobre armas.

— Cara! Você não viu meu sucesso de bilheteria, *As crônicas do gangsta?*

— Não — mentiu Hamilton.

— Bom, você deve ser o único cara no planeta que não viu. Eu estava incrível naquele filme, e não era atuação. Tem algumas coisas que não dá para fingir. Se os vilões que eu detonei no filme fossem reais, não teríamos um problema de superpopulação no planeta T.

— Então tá.

Luna levou-os para depois dos muros maciços do Forte Mahim, então dobrou à esquerda em direção à baía e entrou num lugar que tinha o cheiro e a aparência de uma aldeia de pescadores. Ao contrário da rua, havia ali muitas pessoas em frente às casas, o que dificultava a tarefa de Hamilton e Jonah de não chamar a atenção.

— Para onde ela foi? — perguntou Jonah.

— Jonah Wizard! — uma garota gritou atrás deles.

Jonah saiu correndo sem nem olhar para trás. Ele e Hamilton passaram por um labirinto de cabanas e acabaram numa enseada enlameada onde um grupo de pescadores ria alto em volta de uma fogueira. O tom de diversão se transformou em ameaça quando os homens viram os garotos sem fôlego aparecerem do nada. Um dos pescadores estava vestido como Luna Amato.

— Era uma emboscada! — Hamilton exclamou.

Os homens começaram a andar na direção dos dois. As risadas foram substituídas por um silêncio assustador. Atrás deles, um exército de jovens fãs começou a se formar vindo da aldeia, brandindo celulares com câmeras e gritando “Jonah! Jonah! Jonah!”.

Jonah olhou em volta desesperado, e seus olhos pousaram numa única possibilidade de escapar.

— Barco!

A estrela do rap tinha muita experiência em fugir de multidões.

Ele e Hamilton correram para dentro da água e pularam no primeiro barco que alcançaram.

— Vou levantar a âncora — gritou Jonah. — Você liga o motor.

— Não tem motor! — respondeu Hamilton.

— Então precisa içar as velas!

O vento encheu as velas bem na hora que a falsa Luna Amato alcançou a borda do barco e começou a subir. Hamilton pegou um remo e derrubou o homem na água.

Jonah pegou o timão e fez o barco virar enquanto Hamilton derrubava mais duas pessoas no mar. O barco começou a se mover na baía Mahim, deixando os fãs e os pescadores furiosos.

Hamilton pegou o celular e telefonou.

— Era uma armadilha! Temos que avisar Erasmus — ficou em silêncio, ouvindo, então sacudia cabeça. — Caixa postal.

— Temos de voltar lá! — Jonah virou o barco para o sul. — Você consegue reconhecer o depósito daqui?

Hamilton fez que não.

— Não no escuro. Mas Erasmus disse que o Forte Mahim estava a uns três quilômetros do depósito. Tudo o que temos de fazer é descobrir a que distância estamos e ancorar — ele olhou desconfiado para Jonah. — Onde você aprendeu a navegar?

— Jogando videogame.

Hamilton revirou os olhos.

— Me passe o timão.

— Firmeza.

Eles trocaram de lugar.

— Mais uma pergunta — continuou Hamilton.

— Diga.

— O que “firmeza” quer dizer?

— Literalmente?

— É.

— Quer dizer “ok, concordo, beleza”.

— Todas essas três coisas?

— Isso aí.

* * *

Casper Wyoming foi mancando pelo beco. Encontrou a irmã tirando esterco de camelo da túnica listrada de verde com a mão que estava boa.

— Acho que quebrei meu braço. — ela contou. — O que deu em você?

— Torci o tornozelo.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe! Vesper Um nos disse para deixar os Cahill em paz.

— Ele disse para a gente ficar de olho neles e não impedi-los de forma nenhuma. Eu peguei o menino rato, não os fedelhos Cahill. Mas parecia que você estava tentando impedi-los com aquela adaga.

— Eu não estava tentando impedi-los — retrucou Cheyenne. — Estava tentando *espetá-los*.

Eles olharam um para o outro por um instante, depois Casper começou a rir.

— É melhor você torcer para Vesper Um não ficar sabendo o que aconteceu — ameaçou Cheyenne, olhando desconfiada.

— Ele não vai ficar sabendo. — Casper olhou para trás. — Este lugar tem uma coisa a seu favor. — Sorriu. — É ótimo para pessoas desaparecerem.

Capítulo 28

— Achei!

Amy apontou para os três meninos correndo pela rua.

Atticus e Dan entraram no banco de trás. O Camundongo se espremeu com Amy na frente.

Bart esticou a mão e bagunçou o cabelo do filho.

— Em que tipo de encrenca vocês se meteram?

O Camundongo simplesmente sorriu.

— Onde vocês estavam? — Amy exclamou. — Quase morremos de preocupação.

— Estávamos lutando contra os gêmeos do mal — respondeu Dan.

— Os Wyoming! — Amy empalideceu. — Vocês estão bem?

— Sim, mas João e Maria estão meio arrebentados. Cheyenne caiu de cabeça numa montanha de cocô de camelo.

— Não deveríamos tê-los deixados sozinhos — comentou Jake, olhando com raiva para Amy.

Ela retribuiu o olhar.

— Se você não tivesse...

— Se não tivéssemos saído sozinhos — Dan interrompeu — não teríamos descoberto onde as *Desculpas* estão.

— Você sabe onde está? — Amy perguntou, virando-se para o irmão boquiaberta de espanto.

— A rosa dos ventos de De Virga até agora não nos deixou na mão.

Ele contou sobre as ruínas romanas.

— Você e Jake podem continuar com os manuscritos. Atticus e eu vamos até as ruínas ver se encontramos alguma coisa.

— Nem pensar — respondeu Jake. — Toda vez que deixamos vocês sozinhos acontece um desastre.

— Concordo com Dan — interveio Atticus. — Se Koldewey estava certo e lá era mesmo uma colônia romana, é o único lugar no deserto do Saara com chances de ter algum escrito em latim.

— Só tem um problema na sua teoria: a cidade antiga de que você está falando está semienterrada na areia do Saara — apontou Jake.

— Todo mundo em Tombouctou está procurando o manuscrito — comentou Amy. Ela contou sobre seu acordo com o senhor Tannous — Devíamos checar todas as possibilidades. — Olhou para o relógio. — E só temos algumas horas.

— Perfeito — concordou Dan. — Vamos para as ruínas. — Ele deu um tapinha no ombro de Bart. — Você tem uma pá?

— Não posso levar vocês até as ruínas com meu táxi — Bart respondeu. — O único jeito de chegar lá é a pé ou com os barcos do deserto.

— Barcos do deserto? — Amy perguntou.

Atticus comemorou:

— Ele quer dizer camelos!

Capítulo 29

Sim.

A resposta de Amy não importava tanto. Erasmus ia entrar na base secreta dos Vesper independentemente do que ela dissesse. Mas ele tinha perguntado mesmo assim, por consideração a Grace Cahill. Havia algum motivo para Grace ter escolhido Amy como líder dos Cahill, e até então a menina estava fazendo um ótimo trabalho. Merecia um pouco de respeito.

Erasmus sabia que a pessoa tinha saído do depósito não era Luna Amato. Mandara Jonah e Hamilton atrás do impostor, esperando convencer Luna de que sua artimanha tinha funcionado. Depois colocou os óculos de visão noturna e examinou com cuidado as janelas do prédio. Não havia nenhum movimento, nenhuma luz por trás das persianas, mas ele descobriu uma coisa útil. No segundo andar, à direita da entrada, uma janela não estava trancada. Não fazia diferença se Luna ainda estava lá dentro ou não, mas ele não queria que ela soubesse que *ele* estava. Faria uma busca no prédio sem ser notado.

Verificou os bolsos para garantir que tudo estava no lugar. Tinha passado muitos anos no Japão quando era jovem e fora meticulosamente treinado em ninjutsu. Sua roupa de couro não era para andar de moto, nem uma questão de moda. Era feita para proteger, defender. E para deixá-lo invisível.

Erasmus se esgueirou pela rua e escalou o tubo de queda, o cano que drenava a água da chuva das calhas, até o segundo andar, silencioso e certeiro como uma cobra-trepadeira. Antes de forçar a janela, passou um spray especial em cada dobradiça, uma mistura de lubrificantes e grafite. A janela abriu sem nenhum ruído. Ele entrou num instante. A primeira coisa que notou foi o ar condicionado. Não só o ambiente estava fresco como também não havia nenhuma poeira flutuando diante de seus óculos.

Dezoito graus. Ar filtrado. Ambiente fechado.

O segundo andar era composto de um púnico cômodo com baias espalhadas pelos 60 metros de largura e 90m de profundidade. No centro da sala havia um enorme elevador de carga e, próximo dele, uma empilhadeira. Ao lado do elevador havia um lance de escadas.

O lado de fora pode ter centenas de anos, mas o lado de dentro tem cinco, no máximo.

Ele começou a examinar as baias. A primeira tinha uma mesa de ourives e todo o equipamento necessário para cortar pedras preciosas. Na parede, fotografias e desenhos detalhados do diamante Jubileu de Ouro.

A baia seguinte cheirava a tinta a óleo. Uma pintura inacabada estilo Van Gogh estava sobre o cavalete. Era uma obra que Erasmus nunca tinha visto antes. Já conseguia imaginar a manchete: “Van Gogh desconhecido é vendido por milhões em leilão”.

Em frente ao cavalete havia uma bancada com várias chapas para impressão de cédulas: euros, dólares, ienes... Moedas de quase todos os países, na baia adiante viu uma prensa de última geração e caixotes cheios de notas falsas.

Os Vesper ganham dinheiro fazendo sue próprio dinheiro, observou Erasmus.

Na terceira baia, encontrou uma coisa que parecia o modelo do mecanismo de Anticítera roubado do Museu Americano de Computação. Era difícil saber com certeza, porque tinha sido desmontado e as peças estavam espalhadas sobre uma bancada de aço. Na parede acima das peças estava pendurada uma foto do mecanismo de Anticítera original. Mais uma vez parecia familiar, mas Erasmus não conseguia saber de onde. Ele caminhou até uma pilha de diagramas. O desenho de cima mostrava um ímã gigante, maior do que o que havia sido roubado na França. *Os Vesper estão usando as peças do ímã roubado? O que o mecanismo de Anticítera tem a ver com tudo isso?*

Erasmus tinha aprendido mais sobre os Vesper nos últimos dez minutos do que nos últimos dez anos. Seu cérebro rodava com tanta

informação. Ele decidiu que não ia mexer em nada. Em vez disso, ficaria em Mumbai e observaria, para descobrir quem trabalhava ali e rastrear o fluxo de carga. Sem dúvida Vesper Um tinha vários depósitos como aquele, provavelmente em países diferentes, mas poderia levar anos para descobri-los.

Uma dúvida assustadora lhe ocorreu.

Por que Luna tinha mandado uma isca? Com certeza sabia que estava sendo seguida.

Ele ouviu uma porta se abrir no primeiro andar. Fosse quem fosse, tinha tomado cuidado para não fazer barulho, mas não o bastante. Aqueles passos eram de Luna? Ou de outra pessoa?

Erasmus saiu da baia e se posicionou atrás da empilhadeira para ter uma boa vista da escada. Se Luna acendesse as luzes, estava perdido. Estava longe demais da janela para sair por lá. A luz de uma lanterna bateu na parede e iluminou o rosto de um homem.

Milos Vanek!

O agente da Interpol tinha uma lanterna em uma mão e uma arma na outra.

* * *

— Cara, já andamos três quilômetros — insistiu Jonah.

Hamilton não tinha tanta certeza, mas virou o leme para a praia mesmo assim, torcendo para não baterem nas rochas pontudas.

— Você sabe nadar? — perguntou ele.

— Que nem um peixe.

O barco parou com um solavanco e Jonah foi lançado para o mar.

— Você está legal? — gritou Hamilton.

— Firmeza!

Hamilton deu um mergulho perfeito e começou a nadar. Para sua surpresa, Jonah estava logo atrás quando chegou à areia.

* * *

O agente Vanek ficou no segundo andar só o tempo suficiente de inspecionar com a lanterna antes de continuar a subir.

Ele deve ter nos seguido até aqui.

Era preciso admitir que o inspetor tinha suas qualidades. Quando estavam seguindo Luna, ele havia prestado atenção para certificar-se de que ninguém mais vinha atrás, mas não vira Vanek. Perguntou-se se o agente seguira a falsa Luna ou simplesmente esperara do lado de fora e observara Erasmus escalar o tubo de queda.

Mas não tinha importância. Erasmus não pretendia deixar Vanek encontrá-lo outra vez.

Veio um barulho do andar de cima, um som seco de alguma coisa batendo no chão. Todos os músculos no corpo de Erasmus se contraíram. Ele ouviu alguém arrastando uma coisa, ou uma pessoa, pelo chão. Torcia para não ser Vanek o arrastado.

Não posso me envolver.

Erasmus estava em missão. As intenções do agente da Interpol não era problema seu.

Uma luz foi acesa. Escutou uma voz de mulher. A contragosto, Erasmus chegou mais perto da escada para ouvir.

— Vanek, você está velho e lento, e não é muito esperto. Desculpe bater na sua cabeça, mas isso não vai ter importância daqui a alguns minutos. Achou que eu não tinha notado você e seus amigos me seguindo? Uma moto, um táxi e um riquixá? Você perdeu a noção.

Erasmus ouviu um tapa e um gemido.

Não posso me envolver.

— A Interpol está vindo para cá — disse Vanek.

— É mesmo? Deixe-me ver seu telefone. Ah, sim... aqui está. Parece que seu smartphone é mais esperto que você. Ele não mente. Você ligou para a Interpol há mais de duas horas. Desde então não

houve nenhuma ligação, nenhuma mensagem de texto, nenhum e-mail. A Interpol não faz ideia de onde você está. Talvez você tivesse planos para mim e não queria que eles soubessem, hein?

Houve uma pausa, e Erasmus conseguia imaginar a expressão presunçosa de Luna.

— Vão achar você boiando na baía Mahim, ou talvez daqui a dois dias no mar Arábico, despedaçado por causa dos tubarões. Sou o juiz, o júri e o carrasco. O réu tem algo a dizer antes de eu aplicar a sentença?

Não posso me envolver.

— Você é uma traidora, Luna Amato.

— Isso é o melhor que você consegue fazer? Um fim patético para uma vida patética. Adeus, Milos Va...

Rápido e silencioso como um gato, Erasmus estava no alto da escada com um dardo na mão. O dardo ninja acertou a mão que Luna segurava a arma antes que pudesse terminar de falar. Erasmus derrubou-a no chão, e chutou sua arma escada abaixo em um movimento fluido. Depois pegou a arma de Vanek e apontou para a Vesper, olhando-a fixamente.

Luna levantou a mão ensanguentada para se proteger.

— Você não entende, Erasmus — ela implorou. — Seus parentes não são os únicos reféns que os Vesper fizeram!

Erasmus olhou para Vanek. Um hematoma estava se formando no rosto dele e sangue escorria do nariz. Luna o algemara em uma cadeira.

— Você está bem?

— Sim — respondeu Vanek, abalado.

Erasmus observou Luna se levantar cambaleante. Nunca tinha derrubado uma senhora antes, mas não sentia nenhum remorso. Luna Amato era perigosa como uma víbora.

— Os Vesper estão com o meu filho — ela continuou. — Ameaçaram matá-lo se eu não ajudasse.

— Não dê ouvidos a ela! — Vanek gritou. — Luna não tem filhos!

— E Vanek é um mentiroso! Deixou Amy e Dan apodrecendo numa prisão na Turquia. Fui eu que soltei os dois! É Vanek que está trabalhando para os Vesper.

— Nem sei o que é um Vesper — retrucou Vanek.

Erasmus olhou para Vanek. Foi só uma fração de segundo, porém foi o bastante.

A cobra atacou. Erasmus viu a mão de Luna se mexer, mas tarde demais. O dardo estava cortando o ar como uma bala. Rasgou sua roupa de couro como se fosse queijo fresco e enterrou-se em seu coração. Ele pôs as duas mãos no peito. Seus joelhos fraquejaram e ele caiu no chão de madeira. Não conseguia acreditar que a última coisa que veria na Terra era a expressão de contentamento de uma velha maldosa.

Luna pegou a arma de Vanek do chão com a mão boa e apontou para Erasmus.

— Daqui a três minutos este prédio vai virar cinzas, mas você não vai ouvir a explosão. O prazer de matá-lo será meu.

— Não!

Jonah Wizard entrou correndo, com a arma perdida de Luna firme nas mãos. Atirou três vezes – *Bum! Bum! Bum!* – e acertou Luna no tórax à queima-roupa. Mas aquilo não era *As crônicas do gangsta* ou outro de seus filmes de ação. As balas não eram de festim. Luna caiu contra a parede e deslizou para o chão, com um olhar de choque e terror no rosto envelhecido.

Jonah olhou horrorizado para ela. Para o que tinha feito com ela.

Não era mais o Jonah Wizard, astro da música e do cinema com discos de platina.

Era Jonah Wizard, assassino.

* * *

Hamilton correu até Erasmus e tentou estancar o sangue que saía do peito dele.

— Vou chamar uma ambulância.

Erasmus fez que não com a cabeça.

— Tarde demais. No meu bolso... pen-drive. Rápido.

Hamilton abriu com dificuldade o zíper escorregadio pelo sangue e pegou o pen-drive.

— Dê para Amy. Só para ela.

— Ok — Hamilton murmurou.

— Peguem todos os telefones. Baixem todos os dados em Attleboro. Saiam daqui. Base secreta no meu telefone... em Londres. Os Vesper estão...

Mas Erasmus não teve fôlego para terminar a frase. Seu peito estremeceu com força e ele se foi.

Jonah estava de pé diante dele. Mal podia falar.

— Ele está...?

— Está morto — confirmou Hamilton, seu rosto enorme coberto de lágrimas.

— Vocês têm que sair daqui — alertou Vanek. — Luna disse que o prédio ia explodir. Era uma armadilha.

Hamilton assentiu apaticamente e pegou os celulares.

— Onde estão as chaves da algema?

— Não dá tempo — respondeu Vanek — deixem-me aqui!

Hamilton deu os celulares para um Jonah mudo pelo choque, pegou Vanek com cadeira e tudo e correu escada abaixo.

* * *

Hamilton pousou a cadeira com Vanek no beco bem na hora em que a explosão rompeu o ar da noite.

— Chamem a polícia. Explicarei tudo a eles — disse Vanek. — Não vão segurar vocês por muito tempo.

— Não vão segurar a gente por tempo nenhum — respondeu Hamilton. — Estamos indo embora.

— Não! Vocês não entendem. Estou do seu lado. Se vocês ligarem, eu...

Hamilton negou com a cabeça.

— Você não entende. Nós vamos embora. Você fica.

Vanek olhou fixo para Hamilton com seus olhos azuis.

— O que está acontecendo com vocês, meninos? Quem está fazendo isso?

Hamilton ignorou-o

— Vamos ligar para a polícia quando estivermos a salvo — ele se voltou para Jonah — Quer dirigir?

O rapper fez que não e subiu no banco de trás do riquixá.

— Você está bem? — Hamilton quis saber, esperando que o primo respondesse “firmeza”.

Mas Jonah estava preso em algum lugar nas profundezas de sua alma ele não disse absolutamente nada.

Capítulo 30

Andar de camelo era tão desconfortável quanto Dan sempre imaginava ao ver nos filmes. Bart tinha ido ao mercado e alugado três dos animais rabugentos. Dan e Atticus seguiram Bart e seu filho, cujo nome verdadeiro era Aza, que significava “conforto”. Amy e Jake estavam no terceiro camelo, na retaguarda.

— Não sei por que chamam os camelos de barcos do deserto — reclamou Dan. — Não tem nada a ver com navegar. É como fazer um rafting nível seis em câmera lenta. Acho que um rim meu acabou de sair pela perna da calça.

Atticus riu.

Amy sorriu. O terceiro camelo também chacoalhava bastante, mas ela não se incomodava. Ia com as mãos em volta da cintura de Jake para se equilibrar.

— Posso ter me enganado a respeito da margem — disse Jake.

— Ainda não dá para saber.

— Só espero que Dan esteja certo — continuou ele.

Jake se inclinou para trás apoiando nela e olhou para as estrelas brilhando no céu escuro. O deserto se estendia em todas as direções em volta deles, vasto e silencioso. E ainda assim os Cahill só conseguiam pensar nos ponteiros do relógio que não paravam de avançar e nas sete vidas que estavam em jogo.

* * *

Quando chegaram à ruína, só faltava uma hora para o prazo dado por Vesper Um terminar.

— Se encontrássemos as *Desculpas* nesse exato minuto, não teríamos tempo de voltar para Tombouctou — Amy comentou com Jake.

— Vesper Um não disse onde tínhamos de entregá-las — observou Jake. — Só disse que tínhamos de *encontrá-las*.

— Esta é a muralha externa da cidade — explicou Bart. — Aza disse que vem aqui toda hora com os amigos. Ele conhece bem o lugar.

— Então ele será nosso guia oficial — declarou Dan.

Pegaram lanternas e seguiram Aza e Bart pela muralha decadente.

— Aqui está! — apontou Bart.

A rosa dos ventos estava entalhada no muro exatamente onde o senhor Tajamul tinha retratado.

— Você estava certo, Dan — comemorou Amy. — É igual à do De Virga! Mas o que significa?

Passaram dez preciosos minutos procurando ao longo da muralha, mas tudo o que encontraram foi areia e dois escorpiões, nos quais todos tomaram cuidado para não pisar.

Atticus olhou desconfiado para o segundo escorpião.

— Vocês sabiam que mais pessoas morrem por picadas de escorpião do que de cobra? Ouvi dizer que é uma morte muito dolorosa.

Esse tipo de assunto era bem ao gosto de Dan, mas mesmo ele parecia inteiramente concentrado no prazo que estava acabando.

— Vamos! — ele disse, ignorando Atticus. — Temos de encontrar a segunda marca de Koldewey.

Levaram mais vinte preciosos minutos para chegar até o poço.

— A marca de Koldewey — apontou Atticus — idêntica à outra.



Dan apontou a lanterna para o poço.

— Tem pouco mais de um metro de profundidade. Deve estar cheio de areia.

Seu corpo todo se curvou de desânimo.

— Pensem! — exclamou Amy. — Só temos quarenta minutos!

Jake contornou o poço bem devagar, examinando cada centímetro com a lanterna. Depois apontou-a para seu interior e deu outra volta, inclinando-se para ver melhor.

— Trinta e cinco minutos — informou Amy.

Ele levantou a cabeça:

— Não é um poço!

— O que é? — perguntou Dan.

— Uma entrada de ar.

— Como você sabe?

— Meu pai é arqueólogo e já fui a dezenas de escavações. A parede em volta é alta demais e a abertura é estreita demais para um poço.

— Uma entrada de ar do quê? — perguntou Amy, cada vez mais animada.

— De uma antiga mina — respondeu Jake. — Tem uma abertura na lateral, perto do fundo. Eles construíram para a água não entrar pelo buraco.

— Vou dar uma olhada — Dan se adiantou, passando a perna por cima do muro.

— Eu primeiro — interrompeu Jake, empurrando-o para o lado. — Sou mais alto. Não dá para saber qual é a profundidade até o chão da mina. Se for seguro, dou um grito.

Ele subiu no muro. Amy colocou a mão em seu ombro.

— Tome cuidado.

Jake sorriu para ela, depois desapareceu.

Eles esperaram por alguns minutos ansiosamente até Jake informar, com a voz ecoando grave nas pedras da parede:

— É seguro!

Dan pulou no buraco como um coelho. Amy e Atticus foram em seguida. Bart e Aza ficaram esperando.

O túnel tinha só 1,5 metro de altura, então o único que não precisava se abaixar era Atticus. Ele iluminou as paredes com a lanterna.

— Tem coisas escritas em latim!

— Algo interessante? — perguntou Dan.

— Só aquele humor ordinário de porta de banheiro.

— O túnel ruiu logo abaixo da abertura de ventilação — Jake explicou — mas podemos ir para o outro lado.

Enquanto o seguiam, Atticus procurava as palavras *desculpa* e *delito* nas paredes. Os outros pararam em volta, mas ele não encontrou nada.

Amy olhou para o relógio.

— Só temos 25 minutos!

— Tem uma sala ali na frente, em cima — apontou Jake.

Eles seguiram rápido adiante. A pequena sala tinha sido construída na lateral do túnel. Do lado de dentro, havia duas plataformas de alturas diferentes e, apoiadas contra parede, placas de sal iguais às que Dan e Atticus tinham visto no Grande Mercado.

— É um depósito? — perguntou Amy.

— Acho que não — Jake apontou a lanterna para a plataforma mais baixa. — Acho que isto aqui é uma cama. E a outra é uma mesa de trabalho.

Ele apontou a lanterna para a outra plataforma.

— Com certeza é algum tipo de mesa. Está vendo as tochas? — Ele pegou um pedaço de madeira espetado na parede. — Carvão. Aqui era o esconderijo de alguém. Alguém importante. Não deve ter sido fácil de construir. Não dariam um quaro desses para um escravo.

Jake foi até a entrada e iluminou as beiradas.

— Marcas de dobradiça. Tinha uma porta aqui, e provavelmente uma fechadura também. Não usariam uma sala trancada para

guardar sal. O sal só era caro quando chegava no mercado. Aqui, no deserto, não valia nada.

— Acho que encontrei alguma coisa! — Dan exclamou.

Ele estava olhando uma das placas de sal.

— É só sal — Amy murmurou.

— Sei o que é — devolveu Dan. — Acabei de examinar cada placa, mas esta aqui é diferente. Tem alguma coisa entalhada.

Jake assoprou a areia com cuidado.

— Dan está certo! São palavras, e estão em latim! — Ele se virou para Atticus. — Seu latim é melhor que o meu.

Atticus tentou achar o ângulo certo com a lanterna.

— É difícil de ler com esta luz, mas é um texto grande. Deve ter levado um tempão para escrever.

— Só temos 15 minutos! — Amy gritou.

— Foi escrito por um centurião chamado Gaius Marius. A primeira linha diz *"apologia pro meus valde delictum".* São as *Desculpas*!

O pequeno grupo relaxou, aliviado.

— Uau — disse Dan.

Amy olhou para o relógio.

— Com 13 minutos de folga! — Ela abraçou Dan e Atticus, para desgosto de ambos.

— Por que alguém escreveria numa placa de sal? — perguntou Jake.

Amy lembrou-se do que Bazzi tinha dito.

— Antigamente, papel valia muito mais que ouro. É por isso que os estudiosos escreviam nas margens dos manuscritos.

Atticus continuou lendo.

— O centurião diz que se voluntariou para vir aqui em "autoexílio" para "cumprir pena" por ter atado um grande homem e roubado dele uma invenção, ou uma espécie de máquina. Ao que parece, era responsável pela mina de sal. Debaixo dos escritos tem um desenho. Não consigo ver os detalhes com essa luz.

— Alôôô! — Uma voz familiar horrível ecoou pelo túnel. — Podem sair do esconderijo, o pega-pega acabou!

Atticus estremeceu.

— Cheyenne — identificou Amy. — Como ela encontrou a gente?

— Estamos com seus amigos — a gêmea Wyoming gritou. — Vocês têm alguma coisa para nós?

— Deixem os dois em paz! — Amy gritou de volta. — Eles não têm nada a ver com isso. — Ela olhou para o relógio. — Faltam dez minutos!

— Casper disse que vocês têm cinco minutos. E que ele odeia ratos, então o garotinho vai primeiro.

— Você consegue traduzir o que falta em cinco minutos? — Amy perguntou a Atticus.

— Você está brincando? — Atticus chiou. — Levaria no mínimo cinco horas em condições perfeitas de iluminação. E ainda tem o desenho.

— Tire uma foto com o celular.

Dan obedeceu, mas o resultado foi uma mancha branca borrada.

— Tique-taque, tique-taque — Cheyenne falou baixinho.

— Espere! — Amy gritou de volta. — As *Desculpas* estão presas na parede do túnel. Acho que Vesper Um não ficaria muito satisfeito se destruíssemos tudo.

— Acho que vamos ter de entregar sem ter lido — lamentou Dan.

— Não vamos, não — Jake rebateu. Olhou para Atticus. — Você tem papel no bolso?

— É claro, mas eu já disse, não consigo trad...

— Vamos fazer um decalque — explicou Jake.

Atticus olhou para o irmão, desesperado.

— Não temos carvão.

Jake levantou-se e pegou a velha tocha que estava presa na parede.

— Temos, sim.

Atticus arrancou folhas do caderno que sempre carregava no bolso e colocou sobre a placa.

— Quanto tempo isso vai levar? — Amy perguntou.

— Três ou quatro minutos.

— Vou subir para tentar enrolá-los.

— Vou com você — declarou Dan.

* * *

Casper segurava a adaga. Bart e Aza estavam de joelhos na frente dele com as mãos amarradas às costas. Aza apoiava-se no pai, e Bart estava fazendo o melhor que podia para esconder o filho atrás de si.

— Eles desceram por uma escada no céu — Bart disse. — E nos atacaram antes que pudéssemos fazer alguma coisa.

— Não é sua culpa — respondeu Amy, lágrimas ardendo nos olhos. — Sinto muito.

— Cale a boa — interrompeu Casper. — Você está com as *Desculpas*?

— Jake está trazendo. É pesado.

— No que estão escritas?

— No sal.

A cabeça de Dan apareceu no buraco e seus olhos foram direto para Bart e Aza.

— Não se preocupem. O que eles querem está vindo logo atrás de mim.

— É melhor que esteja, ou muitos amigos seus vão morrer — ameaçou Cheyenne. Ela olhou para Bart.

Atticus foi o primeiro a sair. Dan o ajudou.

— Onde está seu irmão? — Casper perguntou.

— Bem atrás de mim.

Jake apareceu com a placa de sal. Ele apoiou as *Desculpas* na beirada enquanto pulava o muro.

Cheyenne foi correndo examinar a placa com a lanterna.

— Está em latim.

— Isto aqui é pesado — Jake informou. — Você vai ter muito trabalho para levantar com um braço só.

— Vou conseguir — ela esticou o braço.

Jake empurrou a placa para perto do buraco.

— Cuidado.

— O que você está fazendo, seu idiota? — berrou Cheyenne.

Jake ignorou-a e olhou para Casper.

— Solte-os.

— Você não está e condições de exigir nada — retrucou Casper. — Esqueceu que estamos com seus amigos? É só eu fazer uma ligação e um refém vai morrer.

— Quer saber? — Jake respondeu, o rosto como pedra. — Não são meus amigos. Não conheço nenhum deles. Mas conheço este homem e este menino. Solte-os ou vou jogar esta placa de volta no poço.

— Jake! — gritou Amy. Mas o olhar duro dele fez suas palavras congelarem na língua.

— Você não faria isso — reagiu Cheyenne.

— Ah, não? — Jake empurrou de leve a placa.

— Pare! — Ordenou Casper.

Com um movimento rápido da faca, ele cortou as algemas de Bart e Aza.

— Preparem os camelos — continuou Jake.

Bart e Aza soltaram os camelos e os fizeram *koosh*, o que quer dizer “deitar”.

— Montem — ordenou Jake. — É assim que vamos fazer: eu vou ser o último a subir no camelo. Vou tirar a mão da placa e você vai ter que segurar, senão ela vai cair. Pesa mais de trinta quilos e é

escorregadia, não dá para segurar sozinha com um braço. — Ele olhou para os camelos. Todos estavam montados. — Pega aí!

Ele tirou a mão e Cheyenne conseguiu segurar por pouco. Casper correu para ajudá-la.

— Até mais tarde — despediu-se Jake, subindo no camelo na frente de Amy.

Bart deu o comando; os camelos se levantaram e o grupo partiu correndo.

Olhando para trás, Dan conseguiu ver Casper pegando a pesada placa e caminhando na escuridão com ela.

— Eles devem ter um quadriciclo motorizado — supôs Amy.

Ficaram prestando atenção para escutar o motor dando partida, mas não ouviram nada.

— Ah, mais uma coisa — disse Cheyenne. Sua voz vinha de algum lugar acima.

— Mas que... — Dan não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Era uma escada no céu — insistiu Bart.

Eles olharam para cima e viram um dirigível destacando-se entre as estrelas.

— Lembrem-se disto — continuou Cheyenne. — E então eram seis.

Ela e Casper começaram a rir.

— E então eram seis! — Sua voz esmoreceu conforme a nave subia. — E então eram seis!

Capítulo 31

Evan Tolliver dormia com o rosto no teclado depois de uma infeliz noite tentando sem sucesso falar com Amy. Acordou e foi aos tropeços para o banheiro do centro de comando para lavar o rosto. Mesmo querendo muito ter notícias da namorada, estava torcendo para ela não fazer a vídeochamada antes de as marcas do teclado na sua testa desaparecerem. Saiu do banheiro e foi direto para a máquina de café *espresso*, embora a última coisa de que precisasse fosse mais uma dose de cafeína.

Mas café é a única coisa que me mantém funcionando. Ele esfregou os olhos avermelhados. *Mais ou menos funcionando.*

Ele misturou um pouco de leite e uma porção exagerada de açúcar e levou o elixir de volta para o computador. Quando estava sentado, o telefone tocou. Café quente caiu na sua mão e no seu colo. Ele deu um pulo e pegou o Bluetooth sobre a mesa enquanto sacudia a mão escaldada e tentava afastar da pele a cueca fervendo.

— Sim? — grunhiu Evan.

— Aqui é o Hamilton.

Evan estava contente que não era Amy. Depois da última conversa, tudo o que ele não queria era ser rude com ela.

— Como está Mumbai?

— Estamos indo embora.

— E Luna?

— Está morta.

— O quê?

— M-O-R-T-A.

— Ouvi agora — respondeu Evan, esquecendo completamente das queimaduras. Primeiro McIntyre e agora Luna. Antes de conviver com Amy, nunca tinha conhecido ninguém que tivesse morrido. Nem mesmo um parente distante. — Como aconteceu?

— Jonah deu um tiro nela.

Evan caiu de costas na poltrona.

— Você está aí? — chamou Hamilton.

— Estou aqui — Evan nunca tinha disparado uma arma.

— Tenho notícias piores. Muito piores — Hamilton hesitou. — Luna matou... ela matou Erasmus.

Uma onde de tontura tomou conta de Evan, e ele não conseguia pensar em uma resposta. Nunca encontrara Erasmus, mas mandava dezenas de e-mails para ele por dia. Tinha aprendido a gostar dele pelas mensagens. Pelo que todo mundo dizia, era um cara fantástico.

— Sinto muito — disse Evan. Parecia ridículo e inadequado, mas ele não sabia o que mais dizer.

— Foi horrível — Hamilton contou, com a voz grave falhando. — Mas não posso pensar nisso agora. Pouco antes de morrer, Erasmus nos pediu para baixar alguns dados.

— Que tipo de dados?

— Dos três celulares: o dele, o de Luna e o de Milos Vanek.

— O agente Vanek estava lá?

— Sim. Ele ficou no beco. É uma longa história. Não tenho tempo para detalhes. Estamos prontos para decolar.

— Ok — Evan se obrigou a se concentrar nos dados. — Plugue os telefones em um computador e baixe a informação. É fácil. Eu vou explicando.

— Não tenho um computador.

Evan fez uma careta.

— Tenho certeza de que tem um computador no jatinho de Jonah.

— Não estamos no jatinho dele, estamos num voo comercial, na classe econômica.

— Classe econômica? — Evan piscou. — As pessoas devem estar pirando em Jonah Wizard aí.

— Não sabem que ele está aqui. Consegui disfarçá-lo muito bem. Ele mal falou desde que atirou em Luna. Estou preocupado. Acho que ele perdeu a cabeça — continuou Hamilton. — Ah, não — resmungou. — Fecharam a porta e estão mandando desligar os aparelhos.

— Espere! Aonde vocês estão indo?

— É melhor eu não dizer. Falo com você depois.

O telefone ficou mudo.

Evan desceu correndo. Precisava contar para Sinead o que tinha acontecido. Ian estava sentado no sofá com um fone no ouvido bom e um laptop no colo.

— Por que tanta pressa? — perguntou ele.

Evan encarou. Não ia contar nada para Ian.

— Nada — respondeu.

Ian apontou para sua calça.

— Você precisa fazer mais pausas para ir no banheiro.

— É café!

— Sei.

— O que você está fazendo?

— Trabalhando, como pode ver. Alguém tem de resolver esse mistério. E estou fazendo alguns avanços.

Alguém tem de provar que você é um porco traidor.

Evan passou pela cozinha, que era o caminho mais curto para a edícula. Saladin se esgueirou para a sala quando a porta abriu. Evan não se deu conta até ouvir Ian gritando no sofá. Normalmente isso o faria rir, mas estava estressado demais até para isso.

Erasmus está morto.

Ele não conseguia acreditar. Atravessou o jardim correndo até a pequena casa e entrou com tudo pela porta da frente sem se preocupar em bater primeiro.

Sinead estava sentada na frente da escrivaninha, trabalhando no laptop. Ela fechou o computador e se virou para ele.

— O que aconteceu?

— Erasmus está morto! Amy está em Tombouctou! Hamilton e Jonah estão fugindo!

— É melhor você sentar e respirar — sugeriu Sinead. — Vamos do começo.

Capítulo 32

Eram quase cinco da manhã quando Amy, Dan, Atticus e Jake chegaram ao aeroporto de Tombouctou. Estavam exaustos, mas contentes. O senhor e a senhora Tannous também. Embora as *Desculpas* não tivessem sido encontradas nos manuscritos, Amy queria retribuir a bondade do senhor Tannous com uma carona para o Marrocos.

— Para onde? — perguntou o piloto.

— Marrocos — respondeu Amy. — Depois que chegarmos lá, informaremos o próximo destino. Temos Internet?

— Teremos quando tivermos altitude o bastante.

Assim que o avião começou a voar, Atticus e Dan soltaram o cinto e começaram a espalhar os decalques no chão.

Dan olhou para o celular, esperando ter sinal. A vinte mil pés de altitude, conseguiu. E então chegou uma mensagem, mas não era de AJT. Era a Sinead.

Erasmus morto. Luna Amato morta. Tenho provas de que Ian é o traidor. Peça para Amy ligar o mais rápido possível.

Dan olhou inexpressivamente para o telefone, como se não conseguisse acomodar as letras na cabeça. Como se alguma coisa horrível como aquela não fosse possível.

Erasmus está morto. Ele não pode estar morto.

Dan foi até apoltrona de Amy. Ela estava ligando o computador, remexendo em sua papelada como gostava de fazer. Pelo menos dessa vez parecia calma, relaxada, e não como se cada segundo de suas vidas fosse uma crise ambulante. Porém, Dan ia estilhaçar aquela calma conquistada a duras penas.

— Amy? — chamou ele, pondo a mão no ombro da irmã. E então contou as notícias.

* * *

Amy teve de ler a mensagem várias vezes até a informação ser absorvida de fato. Seu irmão estava sentado na poltrona em frente, fitando a escuridão pela janela com olhos vazios.

— Não pode ser verdade — murmurou ela. — Simplesmente não pode.

Lágrimas desceram por seu rosto. *Eu o fiz entrar na base secreta. Eu disse "sim". Sou responsável pela morte dele.*

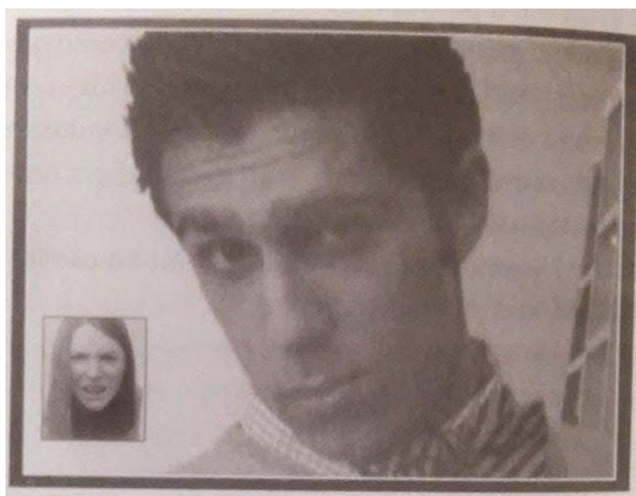
Ela recebeu uma videochamada e atendeu sem pensar. O rosto de Ian Kabra encheu a tela.

— Oi, Amy — disse ele todo alegre. — Onde você está?

— Você sabe muito bem onde estou — respondeu Amy, uma tempestade de fúria bruta crescendo no peito.

— Na verdade, não sei — respondeu Ian. — Estou ligando para dizer que descobri algumas coisas. Minha mãe est...

— Como pôde? — gritou Amy. — Como pôde fazer isso com sua própria irmã?



— Do que você está falando? Estou tentando descobrir onde Natalie está, como você.

— Erasmus está morto!

— Quem está morto?

— Odeio você, Ian Kabra! — Amy fechou o laptop com tanta força que trincou a tela.

O telefone Vesper tocou. Amy tirou-o da bolsa e quase esmagou-o também. Respirou fundo e apertou o botão. Uma fotografia apareceu: os reféns. Pareciam horríveis. O macacão de Nellie estava em frangalhos e seu rosto e braço estavam inchados. O macacão de Alistair Oh também estava esfarrapado. Todos eles pareciam feridos, exceto Ted Starling e...

— Cadê o Phoenix? — Amy disse, jogando o telefone para Dan porque a enxurrada de lágrimas mornas tinha obscurecido sua visão. — Diga que você está vendo o Phoenix!

— Do que você está falando? — perguntou Dan.

— Phoenix — repetiu ela. — Ele não está na foto, está?

Dan se levantou, pegou o telefone e olhou para a imagem. Seu rosto empalideceu, e em seguida suas bochechas avermelharam de raiva.

— Não significa nada, não necessariamente — sugeriu ele. Era como se não suportasse acreditar em outra coisa. — Talvez só tenham levado Phoenix para outro lugar.

— E então eram seis! — lembrou Amy com amargura.

O avião estava virando um borrão conforme o choque tomava conta dela.

O telefone Vesper tocou e novo e uma mensagem de texto apareceu. Os irmãos leram juntos.

Um, dois, Phoenix já foi. Três, quatro, caiu no buraco. Cinco, seis, chegou sua vez. Sete, oito, não fiquem afoitos. Nove, dez, direi seus papéis. Vocês não acharam de verdade que eu os recompensaria pelo fracasso com o Jubileu, não é? E, como podem ver, os outros também pagaram um preço. Sugiro que estejam nos Estados Unidos nas próximas 24 horas ou outro Cahill vai cair.

Vesper Um.